

PCP

Programa eleitoral do PCP

Para apresentação do seu Programa Eleitoral para as eleições legislativas de Outubro, o PCP promove hoje, às 15 horas, no Centro de Trabalho da Soeiro Pereira Gomes, em Lisboa, uma conferência de Imprensa em que participa Carlos Carvalhas.

Proletários de todos os países UNI-VOS!

Avante!

Órgão Central do Partido Comunista Português

Semanário • ISSN 0870-1865 • 9 de Setembro de 1999 • Preço: 180\$00 (IVA incluído) • N.º 1345 • Director: José Casanova



Uma Festa de luta e solidariedade

Confiança



Paz para Timor independente!

Editorial A Festa da nossa confiança

EDITORIAL

A Festa da nossa confiança



A Festa do «Avante!» terminou, no domingo, com um comício a que assistiram dezenas de milhar de pessoas.

RESUMO

1
Quarta-feira

Milícias pró-integracionistas matam dois jovens timorenses, incendiam várias casas e cercam sede da UNAMET em Díli, fazendo reféns mais de trezentas pessoas, o pessoal da ONU e vários jornalistas ■ O Conselho de Segurança das Nações Unidas condena os ataques das milícias em Timor e exige medidas do governo indonésio ■ O secretário do Tesouro americano anuncia que o FMI não concederá mais créditos à Rússia até ao esclarecimento das suspeitas de branqueamento de dinheiro por parte das autoridades russas ■ Atentado à bomba num centro comercial de Moscovo - reivindicado pela União dos Escritores Revolucionários - causa 41 feridos.

2
Quinta-feira

Membros das milícias matam mais dois funcionários locais da UNAMET em Timor, enquanto milhares de indonésios e vários jornalistas abandonam Díli ■ A Quercus apresenta 20 propostas para melhorar a política ambiental do país ■ Em Moscovo, um outro grupo, uma facção radical de islamitas do Daguestão, reivindica também autoria do atentado perpetrado ontem ■ A secretária de Estado norte-americana, Madeleine Albright, anuncia que as negociações entre israelitas e palestinianos acerca da aplicação do acordo de «Wye Plantation» vão prosseguir.

3
Sexta-feira

A Festa do Avante inicia-se na quinta da Atalaia ■ A poucas horas da divulgação dos resultados do referendo de 30 de Agosto as milícias indonésias fazem pelo menos 39 mortos em Timor ■ A independência ganha em Timor por uma esmagadora maioria de 78,5% ■ Jorge Sampaio congratula-se com os resultados do referendo em Timor e exprime a urgência de as Nações Unidas assumirem as suas responsabilidades na garantia de segurança dos timorenses ■ O Conselho de Segurança das Nações Unidas reúne-se em nova Iorque para apreciar uma proposta portuguesa de envio de capacetes azuis para Timor-Leste ■ O administrador das Nações Unidas no Kosovo promulga uma lei que faz do marco alemão a moeda oficial.

4
Sábado

As milícias semeiam o terror e o caos em Timor, onde se fala de 100 mortos e de várias cidades em chamas, com os jornalistas obrigados a permanecer no hotel ■ O ministro da Justiça indonésio

anuncia que Xanana Gusmão será libertado no dia 8 de Setembro ■ António Guterres e Jorge Sampaio unem esforços para convencer a comunidade internacional ao envio de uma força militar para Timor ■ O Sinn Féin e o principal partido protestante da Irlanda do Norte reiniciam as conversações para relançar o processo de paz.

5
Domingo

Carlos Carvalhas, no comício de encerramento da Festa do Avante discursa sobre o estado da política e os objectivos do PCP ■ O Conselho de Segurança da ONU reúne-se em sessão de emergência para discutir o agravamento da situação em Timor-Leste, enquanto que a Cruz Vermelha Internacional denuncia aumento da violência e que pelo menos 25 mil pessoas tiveram de fugir das suas casas desde que foram conhecidos os resultados do referendo ■ Ramos Horta teme pela segurança de Xanana Gusmão após a sua libertação ■ Cinco mortos e dezenas de feridos resultantes de confrontos físicos marcam o primeiro dia de eleições legislativas na Índia ■ Dois atentados no norte de Israel provocam três mortos e dois feridos, após a ratificação do acordo entre israelitas e palestinianos.

6
Segunda-feira

O general Wiranto envia quatro mil soldados de elite para reforçar a segurança em Timor mas os ataques das milícias continuam a registar-se por todo o território ■ A Comissão Europeia apela às autoridades indonésias que ponham termo à violência das milícias ■ O Supremo Tribunal israelita considera ilegais os métodos de interrogatório e a tortura utilizados pelos serviços secretos internos nos interrogatórios a palestinianos ■ O conflito entre as forças russas e os islamitas do Cáucaso alastra do Daguestão até à Chechénia.

7
Terça-feira

Xanana Gusmão, líder da resistência timorense, é libertado ■ Grande manifestação em Lisboa e vigília no Porto exigem a paz e a independência de Timor Loro Sae e apelam à intervenção dos capacetes azuis ■ Partidos políticos portugueses são unânimes na condenação da Indonésia ■ Em nome da Conferência Episcopal Portuguesa, D. José Policarpo, Patriarca de Lisboa, apela ao Conselho de Segurança das Nações Unidas que não se enredem «na lentidão» nem se prendam «com interesses imediatos» e «ajam determinada e rapidamente em defesa da justiça e do direito internacional» ■ Sismo em Antenas faz 25 mortos e mais de uma centena de desaparecidos.

É

muito provável que esta 23.ª edição da Festa do «Avante!» venha a ser recordada como iniciadora de um novo ciclo, de uma nova etapa nesta magnífica caminhada que teve o seu ponto de partida na FIL, em 1976. «Isto, este ano, está melhor do que nunca»: esta e várias outras expressões de sentido semelhante começaram a ouvir-se no cada vez mais belo espaço da Atalaia, logo a partir da noite de sexta-feira e eram já opinião generalizada no momento do encerramento da Festa. E não se tratava apenas de repetir opiniões de todos os anos, decorrentes da alegria e da satisfação de estar mais uma vez na Festa: falando com as pessoas, percebia-se que aquele «está melhor que nunca» era isso mesmo, rigorosamente, que queria dizer. É possível que todas as caracterizações da Festa até agora produzidas, mantendo-se correctas, estejam aquém da realidade que foi a Festa deste ano. Como há muito vimos dizendo, a Festa do «Avante!» é o maior acontecimento político-cultural realizado no nosso País; é uma realização singular tanto pela forma como é construída como pela forma como funciona nos seus três dias de existência; é única na diversidade e na qualidade de elementos de atracção. Não sendo apenas um festival de música igual a vários outros que, particularmente no mês de Agosto, mobilizam milhares de jovens em vários pontos do País, é também isso (possivelmente mobilizando, até, uma maior massa juvenil) mas com a vantagem assinalável de, a essa massa juvenil, juntar uma multidão de gente de todas as idades, constituindo um harmonioso espaço de encontro de todas as gerações. Enfim, é um espaço de festa e convívio com o qual nenhum outro pode ser comparado.

O êxito político e de massas da Festa do «Avante!» deu mais força à nossa confiança

Ora, a 23.ª Festa do «Avante!» foi tudo isso, teve tudo o que de bom tiveram todas as que a antecederam, mas teve mais do que isso. Não apenas no que respeita ao número de visitantes (que há-de ter sido o mais elevado ou um dos mais elevados de sempre) mas essencialmente no que respeita à postura dessa multidão composta por centenas de milhares de jovens, mulheres e homens, comunistas e não comunistas, vindos de todos os pontos do País. Dir-se-ia que uma nova maneira de estar na Festa, nascida do conteúdo específico da Festa, sujeita a avanços e recuos mas progredindo inexoravelmente, foi este ano assimilada e assumida pela generalidade dos visitantes. Como aquela «água mole» que, persistentemente caindo sobre a «pedra dura», dela fazia brotar cravos vermelhos - segundo a alegoria patente no pavilhão do Alentejo... Como se a «festa dos comunistas», sem deixar de o ser, tivesse passado a ser a «festa de todos» - de todos os que a fazem e vivem - e cada um dos visitantes, independentemente de ser ou não militante comunista, a sentisse como «nossa», isto é, dos comunistas e dos que, não o sendo, nela se sentem como se estivessem em sua casa com a sua gente. Só isso pode explicar a maré de alegria, de satisfação, de confraternização, que encheu a Atalaia no passado fim de semana.

A luta heróica do povo timorense e a sua vitória histórica contra o ocupante, conseguida pela força da coragem, da persistência, da determinação, tiveram lugar de destaque na Festa. Bem como o drama actual resultante do facto de a Indonésia não se conformar com a vontade expressa pela esmagadora maioria dos timorenses e prosseguir, directa ou indirectamente, a sua acção opressora e repressiva, levando a cabo um massacre traduzido já em centenas, talvez milhares, de mortos. (Os argumentos hipócritas utilizados pelos responsáveis indonésios para «justificar» o morticínio que, às suas ordens, está a ser praticado em Timor - e a criminoso passividade da chamada comunidade internacional, mais uma vez exibindo o seu critério de dois pesos e duas medidas em matéria de democracia e direitos humanos - constituem mais um brutal atentado contra o martirizado e heróico povo maubere e um insulto à inteligência de todos os cidadãos.

Presente na Atalaia esteve, igualmente, a solidariedade concreta dos comunistas a décadas de luta do povo maubere - solidariedade de todos os dias e de todos os momentos, solidariedade claramente expressa mesmo quando muitos que, agora, se põem em bicos de pés, consideravam a luta do povo maubere inexoravelmente condenada ao fracasso... - e a afirmação clara da disponibilidade para a continuação e intensificação dessa solidariedade na dramática situação actual. Solidariedade sem contrapartidas, sublinhe-se, e não atitudes oportunistas e golpistas que, mais do que o apoio ao povo de Timor, visam a obtenção de benefícios partidários e eleitorais - e de que é exemplo escabroso a «proposta» feita à CGTP e à UGT, através da

RTP, pelo «cidadão Francisco Louçã» (que, por casualidade, é também dirigente e candidato do Bloco de Esquerda às próximas legislativas...), no sentido de apelarem aos trabalhadores portugueses para uma paralisação simbólica de três minutos, apelo que, como o «proponente» muito bem sabia, já estava decidido quando ele o «propôs»...

Como aqui se disse já, a Festa do «Avante!», sendo um momento de balanço de um ano de actividade política dos comunistas, é simultaneamente ponto de partida para novas batalhas - a primeira das quais, já em curso, culminará com o acto eleitoral de 10 de Outubro, cujo resultado assume particular importância. Reforçar a votação da CDU e aumentar o número dos seus deputados na Assembleia da República, é um objectivo necessário e possível de alcançar. Para isso, é indispensável demonstrar ao eleitorado que, como sublinhou Carlos Carvalhas, secretário geral do PCP, no comício de encerramento da Festa, «em 10 de Outubro, o que faz falta na verdade não é decidir entre duas faces da mesma moeda, PS e PSD, que têm governado Portugal na base das mesmas orientações fundamentais e disfarçam a coincidência de políticas através de duelos fingidos e de guerrilhas pessoais. Em 10 de Outubro, o que faz mesmo falta é dar mais força à CDU».

O êxito político e de massas da Festa do «Avante!» deu mais força à nossa confiança e foi um sinal inequívoco da existência de condições para o êxito do PCP e da CDU nas próximas eleições legislativas.

Avante!

Proletários de todos os países UNI-VOS!

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português
Rua Sáez Pereira Gomes, 3
- 1600 - 196 Lisboa - Tel. 793 62 72

DIRECÇÃO E REDACÇÃO:
Rua Sáez Pereira Gomes, 3 - 1600 - 196 Lisboa
Tel. 796 97 25/796 97 22 Telex 18390
Fax: 795 22 64

ADMINISTRAÇÃO:
Editorial «Avante!», SA - Av. Almirante Reis, 90, 7.ª A,
- 1169-161 Lisboa
Capital social: 15 000 000\$00. CRC matriculada: 47058
NIF - 500 090 440

DISTRIBUIÇÃO:
DISTRIBUIÇÃO ADE's
Editorial «Avante!», SA - Av. Almirante Reis, 90, 7.ª A,
- 1169-161 Lisboa
Tel. (01) 815 34 87/815 35 11
Fax: 815 34 95

Alterações de remessa:
Até às 17 horas de cada sexta-feira:
Tel. (01) 815 34 87/815 35 11

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL
DELTAPRESS

Delegação Lisboa:
Tapuda Nova
Capa Rota - Linho - 2710 Sintra
Tel. (01) 924 04 47

Delegação Norte:
Zona Industrial da Maia
Sector IX
Rua B Lt. 227 - 4470 Maia
Tel. (02) 941 76 70

ASSINATURAS: Av. Almirante Reis, 90, 7.ª A 1169-161 Lisboa
- Tel. (01) 815 34 87/815 35 11 - Fax: 815 34 95

PUBLICIDADE: Av. Almirante Reis, 90, 7.ª A 1169-161 Lisboa
- Tel. (01) 815 34 87/815 35 11 - Fax: 815 34 95

Composição e Impressão
Heska Portuguesa, SA
Campo Razo
2710 - 130 Sintra
Depósito legal n.º 205/85

TABELA DE ASSINATURAS *

PORTUGAL (Continente e Regiões Autónomas)	EXTRA-EUROPA
50 números: 8 100\$00; 25 números: 4 200\$00	50 números: 30 600\$00
EUROPA	GUINÉ-BISSAU, S. TOMÉ E PRÍNCIPE e MACAU
50 números: 21 850\$00	50 números: 23 000\$00

* IVA e portes incluídos

Nome _____

Morada _____

Código Postal _____

Enviar para Editorial «Avante!» acompanhado de cheque ou vale de correio.

FESTA



Festa na Atalaia

Convívio, solidariedade e luta!

«Que sejam três dias de alegria, de convívio, de cultura, de solidariedade e de luta! Que sejam três dias de grande impulso para a importantíssima batalha que vamos travar.» Com estas palavras, o secretário-geral do PCP, Carlos Carvalhas, declarava aberta a 23.ª edição da Festa do «Avante!». Acompanhado dos membros dos organismos executivos do Comité Central e da Direcção da Festa, o dirigente comunista falava na sexta-feira, momentos depois de abertas as portas da Atalaia, para os milhares de visitantes que acorreram à larga Praça da Paz para saudarem mais esta grande iniciativa do PCP.

Marcada por três acontecimentos - do passado, do presente e do futuro - que a percorreram durante três dias e culminaram no grandioso comício, para além das numerosas iniciativas culturais que ali trouxeram uma intensa vida e um alargado convívio com a arte nas suas variadas expressões, para além do largo espaço dedicado como sempre aos encontros e ao convívio, a Festa comemorava o 25.º aniversário do 25 de Abril, arrancava com confiança para a batalha eleitoral que vai ser travada, manifestava a profunda solidariedade dos comunistas portugueses para com o povo de Timor.

Esses três acontecimentos atravessaram toda a Festa.

Nas exposições políticas das organizações, o PCP levava ao conhecimento dos visitantes as listas de candidatos da CDU em cada círculo eleitoral e muitas davam conta do trabalho realizado na Assembleia da República pelos deputados comunistas. Numerosos debates, no pavilhão central, ocupavam-se de variados temas políticos, com uma assistência e participação sem precedentes. O 25 de Abril foi assinalado não apenas com exposições mas também com outras iniciativas que deixaram bem claro que a memória da Revolução e sobretudo os seus valores e experiências estão vivos não só entre os comunistas mas também entre todos os que com eles partilham a esperança de um novo rumo na política nacional. Enfim, uma onda de

solidariedade com todos os povos do mundo - patente sobretudo no espaço internacional onde se assinalava a presença entre nós de mais de quarenta delegações estrangeiras, de partidos e organizações revolucionárias e progressistas - percorria toda a Festa. Sobretudo a solidariedade para com o povo de Timor. À hora em que a Festa abriu as suas portas ainda não eram conhecidos os resultados do referendo, mas a certeza crescia nos corações dos muitos milhares de pessoas que acorreram à Atalaia. E Carlos Carvalhas, no seu discurso de abertura, prometia novidades para breve.

Esses três temas, todos carregados de esperança - o aniversário de Abril, o arranque para a campanha eleitoral que se apro-

xima, a solidariedade com Timor -, tiveram mais tarde expressão muito viva no comício de encerramento. De novo um grito profundamente sentido alastrou entre as massas ali presentes - 25 de Abril sempre! Uma grande confiança na batalha por um reforço das posições da CDU a conquistar nas eleições foi demonstrada por milhares de vozes num dos maiores comícios dos últimos anos. E, pela primeira vez, um delegado estrangeiro tomava a palavra na tribuna do comício da Festa. Roque Rodrigues, membro do Conselho Nacional da Resistência Timorense, falou da alegria da vitória e do drama do genocídio que prossegue. E ouviu o imenso clamor de solidariedade ali expresso, exigindo o fim da agressão indonésia, exigindo liberdade e paz para Timor independente.

Festa da juventude

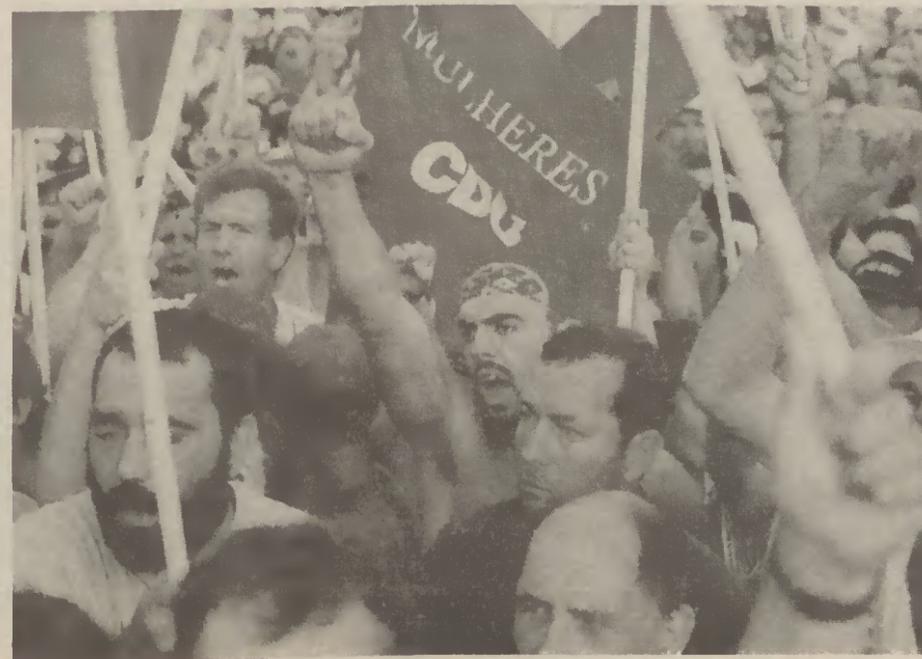
Sublinhando essa solidariedade presente na Festa que abria as suas portas e o espírito de confiança e de luta que animavam os comunistas para a batalha eleitoral, Carlos Carvalhas assinalou ainda, nas breves palavras que proferiu então, o que considerou

ser marca do nosso Partido, das suas características, das suas raízes e da sua maneira de estar na sociedade portuguesa: é que esta Festa que é a maior realização político-cultural do nosso país só é possível pelo trabalho militante, pelas milhares de horas aqui deixadas por homens, mulheres e jovens: os construtores da Festa.

Agradecendo ainda a todos quantos prestaram ajuda à construção da Festa, destacou o papel que aí desempenhou a juventude, a juventude CDU e a JCP pelo seu empenhamento generoso nas tarefas realizadas neste belo espaço da Atalaia.

Esta é uma Festa de alegria e de juventude e para a juventude, disse, festa dos comunistas portugueses mas sempre visitada por milhares de cidadãos sem partido e que sempre têm manifestado a sua satisfação pelo clima fraterno e pela dimensão lúdica e cultural desta grande realização.

Por nossa parte, procuramos dar, nas páginas do nosso jornal, uma ideia, ainda que breve e necessariamente limitada, da dimensão e do espírito que percorreu as diversas e numerosas manifestações e iniciativas desta festa grandiosa.



Debates no Forum Nas conquistas e no combate Abril do povo está vivo

Durante os dias da Festa, fez-se política de uma maneira diferente. Em vez do apimbalhado espectáculo dos líderes ou das tiradas espertas apontadas a distantes e anónimos telespectados, os esforços foram para a informação, o esclarecimento, a opinião e o sentimento, no mais nobre sentido que se lhes pode dar.

No Forum do Pavilhão Central, o primeiro debate, na sexta-feira à noite, foi dedicado aos 25 anos do 25 de Abril.

Domingos Abrantes, da Comissão Política do PCP, relembrou que havia beneficiários do fascismo. De tal forma o poder político e o poder económico estavam interligados, que era normal a troca de lugares entre governantes e responsáveis dos grandes grupos, eram usuais as medidas mútuas de apoio entre o Estado e as famílias que dominavam a economia e até chegava ao ponto de, dentro das instalações da CUF, no Barreiro, haver um posto da GNR.

As nacionalizações e a retirada de poder económico aos que suportaram o fascismo e dele se alimentaram, salientou Domingos Abrantes, foram indispensáveis para garantir a defesa da democracia conquistada com o 25 de Abril. Entretanto, defendeu o dirigente comunista, a reconstituição do poder dos grupos económicos, designadamente dos que foram responsáveis pelo fascismo, tem sido acompanhada por constantes ataques e limitações aos direitos e liberdades dos trabalhadores.

“A revolução não é a noite de 24 para 25 de Abril, são estes 25 anos passados, é o amanhã e o depois de amanhã, é todos os dias”

Durand Clemente

Para Adelaide Pereira, do Comité Central do Partido, a revolução de Abril e a luta das mulheres tornaram possível a realização de muitos e importantes direitos, fazendo com que a população feminina tenha sido das camadas mais beneficiadas com a queda do fascismo. O retrocesso social dos últimos anos não foi quebrado com o Governo do PS, que teve vontade política de direita e, apesar de promessas e declarações, não fez a aplicação das leis nem tomou medidas efectivas de promoção da igualdade. José Ernesto Cartaxo, dirigente da CGTP e membro do CC do PCP, lembrou que, com a lei dos contratos a prazo, partiu de Mário Soares, à frente do Governo PS/CDS, a primeira grande ofensiva contra os trabalhadores e as importantes conquistas que obtiveram com o 25 de Abril, para cujo êxito contribuíram de forma determinante.

Durand Clemente fez um balanço dos objectivos do Programa do MFA (descolonizar, democratizar, desenvolver), salientando que não está hoje tudo como a 24 de Abril, embora ainda haja muito por realizar. Apelou a uma maior participação colectiva para aprofundar a democracia e refutou as tentativas de apresentar a revolução como acto de um ou alguns heróis.

Do público não vieram propriamente perguntas, mas comentários e opiniões. Domingos Abrantes, a concluir, referiu a palavra de ordem «25 de Abril sempre» não como mero slogan, mas como manifestação de força para construir o futuro, no caminho necessário para um Portugal próspero e de justiça social

Fotógrafos da "Festa!"

Colaboraram nesta "Festa!" os fotógrafos:

Ana Miguel,
Carlos Nabais,
Eduardo Gageiro,
Gonçalo Pereira,
Januário Trigo,
Jorge Cabral,
Jorge Caria,
Jorge Santos, José Frade,
Júlio Dinis, Pedro Soares,
Sérgio Morais,
Teresa Lacerda
e Vítor Castro



FESTA



Debates no Forum

As guerras imperialistas pedem firmeza pela paz

De orelhas a escaldar terão ficado, sábado à noite, aqueles que, há uns dez anos atrás, previam e apregoavam que, com a debilitação e desaparecimento, por fim, da União Soviética e do Pacto de Varsóvia, o mundo iria caminhar para uma situação – por todos desejada – de paz, de desarmamento e de demo-

cracia. No colóquio realizado no Forum do Pavilhão Central, ficou bem ilustrado, com casos ocorridos e perigos iminentes, o actual quadro, que desmente por completo aquelas teses.

Albano Nunes, do Secretariado do Comité Central e responsável da Secção Internacional do PCP, salientou que a

“Quando deflagra uma guerra, a primeira vítima é a verdade”

Comandante Costa Santos

Nato, em vez de caminhar para a dissolução como aliança militar, alarga-se, fortalece-se e adopta um conceito estratégico ofensivo. Ao lado da Nato e dos

EUA, a União Europeia assume também características de natureza militar. Deixou de ser referido o objectivo global de acabar com as armas nucleares,

enquanto a intervenção dos EUA na região da Ásia e do Pacífico e uma política militarista no Japão são admitidas no recente acordo militar nipo-americano.

Destruída a oposição ao imperialismo, a natureza expansionista deste faz-se sentir com mais força, defendeu o dirigente comunista, reclamando agora para o PCP a razão que, naqueles tempos, estava «contra a corrente» das opiniões dominantes. A militarização mostra-se como complemento da política de exploração dos povos e as potências imperialistas preparam-se, através da força das armas, para dirimir contradições do capitalismo e sufocar povos que resistem.

Jorge Cadima, colaborador da Secção Internacional do Partido e nome conhecido dos leitores do «Avante!», focou a atenção na guerra da Nato contra a Jugoslávia, notando que foi a primeira vez, desde há meio século, que a guerra voltou ao continente europeu. Com abundantes citações de fontes independentes (ou mesmo comprometidas com os promotores

e defensores da intervenção militar nos Balcãs), acusou os EUA e a Nato de atingirem deliberadamente alvos civis, utilizarem armas proibidas por convenções internacionais, contarem com o êxodo de centenas de milhares de refugiados.

O comandante Costa Santos, especialista em assuntos militares e política internacional, expressou a sua indignação pelo facto de, tal como sucedeu em 1949 – quando o governo fascista fez de Portugal um Estado fundador da Nato, então apresentada como aliança defensiva –, também nada se ter perguntado ao povo português antes de, no passado dia 24 de Abril, ter sido proclamado o novo conceito estratégico. Defendeu que soldados portugueses não devem ser utilizados como «mercenários do imperialismo» em guerras que não nos dizem respeito.

Do público, entre outros «anónimos» interessados no que vai pelo Mundo, falou também o coronel Varela Gomes, resistente antifascista e destacado membro do MFA.



Encontro com Saramago

A Festa depois do Nobel

Um auditório repleto recebeu José Saramago com calorosos aplausos, cerca das cinco e meia da tarde de sábado. Não é propriamente novidade, a presença do escritor comunista na Festa do «Avante!» e a participação em iniciativas com os leitores e outros visitantes. Mas o encontro, desta vez, teve um sabor especial, um gosto a alegria que temperou a inquietação face às injustiças e perigos que povoam o mundo e que, desde Outubro do ano passado, têm encontrado um mais forte eco público, nas palavras faladas de Saramago - ele próprio reconhecendo que tem, desde essa altura, falado muito e escrito pouco.

José Casanova, director do «Avante!» e membro da Comissão Política do PCP, começou o encontro, precisamente, fazendo notar que esta era a primeira Festa desde que, pela primeira vez, foi atribuído o Prémio Nobel a um escritor de língua portuguesa «que teria que ser José Saramago». Reafirmando que «o Nobel não acrescentou nada a José Saramago, mas José Saramago acrescentou muito ao Nobel», o dirigente comunista lembrou como, logo depois de receber a distinção da Academia sueca, o escritor marcou presença em iniciativas com camaradas de Partido, com trabalhadores em luta e num comício de solidariedade com Cuba, ao lado de Fidel Castro.

Manuel Gusmão, professor de Letras e membro do Comité Central do PCP, dissertou sobre «o que faz a diferença em Saramago» e justifica o seu impacto além-fronteiras. O romance de Saramago prolonga e renova a tradição das sociedades huma-

nas de contar histórias, representando-se a si própria, com os seus desejos, expectativas, horizontes. Face à crise de valores no mundo contemporâneo, a leitura de Saramago apresenta disputas em nome de valores, contém um desejo de justiça que, para muitos leitores, constitui uma esperança-ainda. Na relação entre invenção e história, defendeu Manuel Gusmão, quando o impossível acontece, o escritor «acrescenta real» ao real que nos querem dar.

“Quando Saramago inventa a História, está a mostrar o modo como nós a fazemos, ela não é só passado, é presente”

Manuel Gusmão

Quem lá esteve ouviu, sem dar conta que passou uma hora, aplaudiu no final e gritou PCP! Foi uma reacção natural às palavras do escritor.

José Saramago agradeceu, confessou que «não sei o que vou dizer, mas estou seguro do que vou dizer» e partiu para uma torrente de reflexões, interrogações e exortações.

Os votos de Saramago

«A melhor satisfação que as festas podem dar-nos é o desejo de voltar. Ora, o costume das festas também é esse, voltarem e voltarem, por isso é que as fazemos, mas o que não sucede sempre é estar disposto a voltar a elas quem antes nelas havia estado. Não é o caso da festa do «Avante!», a ela todos voltam, e voltam cada vez em maior número. Ela é, desde há mais de vinte anos, a Festa, como em outros tempos o partido que a organiza era o Partido, e isto não são jogos de maiúsculas, mas realidades sociais e políticas tão patentes hoje como o foram ontem. Talvez a explicação se encontre no facto de ambos, a Festa e o Partido, o Partido e a Festa, estarem, cada vez mais, à altura das suas responsabilidades. O que não é dizer pouco, quando se trata de um Partido com esta história e de uma Festa com este entusiasmo. Que sempre se mereçam um ao outro, é o melhor que lhes podemos desejar. E a quem à Festa vá e a ela volte.»

São estes os votos expressos por José Saramago, numa nota enviada à nossa Redacção a propósito da Festa.

Comunistas como nas condições que

«Hoje, que dia é?» – perguntou Sérgio Ribeiro, economista e eurodeputado do PCP até às eleições de Junho. Logo no início, José Casanova tinha sugerido um diferente ponto de partida para uma abordagem diferente que levaria a conclusões semelhantes: «O que é não ser comunista hoje?». A pergunta, para o debate que, domingo à tarde,

preencheu os lugares sentados e tapou o acesso dos atrasados ou curiosos ao Forum do Pavilhão Central, era: «O que é ser comunista hoje?»

Para Ângelo Alves, dirigente da JCP que se definiu como «aprendiz de comunista», tratou-se de debater a actualidade do ideal comunista. Manuel Gusmão foi à história e à filosofia,



Debates no Forum Bom trabalho na AR será melhor com mais votos

A direcção do Grupo Parlamentar do PCP compareceu sábado à tarde no Forum do Pavilhão Central, onde se falou de eleições legislativas e da acção dos deputados comunistas na Assembleia da República. Octávio Teixeira, presidente do Grupo e membro da Comissão Política do Partido, valorizou o trabalho desenvolvido e o importante contributo do PCP para que fossem aprovados diplomas positivos, para que fossem combatidos e até derrotados alguns conteúdos negativos,

“É possível aumentar o número de deputados do PCP e é para isso que vamos trabalhar”

Octávio Teixeira



origem em projectos do PCP, que se destacou como o mais produtivo dos grupos parlamentares. «Não fizemos apenas o discurso, propusemos e fizemos aprovar leis», disse Octávio Teixeira. «Para fazermos mais e melhor», o líder parlamentar comunista apelou à eleição de mais deputados das listas da CDU, no dia 10 de Outubro, resultado que também contribuirá positivamente para impedir uma maioria absoluta.

O desafio à apresentação de críticas, comentários e perguntas foi prontamente aceite pelas dezenas de pessoas que enchem o auditório: como vencer o silêncio sobre o trabalho dos comunistas, por que tem mudado o sentido do voto em Beja e Évora, costumo discutir isto na minha célula, o PS é a direita no poder, temos que falar mais de saúde alimentar...

Octávio Teixeira compartilhou preocupações, lembrou a necessidade de ler o «Avante!» e de exigir mais tempo para os comunistas nas televisões, apontou algumas nuances que distinguem o PS do PSD e do PP, concordou que este tem o apoio político do PS e que se pode questionar se não haverá mesmo outro tipo de auxílio, desmascarou os «amigos dos reformados» que, na AR, votaram contra a reposição da idade de reforma das mulheres nos 62 anos e contra o aumento extraordinário das pensões proposto pelo PCP.

Depois de Lino de Carvalho ter chamado a atenção para os efeitos, passados e previsíveis, da desertificação do Alentejo, e admitido que um dos objectivos, na próxima legislatura, poderá ser a apresentação de um código de práticas de consumo, a palavra voltou ao público. João Amaral e António Filipe tomaram a seu cargo a segunda ronda de respostas e comentários, desafiando a que seja feita a comparação entre as promessas que deram votos ao PS e o balanço da actuação deste na AR e no Governo, e apelando a que «cada um de nós leve mais gente a votar CDU».

e para que (no chamado «ponto antes da ordem do dia», onde o Partido dispõe de 25 minutos cada dia) chegasse à AR um conjunto de problemas nacionais, sectoriais e locais, sentidos sobretudo por portugueses e portuguesas de estratos sociais cuja voz, por norma, não é ouvida pelos poderes. Por não haver maioria absoluta, salientou — remetendo os detalhes para o folheto de prestação de contas distribuído no auditório e que vai ser utilizado como um dos mais consistentes materiais de campanha eleitoral — foi possível fazer aprovar durante esta legislatura 56 leis, com

sempre são de hoje

“Não queremos ser o partido dos cidadãos, para ter mais votos, nem isso traz mais votos”

Sérgio Ribeiro

regressou ao contexto actual e apontou a eliminação da exploração como único caminho para a igualdade.

Com tantas e tão rápidas modificações ocorridas e a ocorrer no Mundo e em Portugal, o debate mostrou-se oportuno, levando mesmo a que, da plateia, um jovem pedisse a palavra apenas para saudar a iniciativa e propor... um espaço maior na próxima Festa do «Avante!». Da França e Itália até ao Tibete, das leituras dos clássicos às provas vividas por cada um, foi com muita vivacidade e claro empenhamento que militantes comunistas, simpatizantes do Partido e outros visitantes da Festa participaram no debate, que teve

que terminar, porque já estava na hora do comício, mas com entusiasmados gritos de «PCP! PCP!»

Para José Casanova, o que distingue os comunistas de hoje é a situação em que intervêm, procurando lutar melhor por valores e segundo princípios de sempre. Após a derrota da experiência de construção de uma nova sociedade, o reforço do poder do capitalismo e a instauração de uma nova ordem imperialista criam dificuldades acrescidas, que levaram alguns comunistas a deixarem de o ser. Destes, Casanova distingue os vendidos da vida e os vendidos da vida. «Outros pensam que a luta continua», tanto mais que as

alterações negativas acentuaram a essência do sistema capitalista e realçam a necessidade de uma nova sociedade.

A história do PCP «só nos pode encher de orgulho», afirmou Manuel Gusmão, colocando no património dos comunistas os valores da Revolução Francesa, das revoluções operárias do século XIX, da Comuna de Paris e da Revolução de Outubro. Ângelo Alves acentuou a necessidade de passar o testemunho das lutas às jovens gerações, que precisam ter a consciência de que as coisas podem ser diferentes. Sérgio Ribeiro recordou que o comunismo surgiu com a análise do capitalismo e a denúncia dos mecanismos de apropriação da mais-valia criada pelo trabalho, que constituem a raiz das injustiças sociais. E lembrou que ser comunista é tomar partido e levar os outros a tomar partido.



Pavilhão Central No mesmo olhar o passado e o presente

Bastava um olhar pelo Pavilhão Central e logo se constatava qual o tema que este ano marcava a grande Festa do órgão central dos comunistas: as comemorações dos 25 anos do 25 de Abril.

Estavam, de facto, ali pedaços significativos da nossa história recente, de 25 anos de liberdade feitos de conquistas mas também de recuos. Mesmo aos que viveram esses intensos e agitados anos parecia-lhes quase impossível voltar a reviver momentos que julgavam inesquecíveis e afinal se encontravam já no limbo da memória, tal a imensidão dos acontecimentos que então vertiginosamente se sucediam.

E as cem primeiras páginas do «Avante!» expostas no Pavilhão Central serviram mais uma vez para demonstrar ser este, em Portugal, o verdadeiro órgão de informação dos trabalhadores e das massas populares.

A derrota do 28 de Setembro de 1974, a independência de Angola, em 1975, ou a ultrapassagem da meta de 50 mil contos da primeira campanha nacional de fundos para a compra da Sede do PCP, em 1977, foram manchete de alguns «Avante!» desta década.

Em 1980 as parangonas do «Avante!» iam já para a IV Conferência sobre a Reforma Agrária e a necessidade da sua defesa ou, em 1982, para a adesão de 1 milhão e 500 mil trabalhadores à primeira greve

geral no país. Em 1986, era notícia de primeira página a «derrota da reacção» nas eleições presidenciais.

A década de 90 começa marcada pelas «Privatizações do PSD». Em 1992, o PCP exige um debate nacional sobre Maastricht e a PAC e, em 1993, ainda por exemplo, a primeira página do «Avante!» assinala o seu 1000.º número em liberdade. O ano de 1994 destaca-se negativamente pela unidade do PS e do PSD para a revisão da Constituição e, em 1996, o PCP, face à ofensiva em curso contra os direitos dos trabalhadores, apresenta um projecto visando a clarificação dos conceitos sobre a duração do tempo de trabalho, onde «as pausas contam!».

Em 1998, ao mesmo tempo que comemora os 150 anos do Manifesto do Partido Comunista, o órgão central dos comunistas regista a onda de desemprego que agita a Europa e, chegados a 1999, a par das lutas dos trabalhadores e da acção do PCP, que aliás percorre todos os seus números, o «Avante!», destaca as eleições legislativas de 10 de Outubro próximo, em direcção às quais os comunistas avançam com toda a confiança.

Uma epopeia em cartaz

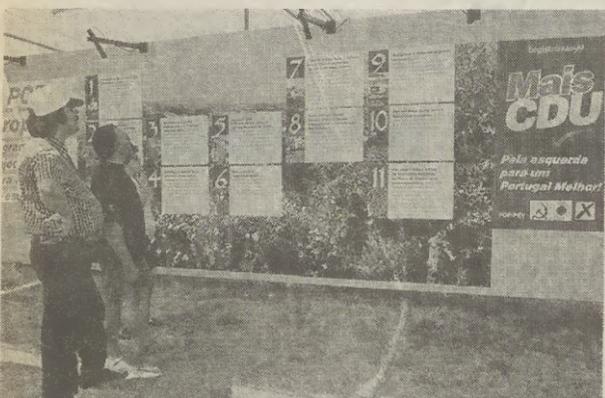
Mas o que de principal ocorreu nestes últimos 25 anos estava também espelhado nos cem cartazes seleccionados para a exposição, podia-se, pois, acompanhar a evolução de um processo revolucionário que substituiu tiros por cravos, conturbado mas, ao mesmo tempo, de uma riqueza sem par. Parte dessa gloriosa epopeia do povo português estava ali em toda a sua pujança, evocando memórias, vontades, lembrando factos.

A ligação povo-MFA, a conquista das nacionalizações e da Reforma Agrária, a solidariedade a outros povos em luta, estavam assinalados em cartazes - alguns muito belos - que, traduzindo os vários momentos políticos de então, não esqueceram outras «empreitadas» então levadas a cabo, como as campanhas de alfabetização ou de respeito pelas leis do trânsito como forma também de «avançar na revolução», ou a 1.ª Assembleia Unitária do Concelho do Seixal.

Grande parte dos exemplares expostos diziam, naturalmente, respeito às propostas e princi-



Pavilhão Central



país iniciativas do PCP ou, ainda, ao desmascaramento de mentiras então propaladas contra o PCP como aquele onde à pergunta de «Quem tem medo dos comunistas?» se segue a infismável resposta de «Os parasitas».

Confiança no futuro

Quanto à Exposição Política, ela foi dominada, como não podia deixar de ser, pelas eleições legislativas de 10 de Outubro.

Com grandes painéis apresentando os onze principais objectivos que o PCP propõe para uma política de esquerda, o destaque dirigiu-se neste amplo espaço para o imenso trabalho desenvolvido pelos deputados do PCP e da CDU na Assembleia da República. Aliás, à disposição dos visitantes da Festa para qualquer esclarecimento que se mostrasse necessário, durante os três dias da Festa esteve sempre presente no Pavilhão Central um deputado do PCP.

«Não deixem que eles ponham as mãos em tudo», era um dos slogans que em várias paredes se podia ler, em alusão clara à propaganda do PS e à política de direita que tem sido seguida.

Uma política de direita que foi ali amplamente denunciada, seja no que respeita ao pacote laboral, à penalização do aborto, ao aumento dos telefones, aos «jobs for the boys», à «vampiri-

zação» da economia nacional ou aos 980 milhões de contos de benefícios fiscais para o grande capital. Uma política desastrosa a que o PCP contrapôs na Exposição Política patente ao público o intenso trabalho por si desenvolvido dentro e fora das instituições, as suas propostas para a próxima legislatura e... os candidatos que encabeçam as listas com que a CDU se propõe concretizar a política que defende.

Uma exposição política que deixou claro para quem a visitou a confiança com que os comunistas encaram o futuro, patente igualmente no espaço Internet que lhe estava subjacente e demonstrava com números a crescente afluência de cidadãos à página do PCP.

Lutas sindical e política estão associadas

Também Américo Nunes, dirigente da CGTP-IN considera que o 25 de Abril está intrinsecamente ligado à ideia de liberdade. Razão por que quando, por exemplo, se nos deparam atrasos ou repressão em empresas, se ouve dizer que «o 25 de Abril ainda cá não chegou».

A verdade é que os trabalhadores estiveram em toda a luta antifascista, tendo naturalmente como vanguarda o PCP que entendia a frente sindical como prioritária e cedo preconizou a entrada dos seus militantes nos sindicatos fascistas.

É assim que, antes do 25 de Abril, alguns sindicatos conquistam direcções da confiança dos trabalhadores, realizam-se assembleias de trabalhadores com enorme adesão, são levadas a cabo inúmeras lutas e greves proibidas, como a da Sorefame no próprio dia 24 de Abril de 1974.



À conversa com... Histórias de Abril em discurso directo

«Conversas sobre... o 25 de Abril» foi o tema genérico dos cinco colóquios promovidos por «O Militante» no espaço que todos os anos ocupa na Festa. Neste espaço, um prelo dos que se usavam na clandestinidade era manuseado por mãos que durante anos o fizeram, não à luz do dia como agora, mas em condições de enorme perigo, razão por que talvez ainda não tenham esquecido como então se fazia o «Avante!», «O Militante» e outra

imprensa clandestina do PCP dirigida a trabalhadores de diversos sectores.

Um enorme e belo quadro de Malangatana oferecido ao PCP serviu de pano de fundo às palestras informais que ao longo dos três dias de Festa abordaram «O Militante e o 25 de Abril», «Os militares e a Revolução», «Os trabalhadores e o 25 de Abril», «As mulheres também resistiram» e «Em defesa da Revolução».

Divulgar «O Militante»

A conversa sobre «O Militante e o 25 de Abril» teve a participação de Blanqui Teixeira, membro da Comissão Central de Controlo e há muitos anos director de «O Militante», um dos órgãos do PCP.

Nascido em 1933, «O Militante» viveu nos seus primórdios grandes dificuldades, levando a que, até 1941, saíssem apenas duas séries. Porém, em 1941, recomeça a sua terceira série, cuja publicação se prolongará com regularidade durante 33 anos seguidos. O que, para quem conhece um pouco sobre a vida dos partidos clandestinos, sabe ser um verdadeiro record.

Com o 25 de Abril o Militante sofre grandes modificações. Aliás, as tarefas imensas que se colocam então ao Partido, fazem com que o seu primeiro número legal saia apenas em Junho de 1975, altura em que inicia a sua IV série.

Saído de um longo período de clandestinidade, o PCP, até então um Partido de quadros mas que rapidamente passa a um Partido de massas (100 mil militantes em Maio), tem a questão da organização

como uma das mais prementes a resolver. Daí que os primeiros números legais de «O Militante» sejam fundamentalmente virados para o problema da «organização».

Hoje sai de 2 em 2 meses e trata todo o tipo de problemas - políticos, económicos, sociais e culturais. Este ano, pela importância da data que se comemora, tem dedicado em todos os números 12 páginas ao 25 de Abril, designadamente através de artigos, comentários e entrevistas, algumas das quais com os próprios protagonistas do levantamento militar.

Resumindo, uma publicação necessária, que não é cara (200\$00 de dois em dois meses) e

abarca temas de grande interesse para os comunistas e mesmo para os democratas que com eles pretendem uma sociedade mais fraterna e justa. Mas precisa de ser mais divulgada. E, afinal, como Blanqui Teixeira sublinhou, não é assim tão difícil a cada um dos assinantes de «O Militante» arranjar umas dezenas de novas assinaturas...



Uma efeméride sempre actual

O 25 de Abril não se esgota na época nem no preâmbulo que o antecedeu, sublinha o major Dinis de Almeida, militar destacado do 25 de Abril e orador da conversa sobre «Os militares e a Revolução». Começou muito antes da reunião de 9 de Setembro e resultou de muitos anos de luta em o PCP teve o papel mais destacado.

Mas é o povo que, juntando-se aos militares, ajuda a dar-lhe a cor da liberdade e a consolidar os objectivos que a muitos faltavam.

Às vezes, diz o major Dinis de Almeida, os jovens perguntam se a festa do 25 de Abril «não é uma festa de pessoas cada vez mais idosas e, por isso, tendente a desaparecer»? Não, garante, é uma efeméride com

uma força que ultrapassa gerações e constitui um direito inalienável pelo qual sempre se vai continuar a lutar: a liberdade, afinal a melhor associação que se pode fazer ao 25 de Abril.

É com a guerra colonial que o recrutamento militar começa a proletarianizar-se e as elites deixam de querer seguir a carreira. Em 1971/72/73, a Academia Militar acolhe uma nova vaga de capitães representantes de todos os estratos sociais, numa modificação que veio favorecer a revolução. São oficiais que lidam com a realidade e conhecem de perto a guerra e o trabalho escravo das colónias, criando entre si pontos de convergência.

«Quantos eram os militares de Abril?», perguntam muitas vezes. Talvez 200 de entre os 5



mil oficiais que constituíam o quadro permanente do Exército, responde Dinis de Almeida. Duzentos oficiais com muita coisa a uni-los mas habituados a obedecer a uma hierarquia, com falta de experiência e cheios de dúvidas e que politicamente nunca tinham sido chamados a

confrontar ideias. Ou seja, 200 oficiais com 200 teorias. Um contexto obviamente difícil que, para o major Dinis de Almeida, justifica os acontecimentos que se sucederam ao 25 de Abril, cujo processo foi possível defender graças à adesão massiva do povo e à acção do PCP.

«censura» e «liberdade de reunião». O que, segundo Américo Nunes, atesta bem, o conceito de luta que já então a Intersindical tinha e que manteve até aos dias de hoje: não dissociar a luta sindical da luta política.

A Intersindical aparece, pois, no dia 26 de Abril de 1974, com uma direcção organizada que, nesse dia, decide apresentar à Junta de Salvação Nacional um caderno político-reivindicativo, apoia o MFA e convoca o 1.º de Maio.

A partir daí, sucederam-se as greves, cadernos reivindicativos e as grandes conquistas dos trabalhadores, algumas já liquidadas, outras ainda ameaçadas. Américo Nunes termina lembrando que «os direitos conquistam-se, exercem-se e defendem-se exercendo-os. Porém, sem uma luta firme também se podem perder».

À conversa com...

PCP essencial na defesa da revolução

Coube a António Dias Lourenço, dirigente histórico do PCP, conversar sobre «a defesa da Revolução» e lembrar que «o 25 de Abril não caiu do céu aos trambolhões!», nem respondeu a uma acção «voluntarista» de alguns militares. Ele foi o corolário de lutas e lutas de muitos anos, de sofrimentos, de prisões e torturas até à morte.

Mas a revolução triunfou. Só que, então dirigida por uma Junta de Salvação Nacional que integra elementos de direita e até fascizantes, se não fosse a enorme pressão das massas populares e a acção do PCP as ideias que a nortearam teriam sido de imediato subvertidas.

Por isso, o 1.º de Maio de 1974, que levou à rua milhões

de portugueses exigindo a restituição das liberdades democráticas, foi sem dúvida um marco decisivo para a consolidação do 25 de Abril. Como o foi, imediatamente a seguir, a aliança «Povo-MFA» que se criou.

Mas as forças contra-revolucionárias logo começaram a tentar minar o 25 de Abril. Dias Lourenço lembra o «golpe Palma Carlos», o «11 de Março», a «maioria silenciosa» do 28 de Setembro e, por fim, o 25 de Novembro, não esquecendo ainda de referir um outro acontecimento de «grande gravidade» que foi o comício do PS na Alameda, destinado a atacar os comunistas.

Contando inúmeros episó-

dios por si próprio vividos durante estes conturbados anos, Dias Lourenço evocou com especial emoção o «Verão quente» de 75, quando as forças reaccionárias atacaram e queimaram trinta Centros de Trabalho do PCP mas onde encontraram a resistência heróica dos militantes comunistas, um dos quais perdeu a vida.

Porém, o 25 de Abril vingou e, segundo o dirigente histórico do PCP, por três razões fundamentais: pelo apoio popular, pela capacidade política do PCP e pela heroicidade dos camaradas que souberam resistir aos ataques perpetrados contra os comunistas durante esse «Verão quente» de má memória.



Mulheres que teceram Abril

Nos 48 anos de luta contra o regime fascista, as mulheres estiveram integradas na luta constante do povo português pela sua libertação, participando praticamente em todas as batalhas, afirmou Margarida Tengarrinha, resistente clandestina e durante muitos anos membro do Comité Central na conversa sobre «As mulheres também resistiram».

As mulheres sempre fizeram parte de diversas organizações como o Socorro Vermelho Internacional - uma das primeiras formas de assistência aos presos políticos e solidariedade aos outros povos em luta - e formaram organizações como o Conselho Nacional de Mulheres pela Paz, a que presidiu essa grande figura de escritora e mulher progressista que foi Maria Lamas.

Margarida Tengarrinha invoca outras importantes figuras de lutadoras, umas comunistas, outras não, algumas já desaparecidas, que lutaram abnegadamente pela libertação do povo português, muitas delas tendo passado largos anos na prisão e ficando com a saúde desgastada.

Mas a sua atenção vai também para as inúmeras mulheres cujos nomes não são conhecidos mas que foram «pilares e esteiros da defesa das casas clandestinas». Só a sua imensa dedicação e generosidade permitiu suportar as difíceis condições e o isolamento em que viviam, a dor da separação dos filhos quando chegavam à idade escolar.

Também não foram esquecidas por Margarida Tengarrinha, os milhares de mulheres anónimas que resistiram ao fascismo, que nas fábricas e nos campos fizeram greves, que lutaram contra a guerra colonial, que protestaram contra os embarques de tropas, que, hoje desconhecidas, participaram na torrente de lutas que levou à queda da ditadura e ajudaram «a tecer a teia de resistência ao fascismo de que o PCP foi o grande motor».

Em resumo, ao longo de 48 anos de resistência, as mulheres não regatearam esforços nem sangue e no 25 de Abril, como a própria exposição fotográfica de Eduardo Gageiro (ao lado de Margarida de Tengarrinha) na Festa mostrava: elas lá estavam, não menos corajosas, envolvidas na massa de gente que apoiava a revolução.



Homenagem a Eduardo Gageiro Fotos de Abril

Com Eduardo Gageiro, a Comissão Organizadora desta homenagem escolheu 25 fotografias que o artista fez no 25 de Abril. Fotos «daqueles dias». Muitas que conhecemos, de que nos lembramos, que muita gente desconhecia e que hoje, ajudada a memória, muitos vão sentir ter «estado lá» por interposta imagem. Depois, a Comissão pediu a 25 autores portugueses que, a partir delas escreveram textos. E finalmente, a exposição, em destaque no Pavilhão Central, num especial lugar

de reencontro com a história. Homenagem a este fotógrafo de Abril, com muitos escritores presentes, mas sobretudo com muitos visitantes interessados. Também havia um livro, com as fotos e os textos. Mas, olha: esgotou-se. Fica-se à espera de reedição. Desta homenagem, que também foi uma festa, escolhemos deixar aqui as palavras de Manuel Gusmão.



Manuel Gusmão: Uma fonte de alegria

Apenas algumas palavras:

Primeiro de agradecimento ao Eduardo Gageiro pela sua arte que constrói imagens do mundo, imagens que condensam tempo e contam uma história que só a arte sabe contar. De agradecimento aos escritores que aceitaram escrever sobre ou a partir das fotografias.

Depois redizer o óbvio: esta exposição é uma homenagem múltipla: ao trabalho criador e testemunhal do Eduardo Gageiro; e às falas de quem escreveu. Mas é também uma homenagem ao 25 de Abril e àquelas inúmeras gentes que o fizeram, que o estão outra vez a fazer aqui diante de nós.

Esta exposição é uma espécie de álbum de família. Uma heterogénea família, família não consanguínea mas histórica. Trata-se da construção de uma fraternidade pela qual nós humanos nos fazemos também. Uma fraternidade que é uma herança, um compromisso e uma obstinada esperança.

Nesta exposição, por dispersa no tempo, nós recordamos e imaginamos a história feita, mas porque não também a história por fazer?

Antes da abertura, quando vim ver a exposição já montada, cruzei-me com dois jovens

construtores desta cidade dos encontros que é a Festa. Vinham ainda em roupas de trabalho, e tendo olhado e lido mais um painel, um deles - que não teria mais de 25 anos, disse para o amigo: «Isto faz-me arrepios, põe-me arrepiado.» O que ele dizia, a mim emocionava-me.

Singular eficácia da arte como fazer partilhado e lugar de encontro.

O que o comovia, julgo, era encontrar-se com a memória do que não viveu, e que entretanto passa a ser parte da sua vida, como algo que o comove ou o põe em movimento.

Nesta exposição, as fotografias falam e respondem; os textos ouvem, perguntam. Textos e fotografias constroem diálogo, um diálogo a que nós nos acrescentamos. Estas imagens e estas palavras esperam por nós, quiseram que nós viéssemos. Como um judeu alemão, Walther Benjamin, que viveu entre o marxismo e o messianismo judaico, dizia (algo que nesta exposição podemos entender) - *nós aprendemos a falar e a ver e percebemos que fomos esperados sobre a Terra*. Ser esperado sobre a Terra é para nós uma exigência e uma promessa, a fonte de uma alegria.



Um país em Organização

«Se tivesse dinheiro, ia de uma ponta a outra, só comia petiscos e empanturrava-me com o país inteiro!»

A frase ouvimo-la a um jovem que, encantado com a Festa que visitava pela primeira vez (era de Leiria e fora levado por amigos de Lisboa), discutia criteriosamente com os companheiros as opções a fazer no tal capítulo dos petiscos. Na verdade, é já um lugar comum dizer que a Festa do «Avante!» todos os anos oferece aos visitantes o que de melhor se cozinha, fabrica ou manufactura em todo o País.

As Organizações Regionais do Partido são as grandes protagonistas desta imensa montra nacional exposta no recinto da Atalaia. Mas não só. As comemorações do 25.º aniversário da Revolução de Abril e a próxima batalha das legislativas mobilizaram igualmente todas as Organizações, num empenho que deixou bem claro que a Festa também é luta.

O 25.º aniversário da Revolução de Abril estava profusamente assinalado por todo o recinto, com as Organizações Regionais do PCP a festejar também a efeméride através de exposições, decorações e até réplicas de monumentos, como, por exemplo, um belo monumento ao 25 de Abril na zona

de Alentejo ou a réplica do primeiro monumento ao 25 de Abril feito no país e exposta por Setúbal.

As lutas de cada região estavam igualmente retratadas com as respectivas especificidades, dando nota e conta dos problemas concretos vividos em cada uma delas e do papel sempre

interveniente, atento e combativo do PCP.

Igualmente se falava por toda a Festa do que a luta perseverante vai conseguindo, bem como do trabalho realizado pelos comunistas nas mais diversas esferas de intervenção, com relevo para a frente autárquica.

Naturalmente, a batalha eleitoral das próximas legislativas constituía-se na grande confluência destas vertentes políticas, integrando a campanha com grande vigor e determinação.

E Timor, sempre. A solidariedade dos comunistas com o heróico povo maubere estava omnipresente no recinto, com as Organizações Regionais a empenhar-se activamente na grande frente de solidariedade que urge intensificar, nestes trágicos dias em que a Indonésia está a perpetrar um novo genocídio sobre o povo timorense perante a inacreditável passividade da ONU e de quem nela manda, com destaque para os EUA.

Saberes e sabores

É impossível, em tão breve espaço, relatar ou sequer resumir tudo o que se passou em cada pavilhão das Organizações Regionais, todas sempre densamente povoadas de visitantes quer para fruir espectáculos, saborear petiscos e refeições ou fazer compras impossíveis de realizar em qualquer outro local, pela sua variedade e qualidade ali mesmo à mão de semear.

Limitamo-nos a assinalar algumas coisas, como as «sopas do Espírito Santo», as «morcels com ananás» ou o queijo de S. Jorge, nos Açores, os mariscos, D. Rodrigues e «queijinhos do céu» no

Algarve «animados» a acor-deão, a variedade decorativa do pavilhão de Aveiro reflectindo a diversidade cultural e social da região, ou o palco criado pelo Alentejo (desta vez englobando Beja, Évora, Portalegre e Litoral Alentejano) para actuação de homens e mulheres trazendo as «modas» das suas terras -

isto a par dos sempre muito procurados produtos alentejanos, quer se fale de petiscos, queijos, enchidos, barros ou manufacturas de couro e cortiça. Braga - que quer recuperar o seu deputado da CDU - lá estava com o seus caldos, vinhos e petiscos minhotos, tal como Bragança, que este ano «envolveu» os seus sempre procurados produtos com poesia e música transmontanas. Castelo Branco e Guarda apresentaram-se com os seus fabulosos queijos, presuntos e paos, abrindo caminho a muitas outras iguarias locais na sua Taberna Regional. Coimbra surpreendeu a Festa com o seu «Espaço Interactivo da Ciência» (ver



Os mistérios da ciência desvendados a brincar

O Espaço Interactivo de Ciência apresentado pela Organização de Coimbra do PCP, além de uma novidade, foi um dos grandes sucessos da Festa: instalado perto de uma das entradas do recinto, o Espaço nunca teve espaços mortos na recepção dos muitos milhares de visitantes que, em filas de espera permanentes, aguardavam alegremente a sua vez de experimentar o prodígio de brincar através experiências científicas.

Encostar uma bola usando apenas uma corrente de ar fornecida por uma mangueira, adivinhar texturas, formas e materiais tacteando num recipiente inspirado nos mistérios das cerimónias da ordália, descobrir a escala de solfejo em gigantescos tubos de ar,

lançar objectos num declive que recua em vez de descer devido ao centro de gravidade, experimentar bizarras distorções de óptica em jogos de espelhos, descobrir o princípio do periscópio manuseando exemplares feitos de simples espelhos e cartolina, deliciar-se com as bizarras provocadas pela electricidade estática, espreitar ao microscópio reacções e formas insólitas, abordar as surpresas da química com manuseamentos simples e directos, eram apenas algumas das surpresas que esperavam (e apaixonavam) os visitantes do Espaço Interactivo da Ciência.

Embora os mais jovens, com a sua alacridade e entusiasmo inesgotável, se afirmassem activamente como os utentes sobera-

nos deste Espaço, os mais velhos - digamos mesmo os de «todas as outras idades» - também não hesitavam em envolver-se nas brincadeiras, agora experimentando, depois olhando atentamente as explicações científicas dos fenómenos que acabavam de desencadear e, finalmente, repetindo a «dose», de brilho nos olhos.

A iniciativa trazida pela Organização Regional de Coimbra fazia bem juz às palavras de Bento de Jesus Caraça, retiradas da obra *Conceitos Fundamentais de Matemática* e expostas à entrada do pavilhão: «A ciência pode ser encarada sob dois aspectos diferentes. Ou se olha para ela tal como vem exposta nos livros de ensino, como coisa criada, (...) Ou se procura acompanhá-la no seu desenvolvimento progressivo, assistir à maneira como foi sendo elaborada, e o aspecto é totalmente diferente (...). A ciência encarada assim, parece-nos como um organismo vivo, impregnado de condição humana, com as suas fraquezas e subordinado às grandes necessidades do homem na sua luta pelo entendimento e pela libertação; aparece-nos, enfim, como um grande capítulo da vida humana social».

O Espaço Interactivo de Ciência apresentado na Festa do Avante! é apenas um segmento da grande exposição do Exploratório Infante D. Henrique / Centro de Ciência Viva de Coimbra, situada na cidade do Mondego, apoiada essencialmente pelo Ministério de Ciência e Tecnologia e tendo a a colaboração de diversas outras entidades locais e regionais, como a Câmara Municipal de Coimbra, a Reitoria da Universidade e outras entidades académicas de Coimbra. Este segmento trazido à Festa do Avante! é um dos módulos itinerantes que o Exploratório Infante D. Henrique utiliza para divulgar no exterior o seu excelente trabalho do ensino da ciência através da experimentação lúdica.



isto a par dos sempre muito procurados produtos alentejanos, quer se fale de petiscos, queijos, enchidos, barros ou manufacturas de couro e cortiça. Braga - que quer recuperar o seu deputado da CDU - lá estava com o seus caldos, vinhos e petiscos minhotos, tal como Bragança, que este ano «envolveu» os seus sempre procurados produtos com poesia e música transmontanas. Castelo Branco e Guarda apresentaram-se com os seus fabulosos queijos, presuntos e paos, abrindo caminho a muitas outras iguarias locais na sua Taberna Regional. Coimbra surpreendeu a Festa com o seu «Espaço Interactivo da Ciência» (ver

caixa), enquanto Leiria brilhava com o seu «stand do vidro». Lisboa reproduzia uma perspectiva do Terreiro do Paço a partir do Tejo, convidando os visitantes a uma diversificada visita onde a gastronomia e a cultura ao vivo davam permanentemente as mãos, nomeadamente no conceituado Café Concerto. A Madeira não teve mãos a medir com os seus petiscos, doces e licores, rendas e artesanato, enquanto o Porto, mais uma vez, se constituiu numa autêntica «montra» da sua grande região, quer se fale do clássico vinho do Porto, dos rojões, da sopa mineira, das filigranas, etc., etc. Com uma decoração subordinada

ao tema «Vivas a Abril», Santarém lá estava com os seus vinhos, geladas e sopas de pedra de clientela assegurada. Setúbal dominava a sua vasta representação através da representação de uma imponente torre de menagem, onde se abrigava uma grande diversidade gastronómica, enquanto em Viana do Castelo a delicadeza dos bordados competia com os intensos sabores dos vinhos e petiscos. Vila Real dedicou a sua exposição política à actividade do Partido na região (a par, é claro, dos canelos, do javali, das cristas de galo...). Quanto a Viseu, o realce vai para o autêntico espectáculo à volta do mel, onde se podia ver e aprender todo o processo do fabrico deste «néctar dos deuses», além de se poder provar e comprar o produto.



Um caderno vermelho com 25 letras de ouro

Letra «T»: TRABALHO - «O uso da força de trabalho é o próprio trabalho. O comprador da força de trabalho consome-a na medida em que faz trabalhar o seu vendedor. Este último torna-se assim *actu*, força de trabalho actuante, operário - o que antes ele apenas *potentia* era. (...) A produção de valores de uso ou bens não modifica a sua natureza universal por se processar a favor do capitalista e sob o seu controlo. O processo de trabalho é, pois, de considerar, antes de mais, independentemente de qualquer forma social determinada. (Karl Marx, *O Capital*, Livro I).

É assim mesmo, com uma citação de Karl Marx, que começa uma das páginas do *Caderno Vermelho* N.º 7 (de Verão/Outono 99), inteiramente dedicado às comemorações do 25.º aniversário do 25 de Abril. A apresentação pública deste número especial esteve a cargo de Manuel Gusmão, director desta revista do Sector Intelectual de Lisboa do PCP, numa cerimónia realizada na tarde de sábado no Café Concerto de Lisboa e que culminou com um emocionante sarau de poesia a cargo de Paulo Rato e Fernanda Lapa.

Manuel Gusmão explicou com uma plateia atenta que, nesta edição do *Caderno Vermelho* totalmente dedicada ao 25.º aniversário da Revolução de Abril, «trabalhou-se com as 23 letras do alfabeto, escolhendo-se para cada uma delas uma ou duas palavras» que convocam textos diversos, uns literários em prosa ou poesia, outros filosóficos ou políticos.

Cada letra do alfabeto (com as respectivas palavras e textos recorrentes) simboliza um ano de aniversário, e para completar os 25 anos (dado que o alfabeto português tem apenas 23 letras) apresentou-se à cabeça um «texto n.º 1» evocati-

vo do 1.º de Maio de 1974 «para dizer que o 25 de Abril, para além do levantamento militar, tem uma inequívoca marca popular»; seguem-se as 23 letras do alfabeto e, a fechar, (substituindo a inexistente «25.ª letra») «publicam-se três textos de memória do 25 de Abril: um, de Mário de Carvalho (que, à data, estava no exílio), outro de Isabel Garcês (que era muito jovem na altura) e um terceiro de Rogério Ribeiro, de apresentação das ilustrações que fez para a edição do romance de Álvaro Cunhal *Até Amanhã, Camaradas*.

Quanto aos 25 símbolos dos 25 anos do 25 de Abril, eis as palavras escolhidas e os respectivos autores convocados para cada uma delas: **T** - Texto 1.º: Manuel Gusmão; **A** - Alegria: Luísa Neto Jorge e Eugénio de Andrade; **B** - Barca: Fiama Hasse Pais Brandão; **C** - Camarada: Mário Dionísio; **D** - Democra-

cia: Prémulo da Constituição da República Portuguesa de 1976; **E** - Esperança: Pablo Neruda; **F** - Fraternalidade: Zeca Afonso; **G** - Guerra: Gastão Cruz; **H** - História: Walter Benjamin; **I** - Igualdade: o conceito marxista «De cada um segundo as suas possibilidades, a cada um segundo as suas necessidades»; **J** - Já: António Ramos Rosa; **L** - Liberdade: Sophia de Mello Breyner Andresen; **M** - Massas: Fernão Lopes; **N** - Nunca: José Carlos Ary dos Santos; **O** - Organizar: *O Camponês*, n.º 91; **P** - Prisão: Armando Silva Carvalho; **Q** - Quando: Carlos de Oliveira; **R** - Revolução: Walter Benjamin; **S** - Sem: Ruy Belo; **T** - Terra (José Saramago) / Trabalho (Karl Marx); **U** - Utopia: Karl Marx; **V** - Vermelho: Herberto Helder; **X** - Excerto do Programa do PCP; **Z** - Zapping: Francisco Silva; **N.º 25**: textos de Mário de Carvalho, Isabel Garcês e Rogério Ribeiro.





Juventude

Em luta pelo futuro

Ponto de passagem obrigatório para milhares de jovens, a Cidade da Juventude voltou a ser um espaço ímpar de animação e convívio. Para tanto, este ano, concorreram acrescidas razões. Do cuidado posto no projecto de arquitectura, assumindo um sólido compromisso entre as preocupações de qualidade estética à funcionalidade do espaço, à diversificada oferta de iniciativas, não faltaram, pois, motivos de interesse a todos quantos durante os três dias ali acorreram.

Apelativa, desde logo, foi a exposição política. Desenvolvendo-se ao longo de dois grandes corpos suspensos em situação transversal ao declive ao terreno, a exposição forneceu ao visitante uma vasta informação sobre as principais linhas orientadoras que pautam a intervenção presente dos jovens comunistas. Com os olhos no futuro, ancorada num passado de que se orgulha, foram também os 20 anos de história da JCP, através de materiais gráficos, que o visitante pôde recordar ou conhecer. Presente, em plano de relevo, esteve ainda e sempre, a solidariedade, desta feita com Timor-Leste e Cuba.

Mas a Cidade foi também espaço de lazer e diversão. Não faltaram, por exemplo, os jogos tradicionais, incluindo os matraquilhos, sempre com candidatos prontos para disputar uma «partidinha».

a lume os perigos que pairam, sobretudo para as gerações mais jovens, de um conjunto de leis – trabalho a tempo parcial, alteração do conceito de retribuição ou lei das férias, por exemplo – preconizadas pelo PS e que, a irem por diante, representariam um atentado e um retrocesso em direitos fundamentais em matéria de trabalho.

A merecer forte adesão, quer dos autores convidados quer do público – revelando-se por isso uma aposta ganha –, foi ainda a 1.ª mostra de curtas metragens de jovens realizadores. Preenchido com a exibição de 22 filmes, o ciclo foi encerrado com um debate que contou com a presença de António Gaio, presidente do Cinanima, Vasco Granja, Sofia Martins, dirigente do Cineclub do Barreiro, e Helena Brandão, jovem realizadora que tem em fase de montagem o seu primeiro filme.

O responsável pelo Festival de Espinho falou da importância que este tem na formação dos jovens, bem como no plano da divulgação do que se vai fazendo pelo Mundo. O conhecido especialista e crítico em cinema de animação, por seu turno, depois de sublinhar a importância de passar filmes e debatê-los, deteve-se no papel desempenhado pelo cineclubismo durante a ditadura fascista. Do cineclubismo nos dias de hoje falou, por sua vez, a dirigente associativa da Margem



Pelo palco do Café Concerto passou muita música mas também o debate político em torno de grandes problemas que afectam a juventude

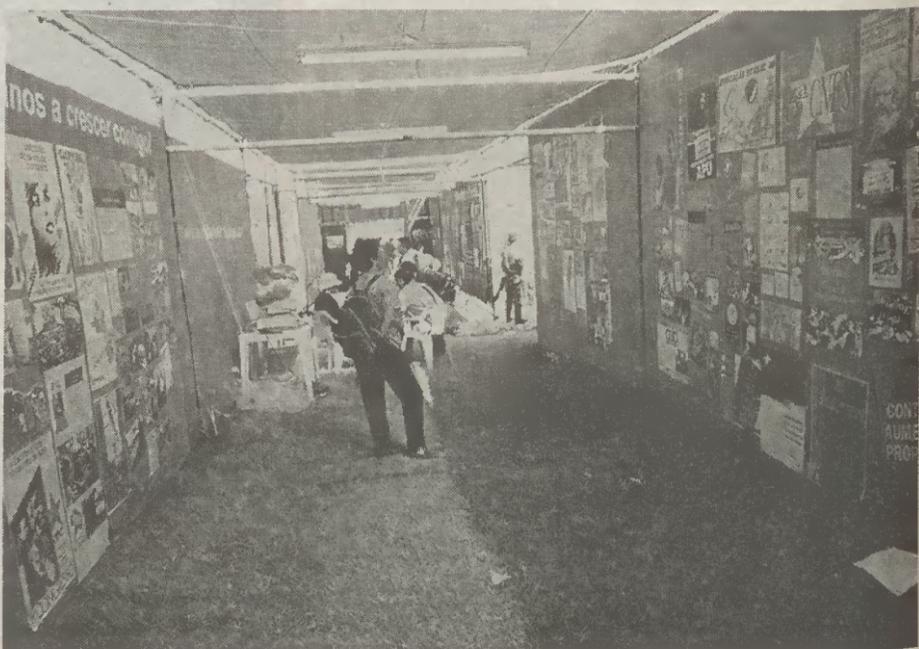
A grande novidade foi, porém, a parede de velcro, onde muitos experimentaram a sua elasticidade e destreza.

Para além do bar, onde a cerveja saiu bem, ou da banca em que a novidade foram as *boxers* JCP, a Cidade da Juventude teve no Café Concerto um dos seus locais mais requisitados. Pelo palco passaram oito bandas, produzindo um som rock mais desenvolvido e pesado. Sempre com forte afluência, aquele mesmo espaço deu ainda lugar a dois dos três debates que preencheram o programa político. Num dos debates, com o pacote laboral a servir de tema (o outro foi subordinado à paz), vieram

Sul, pondo em evidência algumas das que são as suas dificuldades actuais, mais comuns e sentidas junto das grandes cidades do litoral do que propriamente nas vilas e aldeias do interior. De dificuldades, mas de outra ordem, sobretudo no capítulo dos apoios, falou também, e por último, a jovem realizadora, a quem se ouviram contar as peripécias várias por que passou para conseguir pôr de pé o seu trabalho.

Do debate, sintetizada por uma interveniente da plateia, uma ideia ficou: «enquanto se encarar a cultura como sobremesa e não como prato principal, os jovens continuarão sempre desapoiados».

Preocupações de qualidade estética associadas à funcionalidade do espaço marcaram o projecto que deu forma à Cidade da Juventude



Uma exposição com materiais gráficos fez a história de 20 anos da JCP



Timor-Leste e Cuba foram objecto da solidariedade dos jovens comunistas



A denúncia da nova ordem mundial marcou presença na exposição política

Mulher Construir a igualdade

Desde há muitos anos uma presença na Festa, o Pavilhão da Mulher voltou a oferecer renovados motivos de interesse para uma passagem do visitante. E foram muitos os que acorreram ao espaço, situado a meia encosta da Medideira. Para além do «Bar da Igualdade», onde puderam ser apreciados os talentos da doçaria caseira e regional – e de tal maneira o foram que ao princípio da tarde de domingo já praticamente nada restava –, muita gente não perdeu igualmente a oportunidade de passar pela «boutique ocasião». Do livro à peça de roupa ou ao simples bibelot, de tudo um pouco pôde encontrar-se nesta venda de objectos oferecidos por camaradas e amigos, assim reeditando o êxito da experiência pioneira concretizada o ano passado.

«Mais CDU para construir a igualdade», foi, entretanto, o mote que marcou a presença política no Pavilhão da Mulher. Concebido por duas jovens militantes comunistas, os módulos que deram expressão ao espaço, cuidadosamente tratado, faziam captar as atenções sobretudo em dois enormes murais que preenchiam na totalidade os alçados

principais. Num caso, o traço e as tintas de Susana Matos, em tons pastel, evocavam, em expressivas formas femininas, o trabalho e a luta. No outro, Marta Ornelas, através de fotografias sobre um fundo estilizado de um homem e uma mulher, pugnavam por uma sexualidade responsável e segura.

Este foi, aliás, um dos temas incluídos e desenvolvidamente tratados na sugestiva publicação em formato A4 editada para a Festa e largamente distribuída aos visitantes. Nas suas oito páginas, entre outros temas, destaque para a acção do PCP e do seu Grupo Parlamentar, bem como para as lutas desenvolvidas pelas mulheres e suas conquistas desde a revolução libertadora de Abril de 1974.

Constituindo-se ainda num ponto de reencontro de mulheres que ao longo dos anos têm estado ligadas ao movimento feminino, o Pavilhão da Mulher teve ainda a marcá-lo o lançamento do livro «A situação das mulheres no limiar do século XXI». Com a chancela da «Edições Avante!», nas suas 167 páginas, vertidas estão as intervenções proferidas no fórum promovido no início do ano pela Organização das Mulheres Comunistas.



Expressivas formas femininas evocaram o trabalho e a luta no belo mural de Susana Matos



Muito apreciadas foram as delícias da doçaria caseira e regional



Reeditando a experiência pioneira do ano passado, a «boutique ocasião» voltou a ser um pólo de interesse no Pavilhão da Mulher

Emigração Espaço de reencontro

Para muitos dos visitantes que em elevado número afluíram ao Pavilhão da Emigração, esse voltou a ser um momento com uma singularidade muito especial: o do reencontro de amigos e camaradas cujas vidas, em determinada altura, se cruzaram noutros cantos do mundo. Uns, definitivamente regressados ao nosso País, outros, apenas em período de férias (e por isso ainda com passagem marcada para o país de acolhimento), para todos eles esta voltou a ser a oportunidade do desejado convívio, ocasião para saber as novidades ou, simplesmente, matar saudades.

Mas também para conhecer melhor as medidas preconizadas pela CDU para dar resposta aos problemas com que se debatem as comunidades por-

tuguesas. Com as atenções centradas nas eleições de Outubro próximo, esta presença na Festa coincidiu, aliás, com outras iniciativas em Paris e no Brasil para apresentação das candidaturas da CDU e das suas propostas.

A necessidade de uma nova política de apoio às comunidades portuguesas constitui, de resto, um eixo central da intervenção da CDU e da sua mensagem junto dos nossos compatriotas, bem espelhada na exposição política patente no Pavilhão da Emigração, na qual ficou igualmente testemunhado que embora o PCP nunca tenha eleito qualquer deputado pela círculo da emigração, pode orgulhar-se do trabalho realizado em todos os domínios nesta Legislatura.



No Pavilhão da Emigração o visitante teve ensejo de conhecer as medidas preconizadas pela CDU para uma nova política de apoio às comunidades portuguesas



Reformados Prosseguir a luta

A luta contra as pensões de miséria continua a ser uma das suas bandeiras. Cumprida a vida activa, não baixaram os braços. A dignificação das condições de vida é um factor de mobilização capaz de os agregar em torno de movimentos como o MURPI, sempre presentes nas pequenas e grandes acções que trazem os trabalhadores à rua em defesa dos seus direitos. Na Festa do «Avante!» os reformados voltaram a marcar a sua presença através de um Pavilhão no qual reiteraram a sua determinação em prosseguir a luta por aumentos das pensões de reforma e por uma vida melhor.

FESTA

Pelo prazer do Teatro

A adesão do público, a qualidade dos espectáculos, a melhoria das condições do espaço foram aspectos que marcaram o Avanteatros/99. Mais uma vez o teatro afirmou a sua presença e demonstrou que tem um lugar de destaque no conjunto da programação da Festa do «Avante!»

A Festa poderá não ser a primeira vista o local mais indicado para assistir ou representar uma peça de Teatro. O ruído normal de uma iniciativa com milhares de pessoas, a enorme variedade de fontes sonoras, a informalidade com que os visitantes irrompem a meio de uma representação pelo meio do recinto, sempre aberto, à procura de um lugar vago, ou a permeabilidade da estrutura à luz do dia são sem dúvida condições adversas e que constituem um desafio às companhias e actores que levam à Festa os seus espectáculos.

Porém, vale bem a pena. Todos os anos, as bancadas do Avanteatros enchem-se de um público atento e grato que aplaude com entusiasmo o esforço dos actores e o cuidado que os organizadores colocam quer na elaboração do programa quer na melhoria das condições. Foi exactamente o que aconteceu este ano, com a transferência da ampla tenda de PVC para a junto da entrada da Quinta da Princesa, o que permitiu um maior isolamento sonoro com evidente benefício para os espectáculos.

Pelo palco passaram a Com-



panhia de Teatro de Almada, com a peça «Crónica Feminina», de Jorge Listopad, com Maria Frade; O Teatro Extremo com «A Excepção e A Regra», de Bertolt Brecht; Catarina Trota e Mariana Abrunheiro, com o espectáculo de dança «Maças, Muralhas e Mulheres»; O Fio de Azeite, Marionetas Chão de Oliva com «Estórias de Dom Roberto»; a música de Carlos Paredes na guitarra de Luísa Amaro; e a poesia, música e a dança com Fernanda Lapa, Marta Lapa, e a Companhia Benguela.

Duas exposições

O espaço abria com uma interessante exposição sobre a vida António Assunção - um dos mais talentosos actores

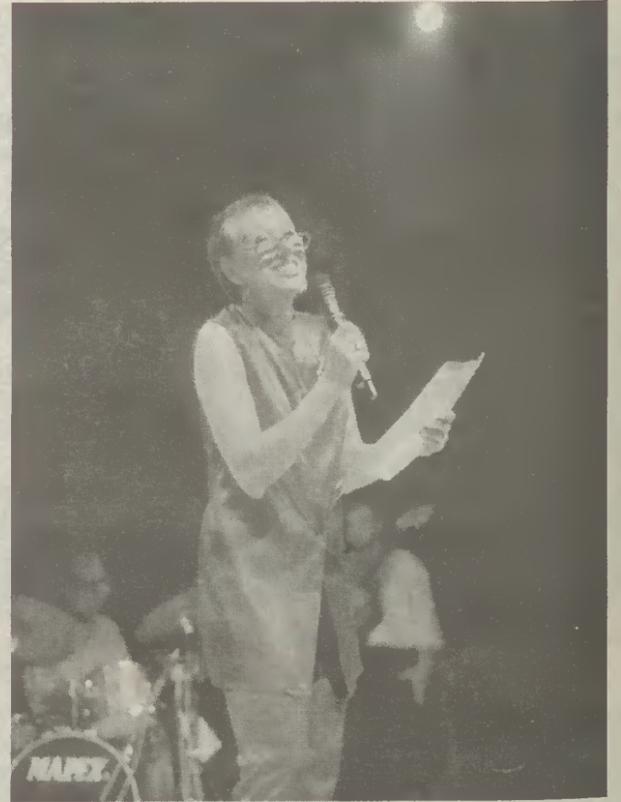
A mostra evocava os nomes de actores comunistas como Rogério Paulo ou Costa Ferreira e destacava a actividade de companhias como cartazes do teatros Experimentais do Porto e de Cas-

portugueses, subitamente falecido em Agosto do ano passado. As fotografias expostas recordavam alguns dos papéis que mais marcaram a sua carreira no teatro, nomeadamente na Companhia de Teatro de Almada, à qual se junta em 1977, então ainda Grupo de Campolide.

Como forma de assinalar os 25 anos da Revolução estava igualmente patente um exposição sobre «o teatro de antes, mais perto do 25 de Abril e do teatro de depois, mas também ainda perto do 25 de Abril».

cais, do Teatro Estúdio de Lisboa, da Cornucópia, ou do Grupo 4.

Durante o fascismo, gentes do Teatro contribuíram para o 25 de Abril. Depois «foi aquilo que se viu. Grupos de teatro a trabalhar nas fábricas, na reforma agrária, nas cooperativas, nas sociedades colectivas, nas autarquias. E sobretudo o prazer de se poder fazer textos e autores, antes proibidos pela censura, para casas cheias, dado aquilo que foi a ansiedade cultural das massas. Foi muito bom e há-de voltar a ser», lia-se no texto introdutório da exposição.



A poesia, a música e a dança com Fernanda Lapa, Marta Lapa e a Companhia Benguela



«Estórias de Dom Roberto», pelo Fio de Azeite, Marionetas Chão de Oliva



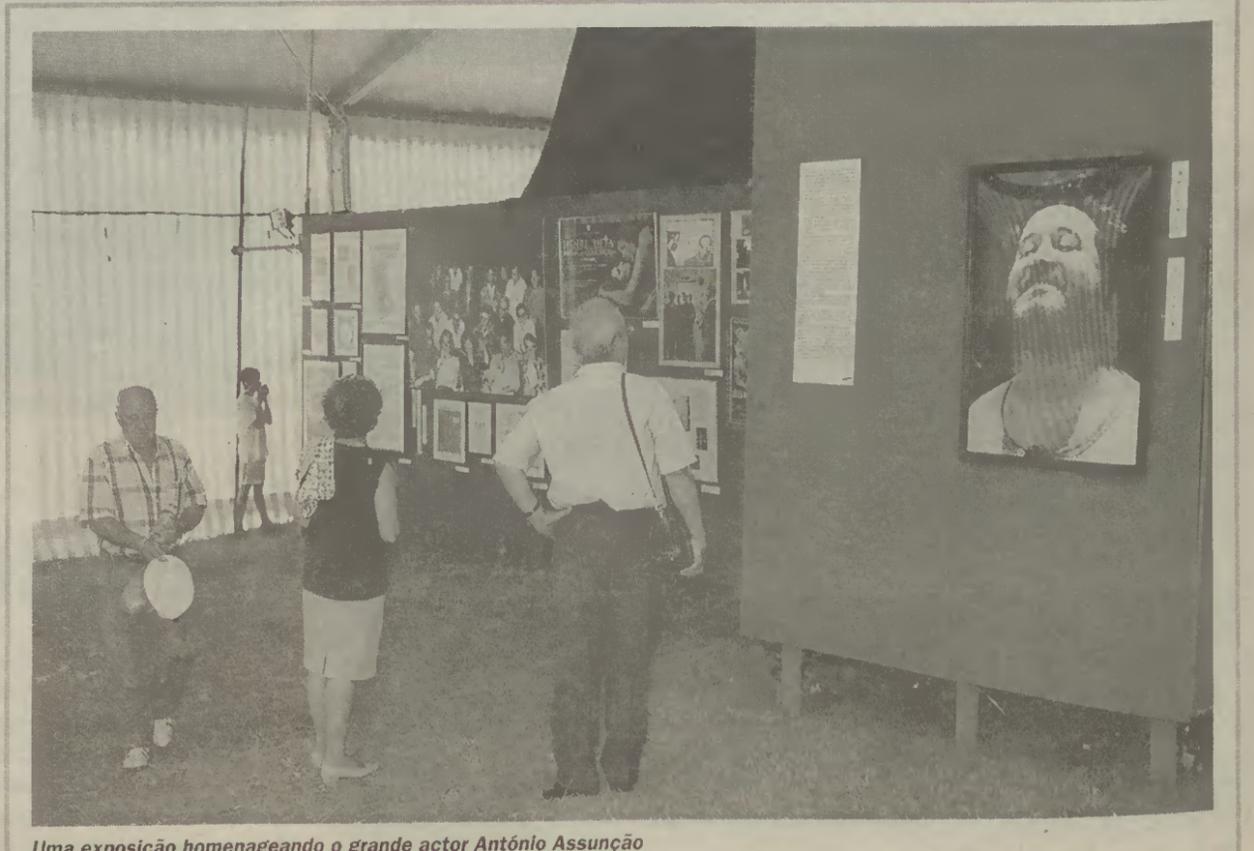
«A Excepção e A Regra», de Bertolt Brecht, pelo Teatro Extremo



«Crónica Feminina», de Jorge Listopad, com Maria Frade, pela Companhia de Teatro de Almada



Luísa Amaro interpretou Carlos Paredes



Uma exposição homenageando o grande actor António Assunção

Tantos livros tanta gente

Livros havia muitos. Mas faziam-se difíceis, escondidos por uma verdadeira multidão. A ideia, para o visitante, era a de que o espaço seria ainda mais vasto que em anos anteriores para abrigar as numerosas editoras e as obras que elas levaram à Festa. Quase em permanência, pelo menos nas diversas vezes que lá fomos para uma vista de olhos aos livros, ou para assistir a um esperado lançamento ou, ainda, para ver como decorriam as sessões de autógrafos, centenas de pessoas se aglomeravam em frente das largas mesas carregadas de livros. As filas para as caixas mais faziam lembrar um «hiper» em hora de ponta. E a fila dos que aguardavam a vez para um autógrafo era sempre longa. No sábado, quando José Saramago se contava na mesa dos escritores, a fila dava voltas sobre si e contou quase sempre mais cerca de uma centena de leitores. O escritor do Nobel não tinha mãos a medir...

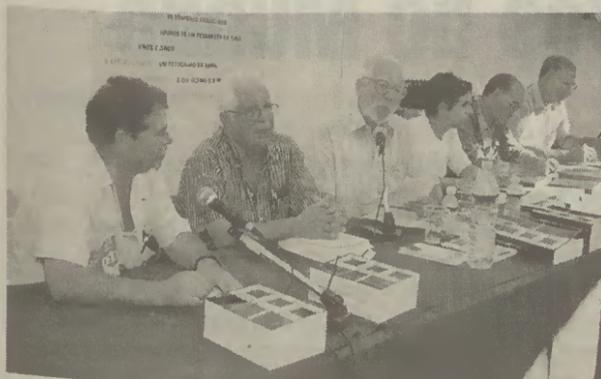
Os lançamentos na Festa levaram ali também muitos visitantes. Alguns esperavam - ouvimo-los - que Álvaro Cunhal estivesse presente e



tiras e às interpretações abusivas que dele se têm vindo a fazer.

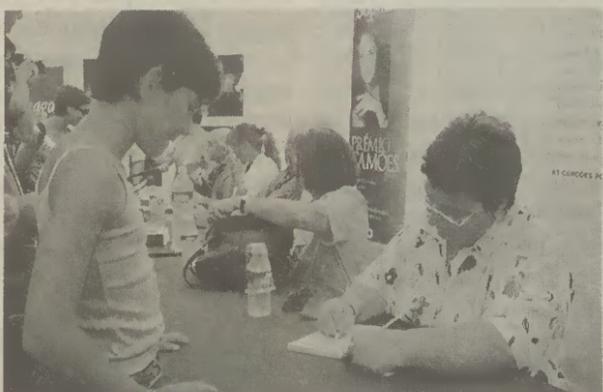
Outro lançamento em destaque foi o do livro de Pedro Ramos de Almeida, que Carlos Brito apresentou a uma audiência numerosa e interessada. Salazar, biografia da ditadura, expõe as concepções do ditador sobre a sociedade e fornece elementos para a compreensão do que foi a sua actuação

e esclarece sobre a visão de Portugal e do mundo que estava subjacente à sua acção. Carlos Brito chamou a atenção dos leitores para três ideias que travejam a obra - como a ditadura reaccionária se vai impondo e se «conclui» num modelo de capitalismo monopolista de Estado; o papel de apoio do imperialismo em geral à ditadura fascista em Portugal; a questão colonial.



Em destaque ainda estiveram os livros de Sophia Mello Breyner, prémio Camões de 1999, a obra de Alice Vieira que assinala os 20 anos de actividade literária, e a obra poética de Ary dos Santos.

Outras novidades editoriais foram ainda divulgadas durante a Festa, nomeadamente o livro de Jaime Serra, As Explosões que Abalaram o Fascismo; e Voo do Açor, de António Teixeira e Castro.



autografasse exemplares de um livro que entretanto, pelo interesse que despertou, nos atrevemos a considerar antecipadamente como um êxito editorial. Referimo-nos ao livro A Verdade e a Mentira na Revolução de Abril (A contra-revolução confessa-se), um ensaio que certamente contribuirá para a reposição de algumas verdades sobre o processo revolucionário e para o combate às men-



XI Bienal Lugar de Encontro

«A realização da Bienal não é um hábito rotineiro, exige muitos e diversos esforços e disponibilidades que se conjugam», afirmava a Comissão Executiva da XI Bienal da Festa do «Avante!» no catálogo que se propunha acompanhar esta iniciativa. Todos os visitantes que são fieis a esta realização que é já uma tradição da Festa o sabem. Rotina é o que não está lá. Mas faltaria dizer que nunca lá falta o talento. E a diversidade. E a vontade de participar. O que faz com que as bienais sejam, sempre, como desta vez, um «lugar de encontro», «um encontro entre as diferentíssimas formas criadas pelos artistas».

Sendo a qualidade, na arte, um conceito extremamente subjectivo, não será por isso que o visitante que somos, durante todas as edições da Bienal, deixará de atrever-se a afirmar que a «qualidade» se vem afirmando ao longo do tempo e, desta vez, nos surpreendeu pelo verdadeiro salto que, de um modo geral, se verificou, tendo em conta a globalidade das obras expostas.

É certo que, em alguns lugares, nos surgiram «repetidos» temas, formas e visões. Mas um grande esforço foi patente, entre as centenas de obras expostas, de «transcender» o gesto da arte, de o fazer ir mais longe e mais ao «nosso» encontro.

Não sendo aqui lugar para distinguir ou destacar esta ou aquela obra deste ou daquele autor, sempre diremos, com felicidade, que a participação de alguns jovens artistas nos surpreendeu pela frescura e intensidade dos seus trabalhos.

Que dizer mais?

Do espaço louvamos a sua organização melhorada, o «desenrolar» da mostra. Da exposição na sua totalidade destacamos o elaborado trabalho de selecção que nunca escapa à crítica de muitos, em desacordo com o «seu» lugar.

De salientar ainda o espaço de debate que a Comissão Executiva promoveu, abrindo à opinião de todos - mas sobretudo ocupado pela opinião dos artistas, que disseram muito livremente o que pensavam do trabalho colectivo que sempre foi e cada vez mais é a Bienal.

Nesta iniciativa reencontrámo-nos com o escultor Jorge Vieira. Isto é, com as suas obras, que ficaram e vão ficar para além dele. Uma homenagem de toda a Festa. E a propósito dela lembramos as palavras de Manuel Gusmão, inscritas em «recordação e louvor» do artista falecido:

«O Jorge Vieira já não está conosco. Já não o iremos encontrar na volta de um caminho da Festa. Já não poderemos conversar com ele, apertar-lhe a mão. Para isso,

em muito o que as ilustrações costumam ser, a dar-nos uma dimensão de profundidade e de humanidade da vida de luta que o livro de Álvaro Cunhal comunica.

Mas falemos sobretudo do verdadeiro fenómeno que é a comunicação da arte com o povo e que a Bienal sempre proporciona e não vemos em mais nenhuma parte. Ultrapassando a barreira que é o «elitismo» da arte e dos seus lugares, eis a obra exposta a toda a gente, com milhares e milhares de visitantes, usando o seu conhecimento aprofundado ou a sua mais simples ingenuidade, mas sempre o seu respeito pelo trabalho e pela voz do «outro», eis um desfile imenso e ininterrupto, onde acontecem os momentos felizes da comunicação ou os momentos difíceis da linguagem. Eis, sobretudo, a generosidade mútua do que é comunicar.

não há remédio. Mas estão e estarão conosco, e para além de nós, as coisas que ele descobriu ou inventou. Com esta exposição, agradecemos-lhe. Não podíamos deixar de lhe agradecer.»

Depois, as ilustrações para o livro de Manuel Tiago, «Até Amanhã, Camaradas!». Com Rogério Ribeiro a deixar-nos ver verdadeiros quadros que excedem



Internavegar

No espaço da Bienal, uma iniciativa que visou lançar entre os visitantes da Festa o debate sobre as questões sobre as quais muita gente já deve ter sentido a falta de aprofundar. Henrique de Sousa, do Secretariado do CC, acompanhado do camarada Jorge Figueiredo, propôs uma reflexão sobre a Internet, «uma ferramenta terrivelmente poderosa que nós não sabemos ainda usar correctamente», que «não se deve recusar mas aprender». Recordando que se celebram agora os 30 anos sobre os primeiros passos dados pelo sistema e que este teve na origem uma encomenda do Pentágono, Henrique de Sousa sublinhou que em breve a Net será usada por 500 milhões de pessoas em todo o mundo. Esclarecendo que a problemática levantada por este sistema de comunicação não deve ser deificado como a consagração absoluta de uma «igualdade de acesso», mas nem por isso deve ser olhado com desconfiança absoluta, Henrique de Sousa, chamando a atenção para o facto de que a Internet não ser um fim mas apenas um meio, destacou a importância desse meio a usar para afirmar a cidadania.



Grande comício de encerramento da Festa Temos orgulho em sermos diferentes

Como já é hábito dizermos, «**não há festa como esta!**». E, quando dizemos isso, estamos a dizer uma verdade evidente e estamos igualmente a fazer uma afirmação de inegável conteúdo político-partidário. É verdade que não há festa que se compare à Festa do «Avante!», órgão central do PCP, e é verdade que nenhum outro partido nacional é capaz de erguer uma festa com a dimensão, a beleza e o conteúdo da Festa do «Avante!». Esta é uma Festa construída por militantes e simpatizantes de um partido diferente de todos os outros, de um partido que, em todos os dias dos seus 78 anos de vida, sempre esteve onde devia estar: com a classe operária, com os trabalhadores, com o povo, com o País. Por isso a Festa é, também ela, a demonstração de que, ao contrário do que muitas vezes é dito, os partidos não são todos iguais. Ou, dizendo melhor: **o PCP é diferente dos que são todos iguais.**

Em nome do jornal «Avante!», saúdo os construtores da Festa, os milhares de camaradas e amigos que, através de um imenso esforço colectivo, ergueram esta cidade nova e a fizeram funcionar durante estes três dias de alegria, de convívio, de fraternidade, de solidariedade. Saúdo todos os participantes nas múltiplas iniciativas — culturais, musicais, desportivas, artísticas, políticas — que deram à nossa Festa o conteúdo que queríamos que ela tivesse. Saúdo, igualmente, todos os visitantes, comunistas e não comunistas, que encheram este espaço e o animaram com a sua presença — e donde se destaca a sempre crescente participação de jovens, participação que dá mais força e mais futuro à nossa Festa e nos permite dizer que, cada vez mais, Festa do «Avante!» é sinónimo de Festa da Juventude.

Aqui fica, também, uma saudação e um agradecimento, pelo apoio e pela ajuda que deram à construção e funcionamento da festa,

às corporações de bombeiros, forças de segurança, departamentos oficiais, empresas públicas e privadas, federações e associações desportivas e associativas, câmaras municipais e juntas de freguesia de vários quadrantes políticos e das quais é justo destacar a Câmara Municipal do Seixal e a Junta de Freguesia da Amora.

Expressamos também as nossas fraternas e solidárias saudações de combate aos camaradas que, representando partidos comunistas e outras forças revolucionárias, progressistas e de esquerda, aqui estão connosco. A sua presença, reflectindo a importância que o PCP dá à solidariedade internacionalista e sendo, ela própria, um acto de solidariedade internacionalista, é para nós, comunistas portugueses, motivo de grande satisfação — tanto mais que, neste tempo marcado por tantos e tão grandes problemas, é nossa convicção de que os trabalhadores e os povos do Mundo, hoje mais do que

Vitória de Timor-Leste e dos povos do Mundo

Roque Rodrigues, representante em Portugal
do Conselho Nacional de Resistência Timorense

Pela primeira vez, um representante de uma delegação estrangeira falou no comício da Festa do «Avante!». Domingo à tarde, logo depois da dirigente da JCP e antes das intervenções do director do «Avante!» e do secretário-geral do Partido, Roque Rodrigues subiu à tribuna, para falar sobre os dramáticos momentos vividos em Timor-Leste, sobre o significado da vitória popular no referendo de 30 de Agosto e sobre a importância da solidariedade internacionalista. Os muitos milhares de pessoas que enchiam o vasto espaço frente ao Palco 25 de Abril deixaram bem claro o sincero abraço aos combatentes pela

Indonésia, os seus serviços secretos, as forças especiais estão a levar a efeito um verdadeiro genocídio» e «procuram derrubar a Unamet, afastar a missão das Nações Unidas de Timor-Leste, de modo a conseguirem reverter a situação e os ganhos».

«É preciso que denunciemos veementemente este crime», apelou, alertando que «atenta-se também contra a Igreja, e não é sem razão que as instalações da Igreja estão a ser atacadas, hoje, em Timor-Leste», tal como «não é sem razão que criaram todas as condições para que os jornalistas deixassem Timor-Leste». O objectivo é «poderem fazer o que melhor entenderem na nossa pátria».

«Nós, que estamos habituados a um combate duríssimo, dizemos: estamos em condições, com o vosso apoio, com o apoio da solidariedade internacional, de reverter mais uma vez esta onda assassina, esta vontade de praticar de novo o genocídio contra o povo de Timor-Leste», afirmou Roque Rodrigues.

«Estão hoje a forçar a saída, o êxodo da população para Atambua (em Timor Ocidental) e para outras ilhas que compõem o arquipélago da Indonésia. Estamos a denunciar esta situação. É de exigir, com toda a força, a presença das forças das Nações Unidas em Timor-Leste. Não há razão hoje para dizer que a situação em Timor não é conhecida: todo o mundo que quer conhecer conhece a situação, e pode e deve actuar perante este crime organizado» — exigiu o representante do CNRT, reafirmando que «temos a experiência de duas décadas de sofrimento e hoje, mais do que nunca, com o apoio e a solidariedade que temos, com o capital da solidariedade que temos, nós dizemos: iremos vencer».

Roque Rodrigues expressou a convicção de que «as nossas forças armadas vão respeitar a directriz do seu comandante, presiden-

te do CNRT e líder do povo de Timor-Leste, que soube transformar a prisão num verdadeiro posto de combate».

Depois de saudar «todas as delegações estrangeiras que aqui estão», o dirigente timorense destacou uma, em particular, exprimindo «a nossa solidariedade indefectível com a causa do povo irmão do Sahara Ocidental, sob a direcção da Frente Polisário», que «terminou agora o seu congresso», ao qual «o nosso presidente enviou uma mensagem de respeito e de profunda solidariedade para com o povo irmão saharauí». Endereçou igualmente «um particular agradecimento aos povos africanos de língua oficial portuguesa, que desde a primeira hora deram apoio inequívoco à luta do povo de Timor pela autodeterminação».

«Camaradas, nós estamos conscientes de que com o vosso apoio — e eu digo com o apoio das portuguesas e dos portugueses, com o apoio de Portugal, onde Timor-Leste se fez uma verdadeira causa nacional — vamos alcançar uma paz verdadeira na nossa pátria», concluiu Roque Rodrigues, que fechou o seu discurso (interrompido frequentemente por fortes aplausos, gritos «Timor, Timor» e «O povo unido jamais será vencido») com «vivas a Xanana Gusmão, a Timor-Leste, ao PCP, à solidariedade e à paz».



do «Avante!»

Intervenção de
José Casanova

nunca, têm imperiosa necessidade de reforçar os laços de amizade, cooperação e solidariedade. Aqui ficam os votos de muitos êxitos na sua luta aos camaradas e amigos que compõem as **mais de quatro dezenas de delegações**, vindas da Alemanha, Angola, Argentina, Bélgica, Bolívia, Brasil, Cabo Verde, Chile, China, Chipre, Colúmbia, Coreia, Cuba, Curdistão, Dinamarca, Espanha, França, Grã-Bretanha, Grécia, Hungria, Iraque, Itália, Japão, Laos, Líbano, Marrocos, Moçambique, Palestina, Peru, República Checa, Sahara Ocidental, Sudão, Vietname. E também, naturalmente, de Timor-Leste, a cuja delegação da Fretilin, aqui presente, e através dela ao heróico povo maubere, dirijo uma muito especial, calorosa, fraterna e solidária saudação, neste momento histórico da conquista da sua independência, neste momento também dramático, por efeito da violência criminosa dos ocupantes indonésios, mas que é, apesar disso, um momento de confirmação da força, da coragem e da determinação do povo de Timor-Leste e de confirmação de que a luta vale a pena.

Avante!

Neste comício, é justo que diga algumas palavras sobre o «Avante!», jornal que dá o seu nome a esta Festa. Em primeiro lugar, para sublinhar que, com 68 anos de existência — a maior parte dos quais vividos na clandestinidade e sempre cumprindo exemplarmente o seu papel de dar voz aos que não tinham voz — o «Avante!» é uma referência única no conjunto da imprensa portuguesa e constitui um justo motivo de orgulho para todos os militantes comunistas e para toda a Esquerda.

Sendo o órgão oficial de um partido que é diferente de todos os outros partidos, o «Avante!» é, também e por isso mesmo, **um jornal diferente de todos os outros jornais**. Essa diferença resulta de uma assumida e clara posição de classe, visível desde logo no facto de, no «Avante!», a prioridade ser dada aos trabalhadores — aos seus problemas, aos seus anseios e aspirações, às suas lutas. Possuindo características que decorrem da natureza e dos objectivos de classe do PCP, o «Avante!», hoje como no passado, afirma clara e frontalmente a sua opção e não se esconde por detrás de falsas independências: está com os explorados e contra os exploradores, com os oprimidos e contra os opressores, com a justiça e contra a injustiça, com o socialismo e o comunismo e contra o capitalismo.

É este jornal que queremos tornar melhor, que queremos que seja lido por mais gente, que queremos que faça chegar mais longe a sua informação e a sua opinião — e é por isso e para isso que, no momento actual, temos em curso, e aqui anunciamos, um processo de remodelação do jornal e uma ampla campanha de promoção e difusão. E estamos certos de que a Festa do próximo ano será a Festa de um «Avante!» melhor e mais lido, portanto mais útil à luta dos comunistas, à luta dos trabalhadores e do povo.



Cada dia que passa chama os jovens à luta

Intervenção de Margarida Botelho,
membro da Comissão Política e do Secretariado da Direcção Nacional da JCP



Assim como estamos na construção da Festa do «Avante!», metro a metro, tubo a tubo, a Juventude Comunista Portuguesa enfrenta as tarefas que a vida e a luta lhe vão colocando. Saudamos todos os que construíram a Cidade da Juventude, as centenas de jovens que assumiram outras responsabilidades na Festa, os que nestes três dias asseguraram os turnos, os milhares de jovens que participaram nos Festivais de bandas e noutras iniciativas recreativas e culturais. Saudamos os jovens que organizaram excursões de vários pontos do País, o comboio do Norte que chegou em força e os que vêm pela primeira vez à nossa Festa!

É também em força e em colectivo que a JCP cumpre, em Novembro, **20 anos** de lutas em defesa de direitos, em conquista e em luta pelo futuro. Um futuro que passa por uma sociedade mais justa, mais solidária e mais feliz: o socialismo, o comunismo. Neste ano em que realizamos o nosso 6.º Congresso, momento alto de análise e de acção, continuamos estreitamente ligados às lutas dos jovens, pela revogação da lei de financiamento do ensino superior, contra o pacote laboral, pela educação sexual nas escolas, pela paz e contra a guerra.

Construir
e conquistar

O nosso futuro constrói-se todos os dias. Em cada dia de resistência a que nos tirem direitos conquistados por gerações de homens e mulheres do nosso povo, que afrontaram o fascismo e o derrotaram há 25 anos. Nós lutamos por uma educação pública, gratuita e de qualidade; por um emprego estável e com direitos, pelo direito a viver num mundo de paz e solidariedade, onde não haja lugar para a crueldade da NATO e onde Timor seja finalmente livre e independente;



Grande comício de encerramento da Festa do «Avante!»

Festa
1999
«Avante!»
3, 4 e 5 Setembro
Atalala • Amora • Selxal

Partimos para a campanha eleitoral com uma grande confiança

Intervenção de
Carlos Carvalhas

No ano do 25.º aniversário do 25 de Abril estamos aqui, hoje, com alegria e a emoção com que sempre sentimos a Festa do «Avante!», com as suas raízes populares, a sua convivência fraterna, a sua juventude, as suas manifestações políticas, culturais e lúdicas e também numa clara afirmação dos valores de Abril, de emancipação social, dos valores e dos ideais que inspiram o PCP e os militantes comunistas na sua acção quotidiana.

Mas, a um mês do acto eleitoral, estamos também aqui, hoje, para dizer ao povo e ao País que o PCP e a CDU partem para esta campanha com uma grande confiança, com uma grande esperança e com uma grande vontade de tudo fazer para que se verifique uma viragem à esquerda na política nacional.

Estamos hoje e aqui para reafirmar aos trabalhadores, à juventude e ao povo português que vamos para esta batalha, não para semear ilusões, não para entrar no descarado e despujado leilão de «promessas-caça-votos», no estilo de «quem dá mais aos reformados, aos deficientes, aos agricultores», de «quem mais desce os impostos», de «quem dá mais bacalhau a pataco...», mas sim, com todo o respeito pelos cidadãos, pelas suas dificuldades, carências e esperanças.

E o grande compromisso que este Partido quer hoje aqui tomar solenemente, dando como garantia a sua prática e a sua luta, é que não virará as costas às dificuldades, que estará com o povo e com as suas justas reivindicações nas pequenas e nas grandes lutas e que tudo fará para combater a pobreza, promover o desenvolvimento, o nível e a qualidade de vida dos portugueses, uma mais justa repartição do Rendimento Nacional.

Mas estamos também hoje e aqui para dizer aos trabalhadores e ao povo que o nível de concretização destes objectivos será tanto maior quanto mais força os eleitores derem ao PCP e à CDU, que a sua voz será tanto mais reforçada quanto mais se reforçar o PCP e a CDU, que vão para esta batalha, que é de todos, para alargar a sua influência, para crescer e avançar, para servir o povo e o País.

O que está em causa nestas eleições

É uma verdade histórica, que não adianta ocultar, que em muitas das eleições legislativas e, de forma evidente, nas de 1995, tem havido sempre uma percentagem significativa de portugueses que se identificam com a nossa acção, com a nossa política, com os nossos valores, mas que, na hora do voto, acabam por embarcar nos apelos e cantos de sereia que o PS lhes lança, com o argumento de que só o voto no PS seria útil para correr com a direita do governo e para impedir o regresso da direita ao governo.

A «bipolarização» artificialmente encenada, a larga difusão e propagação de falsidades como a de que as eleições só se disputam verdadeiramente entre o PS e o PSD, de o que decide tudo é apenas quem fica à frente ou a de que as eleições seriam para primeiro-ministro, têm levado muitos eleitores a não compreenderem a verdade do que sempre afirmámos e agora reafirmamos: que os votos na CDU contribuem sempre para derrotar a direita e para combater a política de direita, seja lá quem for que a faça, que os deputados eleitos pela CDU são sempre deputados que a direita não tem e que ajudam sempre a que a direita não tenha a maioria.

O que é preciso é que muitos eleitores compreendam que, há quatro anos, a direita teria sido afastada na mesma do governo se, por exemplo, o PS tivesse tido 38 por cento e a CDU 13 por cento, com a grande diferença de que o PS não teria andado a falar tão grosso estes quatro anos, e a CDU teria pesado a influenciado muito mais nesta legislatura, para bem do nosso povo e do nosso país.

O que é preciso é que muitos portugueses, que têm votado no PS sem qualquer entusiasmo mas apenas porque pensam que, se o não fizerem, estão a facilitar a vida à direita, desta vez, em que toda a gente sabe que tanto o PSD como a direita no seu conjunto não tem qualquer hipótese realista de chegar ao governo do País, quaisquer apelos ao voto útil no PS para fazer frente à direita são, se tal é possível, ainda mais falsos do que sempre foram.

O que é preciso é que muitos homens e mulheres, que são sensíveis aos valores e às ideias de esquerda, compreendam claramente que nada de negativo acontecerá e muito de positivo ocorrerá se em 10 de Outubro, o PS perder alguns pontos e se for a CDU a ganhar esses pontos.

Se, em 10 de Outubro, a CDU fosse a única das principais forças concorrentes a crescer eleitoralmente, a direita não voltaria ao governo, o PS teria de ver na redução da sua votação uma crítica e um aviso sério ao caminho que tem seguido e à política de direita que tem feito, e o avanço eleitoral da CDU, para além das suas múltiplas consequências positivas, teria de ser interpretado como um forte sinal e um claro testemunho de que se tinha fortalecido a exigência de uma nova política, a reclamação de uma viragem à esquerda na política governativa, a exigência de maior respeito por quem trabalha, a exigência de maior justiça social, a exigência de um desenvolvimento ao serviço de todos e não apenas de alguns.

Aos muitos e muitas portuguesas com posições de esquerda que, há quatro anos, foram votar no PS porque julgaram que era a única maneira de correr com o cavaquismo;

Aos muitos e muitas portuguesas e portugueses que, com posições progressistas, ao longo destes últimos quatro anos se sentiram desiludidos com o descarado copianço pelo PS da política

do PSD, com os elogios do PS a Monteiro e ao PP e os acordos em suite de hotel, aos que se sentiram indignados com a clamorosa conivência do Governo do PS com os grandes grupos económicos e com os grandes senhores do dinheiro, que se sentiram irritados com uma política governamental tão empenhada em restringir e alterar os direitos de quem trabalha, que se sentiram ofendidos e provocados com a atitude vergonhosa do PS na questão da despenalização do aborto e com a subserviência do PS e do seu Governo perante a agressão militar da Nato que trouxe o regresso da guerra ao Continente Europeu;

A todos queremos convidar para uma reflexão serena e responsável: faz algum sentido que quem sentiu tudo isso volte a votar PS em 10 de Outubro?

Faz algum sentido permitir ainda que o PS fique a pensar que protestos, descontentamentos e indignações leva-os o vento e o tempo, e que não se vê o seu efeito nos votos?

Não, não faz nenhum sentido repetir um voto que não foi respeitado.

Não, não faz nenhum sentido dar o poder absoluto ao PS para que fique com as mãos livres para fazer tudo quanto de mau nestes quatro anos ainda o conseguimos impedir de fazer por não ter a maioria absoluta.

Mas, seja para protestar, seja para conquistar mudanças positivas, seja para pesar na evolução dos acontecimentos, seja para obter resposta para muitas aspirações prementes, já faz todo o sentido dar mais votos e mais deputados à CDU. Para que eles não ponham as mãos em tudo, para que não fique tudo na mesma, para mudar para melhor, pela esquerda, para lançar uma pedrada no charco dos interesses e negócios que unem o PS e o PSD, para rasgar um horizonte de esperança e de transformação no caminho de uma alternativa de esquerda a esta triste alternância entre o PS e o PSD na execução da mesma política.

Um trabalho exemplar

Basta olhar para o andar da carruagem pré-eleitoral para se perceber que há partidos que estão empenhados em transformar as eleições num festival de demagogia e de amnésia, de onde desapareceram coisas tão incómodas, para eles, como a avaliação do que realmente defenderam e fizeram ao longo destes últimos 4 anos, em transformar a campanha eleitoral numa lengalenga de palavras e mais palavras ditas para fazer esquecer grandes realidades e algumas verdades essenciais.

Nós queremos que os eleitores nos avaliem pelas propostas sérias, inovadoras e fundamentadas que apresentamos, para a solução dos problemas do povo e do País, e pelos compromissos que assumimos para o futuro.

Mas nós não tememos o julgamento dos eleitores sobre a forma como honramos os compromissos assumidos em 1995 sobre a nossa acção e a nossa luta nestes últimos quatro anos.

E, por isso, nesta campanha eleitoral, por mais que outros partidos não queiram falar deste tema, vamos continuar a cha-

mar a atenção dos portugueses para o imenso, valioso e qualificado trabalho que os deputados eleitos pela CDU realizaram na Assembleia da República.

Vamos continuar a lembrar que os deputados do PCP e do PEV foram os que mais trabalharam, pois - com apenas 15 deputados - apresentámos 36 por cento do total de projectos de lei, a larga distância do PS e do PSD que tinham, respectivamente, 112 e 88 deputados.

Mas não se trata apenas de quantidade de trabalho.

Trata-se também, e fundamentalmente, da qualidade do trabalho, a tal ponto que, beneficiando do facto de o PS não ter a maioria absoluta, o grupo parlamentar do PCP conseguiu ver aprovados 56 dos seus projectos, com resultados muito positivos para a resposta a sentidos problemas e a justas aspirações populares.

É uma verdade inofismável que tudo o que de mais positivo se conseguiu aprovar nesta legislatura tem a marca da proposta, da contribuição, da intervenção e dos votos do PCP.

Do rendimento mínimo garantido à ampliação da rede pública do ensino pré-escolar; das alterações às taxas do IRS

(que isentaram mais de 700 mil portugueses, de mais baixos rendimentos, e diminuíram as taxas a cerca de 2 milhões de contribuintes) à actualização extraordinária, infelizmente muito limitada e insuficiente, das pensões de reforma; da vinculação do Governo à obrigação de enfrentar eficazmente o problema das listas de espera no SNS à proibição da discriminação salarial dos jovens e do reforço do direito à igualdade das mulheres no trabalho; da protecção dos direitos dos imigrantes ao apoio à reconversão dos bairros clandestinos; da lei para a criação de uma rede pública de tratamento e reinserção de toxicó-dependentes à suspensão do processo de co-incineração e das escolhas feitas de Souzellas e Maceira; tudo isto e



FESTA

Grande comício de encerramento da



multíssimo mais se fica a dever, em parte essencial, à nossa intervenção.

Mas nós não comparecemos nestas eleições apenas como a força que mais e melhor trabalhou no Parlamento, que mais propostas apresentou e que mais activamente fiscalizou o Governo, que mais levou à Assembleia **tantos e tantos problemas, reclamações das mais diversas camadas e grupos sociais.**

Nós também comparecemos nestas eleições como a força que, de uma forma que não tem comparação com mais ninguém, em toda a parte travou a batalha em defesa dos direitos dos trabalhadores, contra a precariedade, pelas 40 horas, pela defesa dos postos de trabalho, por mais e melhor emprego com direitos, como a força que não resume a sua intervenção às instituições e que não aparece apenas nos períodos eleitorais.

Comparecemos nestas eleições com um património incomparável de presença e intervenção na sociedade portuguesa, sempre ao lado dos que mais sofrem e dos que mais anseiam por justiça, sempre ajudando a organizar a resistência e a luta contra prepotências e abusos, sempre na primeira linha de grandes causas da dignidade humana e de civilização, como foi patente na despenalização do aborto e na luta contra a agressão da NATO à Jugoslávia, sempre fiéis aos valores e ideais de esquerda que outros há muito traíram e abandonaram.

Oposicionismo e populismo eleitoralistas

Nesta campanha eleitoral, PS, PSD e PP fazem-se muito zangados, insultam-se até e dizem-se em grande oposição; mas, nas questões essenciais, lá estão sempre de braço dado. Ao que conste, não houve oposição nem animosidade nas privatizações, nos acordos à margem da Assembleia da República ou quando se tratou da Revisão Constitucional, de votarem juntos os Orçamentos de Estado.

Os reformados, os pensionistas e os idosos são um dos alvos. Prometem altas reformas e escondem que o que querem é votos para pressionar a privatização da Segurança Social e do único banco público que resta.

O despudor e o populismo chegam ao ridículo de um candidato pôr o respectivo boné quando visita pescadores ou agricultores, chegando mesmo a anunciar à imprensa uma iniciativa nos seguintes termos: «o candidato visitará uma vacaria e mungirá uma vaca...!» Só não se ficou a saber se ia de *charrete* ou de *Jaguar*.

Mas a verdade é que todos eles, na prática, são apóstolos do neoliberalismo e que todos eles se juntaram para inviabilizar importantes projectos do PCP, como a redução da duração semanal de trabalho normal; o do reforço da fiscalização de serviços de informações; o da reposição da idade da reforma das mulheres para os 62 anos; o projecto de lei para desenvolver a rede pública do pré-escolar; para introduzir os genéricos, para actualizar extraordinariamente as pensões de aposentação degradadas; para alterar o regime dos despedimentos colectivos; para reforçar os direitos dos trabalhadores no caso de cedência ou transferência de empresas, etc., etc.

É por isso que insistimos que é preciso mais respeito pelas pessoas.

Por isso, contra as falsas promessas, o populismo e a política neoliberal protagonizada pelo «bloco central» com o apoio do PP e erigida em «pensamento único», nós defendemos uma política de desenvolvimento, orientada não para o aumento da concentração da riqueza, das desigualdades e da destruição dos recursos naturais, mas para uma mais justa repartição da riqueza criada e para a protecção do ambiente, apoiada na valorização da produção nacional, no apoio às pequenas e médias empresas e num moderno e dinâmico sector público; uma política que recusa a lógica perversa dos *pacotes* laborais e da precarização e insegurança das relações de trabalho e aposta na valorização e defesa do trabalho com direitos, do emprego com qualidade, da elevação dos salários reais, como elemento estrutural e decisivo do progresso económico e social de Portugal.

Quem já nos conhece, sabe que honramos sempre os nossos compromissos. Que só temos

uma cara e só temos uma palavra. Que não precisamos verter hipocritamente, à frente das televisões, uma lágrima pelos reformados, enquanto no Parlamento recusamos medidas que aliviariam o seu sofrimento.

Por isso, podemos com clareza apresentar hoje aos portugueses, aqui, na Festa do «Avante!», um conjunto de propostas de medidas urgentes cuja concretização, logo no início da próxima legislatura, permitiria dar resposta a alguns dos mais sentidos problemas nacionais e teria um profundo e positivo impacto na vida dos portugueses e no processo de desenvolvimento do País:

– O aumento anual do **salário mínimo nacional**, pelo menos em 3 por cento acima da inflação, o que permitiria em quatro anos que atingisse os 75 mil escudos e, assim, elevaria significativamente o poder de compra dos muitos trabalhadores que ainda o recebem, entre os quais muitos milhares de jovens sujeitos a uma brutal exploração;

– O aumento das pensões e reformas, já a partir de 1 de Dezembro, em 4 mil escudos, para as pensões mais baixas do Regime Geral, e em 3 300 escudos, para as pensões social e dos trabalhadores agrícolas, seguindo-se aumentos anuais de 3 por cento acima da inflação e a reposição da idade da reforma para as mulheres nos 62 anos;

– O estabelecimento de um plano de combate à precarização do trabalho e um calendário para a redução progressiva do horário máximo de trabalho semanal para as **35 horas**, sem redução de salário nem de direitos;

– A gratuidade dos **livros escolares** no ensino público, para a escolaridade obrigatória;

– O aumento das participações em **medicamentos** essenciais ou para doenças crónicas e a racionalização dos gastos do Estado com medicamentos, **através da utilização de genéricos, prescrição por substância activa e outras medidas;**

– O aumento significativo da participação pelo Estado de próteses e dispositivos de compensação (óculos, aparelhos auditivos, próteses dentárias, entre outras).

– Adopção das primeiras medidas da **Reforma Fiscal** já no Orçamento do Estado para o próximo ano: **redução da tributação sobre os rendimentos do trabalho, redução substancial dos benefícios fiscais às aplicações financeiras, combate efectivo à evasão fiscal e a tributação das operações de venda de títulos, em Bolsa ou fora dela, e das operações cambiais não suportadas em transacções comerciais;**

– **Ajudas agrícolas** por via da PAC, proporcionalmente maiores para as explorações familiares;

– A redução em 10 por cento dos preços da **energia eléctrica** para uso doméstico, pois continuamos a pagar, sem razão, as mais elevadas tarifas da União Europeia.

Estas são propostas que têm em conta a realidade e os recursos do País. Não são cozinhadas à pressa para uma conferência de imprensa e logo esquecidas depois. São medidas inseparáveis do nosso combate por uma nova política, pela esquerda, para Portugal, que promova uma mais justa repartição da riqueza criada e dos recursos nacionais e a satisfação de direitos e necessidades básicas e as aspirações à vida e aos problemas dos trabalhadores, da juventude, dos agricultores, dos reformados de Portugal.

O que valem as «paixões» e as prioridades!

O PS tem vindo a afirmar que nesta legislatura deu uma grande prioridade ao combate à pobreza e à «educação», que esta foi a sua «paixão» e que, se for de novo governo, a saúde será a nova prioridade!

Em primeiro lugar, é preciso dizer-se que o PS não combateu a pobreza. O PS apenas procurou assistir a pobreza através do Rendimento Mínimo que, como se sabe, foi uma medida que o PCP foi o primeiro a propor.

Mas o Rendimento Mínimo não combate as causas da pobreza.

A pobreza combate-se com a melhoria significativa das pensões mais degradadas, com uma melhoria na distribuição do Rendimento Nacional, com mais justiça fiscal e mais apoio aos idosos e isolados.

Ora, o Governo PS do que se pode gabar é de, apesar do crescimento económico, que ninguém nega, ter continuado a desequilibrar a distribuição do Rendimento Nacional em desfavor dos trabalhadores, de ter aumentado a precariedade do trabalho e de Portugal ser hoje o país da União Europeia em que é maior o fosso entre os 20 por cento mais ricos e os 20 por cento mais pobres! De ter ultrapassado o PSD no esbulho das empresas públicas, através da mão baixa das privatizações, abrindo a porta ao domínio estrangeiro, como se está a ver com o caso Santander/Champalimaud.

Quanto à «paixão» pela educação, é ouvir professores, alunos e pais, e atentar no escândalo de alunos com notas elevadíssimas terem de ir frequentar Medicina em Espanha porque aqui não têm lugar, quando são cada vez mais os profissionais estrangeiros que aqui exercem a sua profissão.

O Governo diz que, por sua iniciativa, vai haver duas novas faculdades de Medicina. Mas a verdade é que só tomou essa decisão no fim da legislatura e continuou a manter os *numerus clausus*...

A grave situação da saúde; da justiça cara, morosa e distante dos cidadãos; a manutenção das injustiças fiscais; ou, noutro plano, o escândalo da inexistência do Conselho de Fiscalização dos Serviços de Informações em todo este mandato, são situações suficientemente conhecidas e que falam por si.

E, mesmo em relação ao combate à droga - que o primeiro-ministro não se cansou de afirmar que seria o inimigo número um -, estes quatro anos ficam, no essencial, marcados por hesitações e pela ausência de medidas capazes de combater com mais eficácia os grandes traficantes.

O PCP nunca partidariou o problema da droga, que atinge infelizmente tantas e tantas famílias.

Por isso tem autoridade para dizer que, se o PS, logo em 1996, em **vez de alinhar na demagogia dos aumentos das penas, tivesse apoiado o projecto de lei do PCP que acabava com a aplicação de penas de prisão por simples consumo de droga, tratando os toxicodependentes como doentes e não como meros criminosos, teríamos hoje uma lei da droga mais justa, mais eficaz e mais humana e que teria permitido recuperar muitos toxicodependentes longe do ambiente das prisões.**

E gostaria de referir aqui que o PCP considerava também, como uma das dez propostas urgentes a apresentar à próxima Assembleia da República, o reforço das medidas de combate contra o grande tráfico e o branqueamento de capitais e a ampliação da rede pública do tratamento e reinserção social dos toxicodependentes, centros de consulta e comunidades terapêuticas e a despenalização do consumo.

E, quando se levanta a questão dos meios financeiros para as medidas que o PCP defende, nomeadamente para o aumento significativo das reformas, **é preciso dizer com clareza que o PCP é um partido responsável e que, na sede do Orçamento, apresenta sempre os meios de os financiar.**

Mas em relação a esta questão, por que será que o PS, o PSD e o PP nunca se referem, por exemplo, aos escandalosos benefícios fiscais dados às aplicações financeiras e à banca que é tão «pobrezinha... coitadinha...»

Só nos últimos três anos, a diferença entre o que a banca deveria ter pago em impostos e o que, na verdade, pagou ultrapassa os **135 milhões de contos**, ou seja, quase o custo da Ponte Vasco da Gama ou mais de sete vezes o custo dos 33 quilómetros de auto-estrada inaugurada agora com pompa e circunstância!

Festa do «Avante!»

E os candidatos que integram as listas da CDU para estas eleições – operários e empregados destacados, quadros técnicos e intelectuais de reconhecido mérito, com provas dadas nos mais diversos domínios profissionais e da intervenção cívica, social, cultural e política – dão suficientes garantias de prosseguir e fortalecer o valioso trabalho realizado pelos deputados eleitos pela CDU na última legislatura.

E gostaria de sublinhar que a lista, a par de uma elevada participação de jovens – 42 candidatos com menos de 25 anos –, marca também uma posição ímpar e inequívoca na concretização do direito à igualdade das mulheres, na promoção da sua intervenção na vida política. Sem qualquer imposição de quotas, mas por decisão própria, as listas da CDU contam com 110 mulheres, 33,6 por cento do total de candidatos, mais de um terço, ultrapassando assim os 21 por cento das últimas eleições.

E não se trata só do valor global das listas. Apenas na base dos resultados das últimas eleições estaria garantida a eleição de cinco deputadas da CDU, isto é, um terço do total dos deputados; mas confiamos que, se a CDU se reforçar como esperamos, é possível aumentar ainda mais o número de eleitas pela CDU.

A luta dos trabalhadores

Estamos na verdade no limiar de uma grande batalha política e eleitoral, uma batalha que, pelos seus resultados, vai determinar muito do futuro da vida política nacional dos próximos quatro anos.

Na nossa intervenção e nas nossas propostas dirigidas à sociedade, naturalmente, damos um justo destaque aos trabalhadores.

Porque são eles, as suas justas reivindicações, os seus problemas, o seu inconformismo e a sua luta que inspiraram e dão mais razão de ser à nossa própria luta, assumindo-nos como um Partido de grandes causas e das grandes causas sociais.

Nós vamos apelar ao voto dos trabalhadores porque o PCP e a CDU merecem o voto dos trabalhadores.

Este Partido prometeu e cumpriu, ao tomar as iniciativas legislativas pela redução do horário de trabalho, no combate às discriminações e à sinistralidade no trabalho, e pela melhoria das pensões dos acidentados do trabalho e às vítimas das doenças profissionais, pela melhoria dos salários e de evolução das carreiras profissionais na Administração Pública.

Este Partido não deu tréguas às propostas mais graves do Governo PS sobre a flexibilidade e polivalência, o trabalho a tempo parcial e o trabalho nocturno, obstaculizou as propostas de alteração da lei das férias e do conceito de retribuição.

Acima de tudo, este Partido apresenta-se hoje aos trabalhadores como a única grande força política que defende, lutou e luta pela grande causa do trabalho com direitos, pela valorização do trabalho.

Mas permitam que também dê o mérito a quem é devido.

Daqui queremos saudar a CGTP-IN que na acção, na proposta e na luta se afirmou como grande sindical unitária, democrática, autónoma, de massas e de classe, a grande Central Sindical dos trabalhadores portugueses.

Este Partido não aguardou por esta campanha eleitoral para travar um combate solidário com os trabalhadores e a CGTP contra os perigos e malfetorias que decorriam das propostas originais do Governo PS, consubstanciadas no pacote laboral.

Este Partido não mediu o grau de empenhamento na sua intervenção, estivessem em causa os direitos dos 200 trabalhadores do Chiado ou estivessem em causa os direitos de 200 mil trabalhadores têxteis.

Este Partido não consultou mapas eleitorais ou mediu a sua influência para denunciar, defender ou propor soluções para os problemas com que se confrontaram os pescadores do arrasto, os trabalhadores da Administração Pública, dos transportes ou ali na empresa concreta, fosse na Grundig, na Cabos d'Ávila, na empresa Renault ou na Petrogal.

Este Partido não deixou de falar verdade perante a fúria privatizadora nas comunicações, na energia, nos transportes, na Administração Pública, bateu-se e bate-se por um sector público e por serviços públicos que garantam os direitos dos trabalhadores e os interesses das populações.

E a CGTP demonstrou, apesar da ofensiva às leis do trabalho, da precarização e da desregulamentação, da impunidade face à violação de direitos individuais e colectivos em centenas de empresas, a sua força e vitalidade, assumindo um papel insubstituível na organização, na unidade e na luta dos trabalhadores portugueses.

Quando alguns proclamavam o fim e a desnecessidade da luta, que magnífica resposta foi dada, mesmo por sectores que há muitos anos não recorriam à greve, como os pescadores de arrasto, os motoristas de combustíveis, os trabalhadores dos hotéis de Lisboa, os têxteis, etc..



O valor da solidariedade

Quero, em nome do PCP, saudar os nossos parceiros da CDU e as delegações estrangeiras que nos honraram com a sua presença nesta nossa Festa.

Mas permitam-me que dirija uma saudação muito particular à **delegação de Timor**, nestas horas de grande preocupação e incerteza. Timor que, ao longo dos anos de luta e resistência, aqui marcou a sua presença e que aqui também recebeu o calor e a solidariedade dos comunistas portugueses, que sempre consideraram esta causa como uma causa nacional.

Defensores da autodeterminação e independência de Timor, activamente solidários mesmo quando, em Portugal e no Mundo, não poucos a davam como definitivamente perdida, os comunistas portugueses que conhecem bem o valor da solidariedade honram-se simplesmente de terem cumprido o seu dever.

Saudando a delegação de Timor, quero prestar homenagem a todos os que deram a sua vida pela liberdade e **saudar Xanana Gusmão, todos os presos políticos, todos os exilados, para lhes confirmar que podem sempre contar com a solidariedade do PCP na sua nova fase de**

luta de libertação nacional. A vontade soberana do povo timorense tem de ser plenamente respeitada e acatada e a Indonésia tem de assumir as suas responsabilidades.

É urgente que a ONU e a Indonésia ponham fim aos massacres, à violência e à intimidação, e que desarmem de vez as milícias.

Os resultados do referendo - e nas condições em que se realizou - são um extraordinário testemunho do amor à liberdade, do patriotismo, da força das convicções, da determinação e coragem do povo timorense.

O povo de Timor deu também uma valiosa contribuição para a luta dos povos oprimidos, com a confirmação de que vale a pena lutar e que só lutando se conquista aquilo a que se tem direito.

Vivemos horas de grande angústia e preocupação.

A solidariedade para com o povo timorense tem de continuar. A sua vontade expressa nas urnas não pode ser traída pela hipocrisia ou passividade de alguns potências que no passado foram também cúmplices ou apoiantes dos ocu-

pantes.

Viva o povo de Timor Lorosae! Viva Timor livre e independente!

Mas, referindo-nos a Timor queremos também lembrar Angola, o drama do seu povo, a hipocrisia das condenações de Savimbi sem consequências práticas e efectivas e a política de dois pesos e duas medidas dos EUA e da chamada comunidade internacional, quando se olha para a Jugoslávia, para o Iraque, para Angola, para a Palestina ou para a situação dos curdos na Turquia e para tantos outros casos.

Os perigos que pesam sobre a luta dos povos encontram nova ameaça na alteração do conceito estratégico da NATO, que aparece cada vez mais como o braço armado dos interesses e dos desígnios do imperialismo norte-americano...

Neste quadro internacional profundamente alterado, a solidariedade mútua, a luta comum e convergente, entre as forças comunistas, de esquerda e progressistas, é mais importante do que nunca e, também por isso, valorizamos muito a presença de tantos amigos e delegações estrangeiras nesta Festa.

Quando alguns anunciavam a desmobilização geral e o conformismo dos trabalhadores, eis que se assistiu à maior manifestação da última década nas ruas de Lisboa, no passado mês de Março, contra o pacote laboral.

Quando alguns noticiaram a indiferença da juventude e da juventude trabalhadora face ao movimento sindical, quantos não foram, quantos não são os jovens, há anos em luta contra o financiamento do ensino superior público e agora em luta contra o pacote laboral, a serem eleitos nas listas sindicais para a Comissão de Trabalhadores da Auto-Europa, do Arsenal e em tantas outras empresas.

E a JCP, que daqui saudamos, esteve à frente de muitas lutas e no lançamento do debate de importantes causas e problemas da juventude.

A três meses do IX Congresso da CGTP-IN, queremos saudar todos os sindicalistas que participam na estrutura e na vida da CGTP, certos de que, na sua preparação e realização, se unirão em torno do grande objectivo unitário que está consubstanciado na CGTP, tendo como destinatários da sua acção os trabalhadores, os seus interesses e direitos.

(...)

Em 10 de Outubro, o que faz falta na verdade não é decidir entre duas faces da mesma moeda, PS e PSD, que têm governado Portugal na base das mesmas orientações fundamentais e disfar-

çam a coincidência de políticas através de duelos fingidos e de guerrilhas pessoais.

Em 10 de Outubro, o que faz mesmo falta é dar mais força à CDU.

Essa é a mensagem que precisamos levar a Portugal inteiro, ao coração e à inteligência de todos os portugueses. Que na hora de votar não separem o seu voto do julgamento de tudo quanto se passou em Portugal nos últimos quatro anos.

Votar CDU é a mais útil escolha de todos os que não se resignam a que mudem os governos e permaneça a mesma política. Dos que querem devolver dignidade, verdade e sentido de serviço público à política e sabem que disso damos testemunho no modo como exercemos os cargos públicos.

Dos que reconhecem no PCP e na CDU a grande força de esquerda, activa e solidária em todas as horas e não apenas nas eleições. Dos que sabem que este partido, Partido Comunista Português, não desertará dos valores e causas que deram sentido a 78 anos da sua vida e que, com a classe operária, os trabalhadores, com a juventude e que com as portuguesas e portugueses vinculados aos ideais da liberdade e do progresso social, prosseguirá com energias renovadas a sua luta pelo aprofundamento da democracia, pelo socialismo, por Portugal.

(...)

Timor Lorosae

Uma presença viva no espaço internacional



Timor foi, sem dúvida, a mais marcante presença no espaço internacional deste ano. Um *viva Timor* como que impregnava o ambiente que se vivia por toda a área internacional. Palavra de ordem entre outras, mais genéricas mas não menos determinantes, de solidariedade e contra a guerra, inscritas nas sempre provisórias paredes dos *stands* dos diferentes países e organizações.

Na manhã de sábado, a marca da alegria pelos resultados alcançados fazia-se sentir, mal se atravessava a porta da Atalaia. Por vezes numa troca de informações ainda desconstruídas, números invocados ao sabor da muito relativa «antiguidade» da última notícia lida ou ouvida. 85 por cento? 76,5 por cento? Nem todos ainda o sabiam. Mas, em qualquer dos casos, as percentagens divulgadas eram inequívocas da vontade de independência do povo de Timor.

Foi o curto interregno do puro entusiasmo, muito embora notícias de massacres já começassem a chegar. Concretização de medos que sempre estiveram presentes.

No *stand* de Timor pedia-se solidariedade, apelava-se ao envio de postais, endereçados às Nações Unidas, pela libertação de Xanana e de todos os presos políticos.

Sábado foi momento de profunda alegria. Domingo foi também dia de dor. Sem que falhasse entretanto a convicção e a esperança

que há décadas vêm alimentando a luta do povo timorense.

Mas a festa foi sobretudo, no espaço

internacional (este ano com uma localização diferente) como por toda a Atalaia, simplesmente festa. As horas de convívio. As conversas que se podem desenrolar, com tempo, em torno das bebidas e petiscos de cada país. Os amigos reencontrados. O oferecer de uma *Cuba livre*. O deambular pelos vários *stands*, saltitando entre as flautas peruanas, as gravuras chinesas ou coreanas, o artesanato africano.

E, um pouco por toda a parte, a informação sobre as situações concretas. Dos *sem terra*, no pavilhão do PT do Brasil. Do lento recenseamento com vista ao referendo de auto-determinação, «em que o povo saharauí possa livremente decidir o seu futuro», no espaço da Frente Polisário. Das lutas dos camponeses, no pavilhão do Partido Comunista Francês.

Um alvo gigante lembrava a todos que a guerra – ou, antes, a brutal aplicação da *lei do mais forte* – que devastou a Jugoslávia, está bem longe de ser uma questão ultrapassada.

O prazer da música e dança, na diversidade de expressões culturais dos diferentes povos, esteve sempre presente no pequeno espaço de solidariedade, dividindo tempo e espaço com colóquios sobre questões fulcrais do nosso tempo. E assim, a música galega abriu e fechou o momento de solidariedade com Timor. Música para dançar, intercalando com mãos unidas ao ritmo da solidariedade *por Timor*.

Local sempre privilegiado de debate, o Palco da Solidariedade albergou este ano um momento de *solidariedade com Timor* e dois encontros em torno da guerra.

Os seus custos para todos nós, pelos gastos que comporta em detrimento das despesas sociais, foram tema do debate sobre *Gastos de Guerra, v. s. Despesas Sociais*, com Rui Fernandes, do CC do PCP, Florival Lança da Comissão Executiva da CGTP-IN e Manuela Pires, do MDM.

A guerra da Jugoslávia e o papel dos *media* – que, tal como o momento de solidariedade com Timor, tratamos, à parte, nestas páginas – foi outro tema forte, de enorme actualidade. Um problema que ultrapassa em muito as fronteiras da Jugoslávia e da própria Europa, pois traz a marca concreta do papel que hoje os EUA e a NATO se atribuem a si próprios. Em detrimento dos povos de todo o mundo.

A luta pela liberdade ainda não terminou

O «novo conteúdo da solidariedade» que hoje se impõe para com o povo timorense, foi invocado por José Casanova, no momento *Solidários com Timor*, realizado no espaço internacional. Uma iniciativa em que estiveram presentes Carmen Araújo, pela Fretilin, e Domingos Lopes, do CC do PCP.

Era a tarde de sábado e o ambiente de festa, de euforia mesmo. Do massacre hoje em curso ainda só se sabia uma primeira fase, já preocupante embora. A hora era de alegria pela imensa vitória, nas urnas, da vontade de independência dos timorenses.

Um momento «emocionante para todos nós», como sublinhou Carmen Araújo, que leu para os presentes uma carta do Conselho Nacional de Resistência (CNR) em que se fala da instabilidade da situação, de «uma nova fase de luta», e se apela à «presença urgente e imediata» de *capacetes azuis*, mais

observadores no terreno, uma maior pressão da comunidade internacional para o cumprimento, pela Indonésia, do acordo de Nova Iorque.

A «luta pela paz e a liberdade ainda não terminou», sublinha-se na carta, que valoriza, simultaneamente, a nova fase de luta, em que – depois da luta pela liberdade, em que «milhares de timorenses tombaram» – o desenvolvimento do país, a criação de uma sociedade de justiça, se assumem como prioridade.

Nesta nova fase a Fretilin afirma a sua convicção de que as grandes dificuldades que hoje se vivem irão ser superadas, com «tolerância mútua», maturidade e respeito pela diversidade, e força de vontade na construção do futuro.

Para Portugal, para o mundo, Timor surge como um exemplo, de como «há sempre uma porta que se abre» quando os povos lutam, como lembrou Domingos Lopes.

Um facto ao arpejo das teorias de filósofos e políticos que proclamam «o fim da História», mas que, entretanto, exige mais e mais solidariedade, face ao banho de sangue com que se está a tentar esmagar a inquestionável vitória, também nas urnas, do povo timorense.



A lei do mais forte

«Que espécie de humanismo é este que se exprime pela recusa de sofrer perdas militares e pela devastação da economia civil do adversário para as próximas décadas?». A pergunta é do ex-secretário de Estado norte-americano, Henry Kissinger, citado por Anabela Fino (*Avante*) no debate realizado no Palco da Solidariedade sobre «Os *media* na guerra da Jugoslávia». Um encontro que contou ainda com a participação de Carlos Santos Pereira (*RTP* e *DN*) e Pedro Caldeira Rodrigues (*Público*) e em que múltiplas questões se levantaram sobre uma guerra que antes foi «uma agressão unilateral, não provocada», nas palavras de Santos Pereira.

Neste debate – em que todos os jornalistas presentes na mesa tinham uma experiência, vivida em directo, da agressão à Jugoslávia – a lógica subjacente a esta guerra foi desmontada peça por peça.

Antes do mais, os *expedientes* utilizados para a justificar, que passaram pela invocação dos *direitos humanos* e por conceitos como *opção zero de vítimas*. Estabelecendo-se uma perversa dicotomia, em que «uma parte seria humana, outra não», sendo «a parte boa a favor da guerra, como sublinhou Anabela Fino.

Quando à famosa *opção zero de vítimas*, reporta-se apenas à parte atacante, ou seja, aos EUA / NATO. E faz tábua rasa das muitas vítimas civis. Pois, como é sabido, «a NATO bombardeou estações de rádio e televisão, pontes, centrais eléctricas, fábricas de todo o tipo, refinarias, hospitais, escolas, prédios de habitação», sobre os quais lançou bombas de fragmentação e bombas de urânio, lembrou a jornalista do «Avante!».

Entretanto, a população civil ficou sem abastecimentos, sem água, sem electricidade, sem combustível, sem emprego, sem casas. A guerra fez da

Jugoslávia o país mais pobre da Europa em rendimento *per capita*, abaixo da própria Albânia.

Esta mesma ideia – deliberado bombardeamento da população civil para impor a *lei do mais forte* – foi sublinhada e analisada por Santos Pereira que questionou o novo conceito estratégico da NATO.

No seu 50.º aniversário – e enquanto os seus aviões «bombardeavam alegremente maternidades e escolas» – a NATO atribuiu-se uma outra função – «intervir em qualquer ponto em que queira intervir».

Com mandato de quem? Provavelmente por «direito divino», ironizou o jornalista do DN. Com que resultados? O que se está a passar no Kosovo fala por si.

Trata-se na verdade, como sublinhou ainda Santos Pereira, de uma operação muito *clássica* – a



«conquista e ocupação pela força de um pedaço de território».

Assim, «estamos a recuar séculos», pondo em causa os muitos esforços antes orientados «para criar mecanismos e foruns de diálogo».

Uma realidade que, na opinião de Pedro Rodrigues, jornalista do *Público*, não tem tido a resposta adequada, nomeadamente por parte da intelectualidade europeia.

FESTA



Delegações estrangeiras presentes na Festa



Alemanha - Partido do Socialismo Democrático; Partido Comunista Alemão. Angola - MPLA. Argentina - Partido Comunista da Argentina. Bélgica - Partido Comunista. Bolívia - Partido Comunista. Brasil - Partido dos Trabalhadores. Cabo Verde - PAICV. Checa (Rep.) - Partido Comunista da Boémia e Morávia. Chile - Partido Comunista do Chile. China - Partido Comunista da China. Chipre - AKEL. Colômbia - FARC. Coreia - Partido do Trabalho da Coreia. Cuba - Partido Comunista de Cuba. Curdistão - Frente de Libertação Nacional do Curdistão. Dinamarca - Partido Comunista na Dinamarca. Espanha - Partido Comunista de Espanha; Partido dos Comunistas da Catalunha; Bloco Nacionalista Galego; Esquerda Unida. França - Partido Comunista Francês; Humanité. Grã-Bretanha - Partido Comunista Britânico. Grécia - Partido Comunista da Grécia; Synaspimos (Coligação da Esquerda e do Progresso). Hungria - Partido dos Trabalhadores. Iraque - Partido Comunista. Itália - Partido da Refundação Comunista. Japão - Partido Comunista Japonês. Laos - Partido Popular Revolucionário. Líbano - Partido Comunista Libanês. Marrocos - Partido da Vanguarda Democrática Socialista; Partido do Progresso e do Socialismo. Moçambique - Partido FRELIMO. Palestina - Organização de Libertação da Palestina. Peru - Partido Comunista Peruano. Saara Ocidental - Frente Polisário. Sudão - Partido Comunista. Timor Leste - FRETILIN. Vietname - Partido Comunista do Vietname.



Encontro com Carvalhas

Mais de quarenta delegações estrangeiras participaram na nossa Festa, representando partidos e organizações revolucionárias e progressistas vindas de todo o mundo. Os convidados estrangeiros foram, como já é tradicional, recebidos pelo secretário-geral do PCP numa sessão em que Carlos Carvalhas - acompanhado de José Casanova, Director do «Avante!», de Virgílio Azevedo, do Secretariado do CC, e de Manuela Bernardino, da Comissão Central de Controlo do CC e da Secção Internacional - saudou a presença de todos, informou sobre a situação política nacional e respondeu às questões que foram entretanto colocadas.



A música da Galiza intercalou o momento de solidariedade com Timor

Colômbia

Na iminência da intervenção dos EUA responderemos com dignidade

Depoimento de Juan Antonio Rojas

Aproveitando a presença na Festa do camarada Juan Antonio Rojas, membro das FARC, solicitámos-lhe um curto depoimento sobre a grave situação que se vive no seu país:

Na Colômbia continua a agravar-se a situação económica, com a indústria a registar uma quebra de 14 por cento, e com uma taxa de 20 por cento de desemprego. Em 31 de Agosto os trabalhadores realizaram uma greve geral, em protesto contra a política neoliberal levada a cabo pelo presidente Pastrana. Entretanto, o processo de paz encontra-se parado neste momento. Porque o governo de Pastrana faz concessões aos americanos, aos grandes grupos económicos transnacionais, ao capitalismo.

Por outro lado uma Comissão de Verificação Internacional propõe-se inspeccionar as áreas controladas pelas Forças Armadas Revolucionárias Colombianas (FARC). Enquanto o processo de paz é entravado, os Estados Unidos preparam-se para intervir militarmente no país.

Em 1 de Setembro, foi «inaugurado» um batalhão, totalmente treinado e armado pelos EUA. O pretexto da organização desta força é o combate ao narcotráfico, mas a verdadeira finalidade do treino militar dos EUA é a preparação de uma intervenção real contra as FARC.

Ao mesmo tempo, aviões e helicópteros estão a

ser usados na luta contra as FARC. Isso mesmo ficou demonstrado com a recente queda de um avião americano que realizava operações de espionagem. Não se tratou de um avião abatido, mas de um acidente ocorrido com este aparelho, em que perderam a vida cinco norte-americanos e dois colombianos.

Estamos a fazer o possível para que não haja uma intervenção militar americana. Na Colômbia, estamos a falar com variados sectores - liberais, conservadores, industriais, comerciantes, movimento popular, personalidades - com a finalidade de obstar à intervenção. No exterior, também nos dirigimos aos governos, aos parlamentos, aos partidos políticos, a organizações sociais, à Igreja, apelando a que nos ajudem para que não se venha a concretizar uma intervenção militar.

Entretanto, estamos-nos preparando para resistir, do ponto de vista político, psicológico e militar, no caso de essa intervenção se vier a verificar.

Apelamos aos nossos irmãos latino-americanos para que impeçam uma intervenção, apelamos à comunidade internacional para que nos ajude a impedir uma intervenção. Mas, se ela tiver lugar, responderemos com dignidade.



■ Francisco Costa

Modernidade e tradições no Palco 25 de Abril

Todos os anos é essa uma preocupação fundamental mas, nestes 25 anos de Abril que a Festa também comemorou, é fácil concluir que nunca foi tão expressivo o número de músicos, cantores e grupos nacionais a animar o Palco 25 de Abril.

Apetece, a propósito, começar por dizer que não poderia ter sido melhor o arranque musical da Festa deste ano. Na realidade, depois dos primeiros passos que constituiu a sua participação nas recentes Festas de Lisboa, provou-se agora que os componentes de Rock & Revolução souberam trazer a um colectivo já relativamente coeso a vantagem das experiências individuais e muito variadas dos grupos em que militam, a saber: João Aguardela (*Sitiados*), Rui Duarte (*Ramp*), Dora (*Delfins*), Luís Varatojo (*Despe e Siga*), Jahnello (*Kus-sundulola*) e Viviane (*Entre Aspas*) - no fundo, a reunião de

actuações de músicos e cantores de Angola, Moçambique, Guiné-Bissau e Portugal, num projecto cada vez mais válido e estável cujas vozes salientes foram as de Filipa Pais, Guto Pires ou Filipe Mukenga e que, encabeçado pelo saxofonista Carlos Martins, trouxe para este contexto as experiências do jazz e de outras formas da música popular de raiz africana, sem esquecer *standards* populares portugueses - todas elas vertentes diversificadas, expressas em temas como *Namoro*, *Dança na Praia*, *Na Barca do Passado* mas também *Galinhas do Mato* ou *O que Faz Falta*.



João Afonso

algumas das melhores vozes da *pop* portuguesa actual - bem apoiados por um conjunto instrumental competente e eficaz.

Foi assim que, pelo palco, passaram versões nada conformistas de *Mudam-se os Tempos...*, *O Comboio Descendente* ou *O Galo é Dono dos Ovos*, a par de outras peças-chave como *Construção* ou de canções representativas da *pop* actual, todas tratadas em arranjos cujos sons espelhavam a música popular urbana dos nossos dias.

Mas também logo ali ficava clara uma confluência de iniciativas e intenções que de forma espontânea uniu este ano a maioria dos grupos que actuaram na Festa. Por um lado, uma chamada de atenção, prioritária, em relação à solidariedade devida à heróica luta de anos e anos e à iminente (e no dia seguinte verificada) esmagadora vitória nas urnas do corajoso povo de Timor-Leste; e, por outro lado, as generalizadas referências à Festa do «Avante!» como lugar de excelência para o encontro dos vários artistas com públicos de diferentes gerações e opções culturais, empenhados na entusiasmo e descontrainda fruição da música mas também conscientes da capacidade e necessidade de esta traduzir a realidade e, portanto, os anseios e as reivindicações da sociedade.

Depois, com *Os Sons da Lusofonia*, foi uma outra espécie de transversalidade musical, com uma língua comum a uni-la, que esteve presente nas

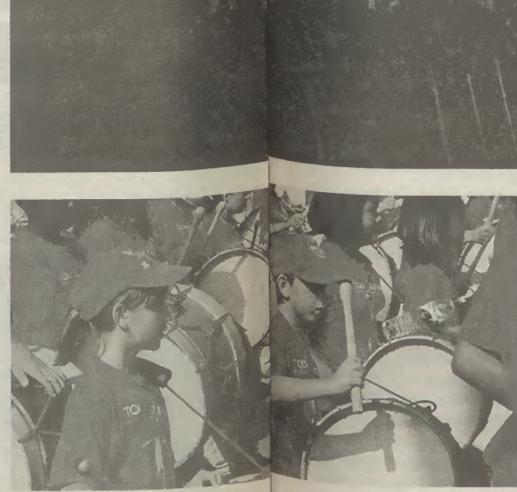
uma caminhada sempre em crescendo que ocuparia a segunda parte da jornada. Agora, era a Música Popular Portuguesa de raiz rural a desempenhar o papel essencial, numa sequência de recolhas ou de originais nela inspiradas e que tiveram em *Santa Combinha*, *Asa Branca*, *Chapéu Preto* ou *Salsa Verde* alguns dos momentos maiores. Mas também

a voz tão especial de Isabel Silvestre trouxe a este espectáculo uma sobriedade e uma mais-valia inegáveis, inserindo-se adequadamente na sonoridade geral do colectivo ou sobressaindo, em solo absoluto, numa comovente versão de *Eito Fora*, aliás dedicada a um amigo e companheiro escolar de tempos mais recuados: Carlos Carvalhas.

O espectáculo que se seguiu pelos *Blasted Mechanism* foi sobretudo pautado pela exuberância do trabalho da encenação e da movimentação de palco, a par da utilização de uma parafernália de percussões clássicas ou exóticas e de instrumentos especialmente «inventados», tudo associado a um tratamento de luz adequado a um guarda-roupa especialmente concebido.



Blasted Mechanism



Tocá Rufar



Xutos & Pontapés



Hévia



Os Corvos



Hands on Approach



Sons de Lusofonia



Santos & Pecadores



Rock & Revolução



Ala dos Namorados

Mas foi com a *Ala dos Namorados* que a Festa deste ano conheceu um dos seus momentos mágicos e de maior adesão do público. Sem dúvida que, do ponto de vista musical, se tornou óbvia a grande qualidade que preside à concepção instrumental que fica a dever-se ao trabalho de João Gil, Manuel Paulo Figueiras e seus companheiros. Quanto a Nuno Guerreiro, não é já só a especificidade de contra-tenor da sua voz que agora se torna saliente mas, ainda, uma muito maior

versatilidade e amplitude dos registos, uma intencionalidade expressiva cada vez mais arrojada e, sobretudo, uma postura em palco que assume um estatuto de liderança até aqui apenas suscitado.

Ficaram assim na memória dos milhares e milhares de ouvidos e corpos presentes temas como *Há Dias em que Mais Vale, De Tudo e de Nada, Fado de Amor e Pecado* ou *Solta-se o Beijo* e, ainda, versões inesquecíveis de *Alice* ou *Perdidamente*, naquele que foi, seguramen-

Palco 25 de Abril

te, um dos melhores espectáculos de sempre do grupo.

Na ponta final da noite, era a vez de surgir, então, a muito aguardada actuação do grande convidado estrangeiro deste ano: o espectacular grupo do nosso vizinho **Jose Angel Hévia**. Adaptando às novas possibilidades tecnológicas a técnica e a sonoridade tradicionais da gaita de foles das Astúrias, Hévia aproveitou inteligentemente (como modelo) o que de melhor já havia sido feito por grupos irlandeses desta área, transmitindo um cunho de modernidade à música popular da sua região, sem deixar de associar a espaços a sonoridade tradicional das gaitas de foles através da colaboração em palco de jovens gaiteiros. *Naves, Salton, Barganaz, El Garrotin ou La Marcha del 2 de Mayo* ficaram assim a marcar um dos momentos de maior espectacularidade da Festa deste ano.

E tudo acabou, no sábado, da melhor maneira com os **Santos & Pecadores**. A voz forte e insinuante de **Olavo Bilac** impôs-se assim, mais uma vez, em algumas das canções do novo álbum do grupo intitulado «*Voar*» e de clássicos do seu repertório, como *Olhar Para Trás, Destino, Saber de Ti* ou *Momento Final*. Um concerto inteligentemente planeado que antecedeu um final de noite espectacular iluminada por uma esplendorosa sessão de fogo de artifício acompanhando uma banda sonora especialmente elaborada para o efeito.

Domingo

A reabertura, no Domingo, do Palco 25 de Abril, veria mais uma vez ser dada primazia à MPP e a duas vozes que, de forma diferente, se impõem no panorama actual desta música: a tranquilidade de **João Afonso** que nos habituou a honrar, com a seriedade das suas criações musicais, a herança de um nome histórico e prestigiado e que particularmente se destacou em temas já conhecidos e de grande receptividade por parte do público, como *Sodoma e Gomorra, Carteiro em Bicicleta* ou *Mariana*; e a exuberância de **Sebastião Antunes**, a voz identificadora do brilhante grupo que cada vez mais é a **Quadrilha**.

Pelo meio, os setubalenses dos **Hands on Approach**, que este ano deram que falar, confirmaram em



Nas três noites da Festa, o público encheu por completo o recinto fronteiro ao Palco 25 de Abril

palco o traquejo que as digressões pela estrada lhes têm dado, salientando-se pelo seu trabalho instrumental e vocal.

Finalmente, para culminar uma série de espectáculos estudadamente estabelecida em cres-

cendo, só um grupo como os **Xutos & Pontapés**, há muito colocado entre as maiores referências do rock português, poderia assegurar o último espectáculo desta Festa, a seguir ao grande comício do fim de tarde.

Desta vez, **Tim, Kalú, Zé Pedro** e **João Cabeleira** trouxeram, para dois números, a companhia de **Os Corvos**, uma formação clássica que se tem dedicado às versões para quarteto de cordas de alguns dos temas mais conhe-

cidos do grupo, como foi o caso concreto de *Circo de Feras* ou *Quando eu Morrer*.

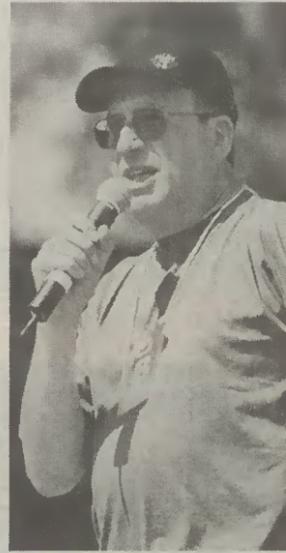
Mas o concerto dos **Xutos** foi muito mais do que isso: um modelo de construção e de concepção, pleno de força e de maturidade mas jamais se afastando das aventuras e do arrojo dos anos de juventude e sabendo, como sempre, criar e deixar-se envolver por uma poderosa atmosfera de interactividade com o público que, em gigantesco uníssono, cantava as letras de clássicos como *Homem do Leme, Esta Cidade, Maria, Não Sou o Único* ou *Vida Malvada*.

Assim terminava em grandiosidade e sentida força emocional, com dezenas de milhares de pessoas ligadas pela música mas certamente cimentadas por muito mais do que esse conjuntural factor de unidade, a sequência de espectáculos este ano gizada para o Palco 25 de Abril.

E, como já vai sendo hábito afirmar-se nestas ocasiões... «para o ano, há mais!»



Ramp



Cândido Mota



Navegante e Isabel Silvestre



Ciganos D'Ouro



Quadrilha



Blind Zero

FESTA

Auditório 1º de Maio

■ Isabel Araújo Branco

Da música clássica ao Jazz

Sexta-feira – Qual é a roupa mais apropriada para ir à Festa do «Avante!»? A resposta mais óbvia dir-nos-á que um vestido leve ou uns calções e uma *t-shirt*, acompanhados por uns ténis ou umas sandálias, são o melhor que há. Mas há quem discorde.

Os elementos da **Orquestra Filarmonia das Beiras**, por exemplo, optaram pelos fraques. Vestidos à altura, o seu concerto preencheu a programação da primeira noite do auditório na Festa de 1999. A primeira parte foi ocupada por serenatas de Richard Strauss e Antonin Dvorjak, e a segunda por «Carmina Burana» de Carl Orff.

A batuta na mão do maestro Luís Filipe de Carvalho sobe e desce, enquanto a música saía dos instrumentos dos jovens elementos da orquestra acompanha o movimento ao milímetro. Os ouvidos, esses, deixam-se levar.

Luís Filipe Carvalho esforçou-se por que o público aplaudisse apenas no fim de cada peça. Mas havia quem insistisse em bater palmas, resistindo aos «chius» e à mão aberta do maestro, fazendo questão em mostrar o quanto gostava do que estava a ouvir. Uma pequena revolução no seio das convenções da música clássica...

Sábado – Cinco horas da tarde. Depois de um pequeno atraso de meia hora devido a problemas técnicos, o público está impaciente. A Carvalhesa começa a tocar, sinal de que o palco está prestes a

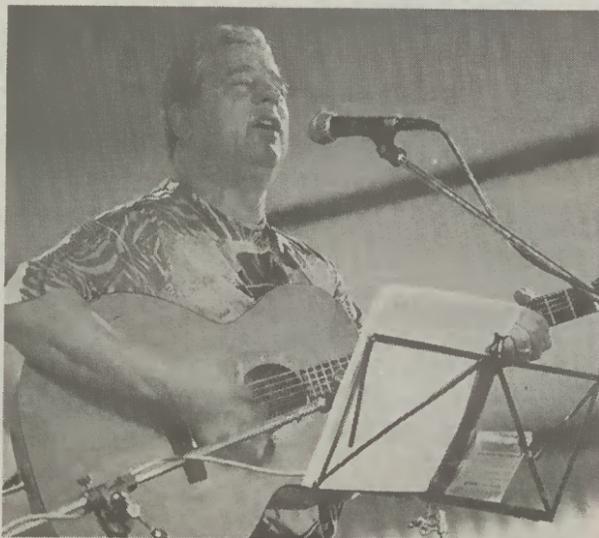
abrir. A música - que já se tornou um símbolo da Festa e de todas as iniciativas do PCP e da CDU - é recebida com palmas e acompanhada alegremente por aqueles que esperam **Dany Silva**.

A alta temperatura que fazia na Atalaia poderia levar os visitantes a refugiar-se nas sombras e a esperar calmamente que o calor passasse. No auditório a estratégia foi exactamente contrária. Aos primeiros acordes da banda do músico cabo-verdiano todos se levantam do chão.

O ritmo africano obrigou os muitos que ali se encontravam, dos mais novos aos mais velhos, a dançar do princípio ao fim do



Orquestra Filarmonia das Beiras



Jon Former



Dany Silva



Belle Chase Hotel



Telectu, com Sunny Murray

espectáculo. Uma vez sozinhos, outras acompanhados, as ancas para a esquerda e para a direita, um passo atrás, outro à frente, os braços para a frente ou a agarrar o par.

Muitas das canções interpretadas por Dany Silva pertencem ao seu último trabalho, «Tradição», editado este ano. Mas houve lugar para outras como a «Garota de S. Bento» e «Branco, velho, tinto e jeropi-ga», ou ainda para «Saudade» de Cesária Évora.

Por volta das seis horas, o norte-americano **Jon Former** entrou no

palco com a sua viola. Como será olhar de frente para o público, sozinho, sem conhecer a língua daqueles que aguardam a sua música, a maioria esperando para a ouvir pela primeira vez? Será assustador um encontro entre estes desconhecidos? Nem tanto.

De um lado, temos um músico com muitos anos de estrada e, do outro, um auditório que gosta de canções de intervenção. Temos um artista experiente que já ganhou dois *Emmys* e trabalhou com os Beach Boys e uma assistência que aprecia música de qualidade. Temos um homem com uma forte formação política e o público da Festa do «Avante!». Não poderia haver melhor encontro.

Visivelmente impressionado com a variedade de espectáculos, exposições, stands e artesanato presentes na Atalaia, Jon Former dedicou uma canção sobre o 1.º de Maio aos homens e mulheres que construíram a Festa nos últimos meses. «Vocês são maravilhosos. Fazem-me sentir ótimo!», exclamou.

Dirigente da Federação Americana dos Artistas de Televisão e Rádio, Former cantou o hino da organização (escrita nos anos 20) em versão de

rock n' roll. A mensagem do refrão ficou no ar: «The union makes us strong.» («A união faz-nos fortes.»)

No *encore*, Jon Former interpretou uma canção sobre heróis: «Não encontras os meus heróis no livro de História, mas se os quiseres ver basta olhar à tua volta.»

Depois de um concorrido espectáculo dos **Telectu** e do baterista Sunny Murray, os **Belle Chase Hotel** foram aclamados por centenas de pessoas que os aguardavam entusiasmados. Aquele que é conside-



Francisco Ceia



Fado Ribatejano

FESTA

Auditório 1º de Maio

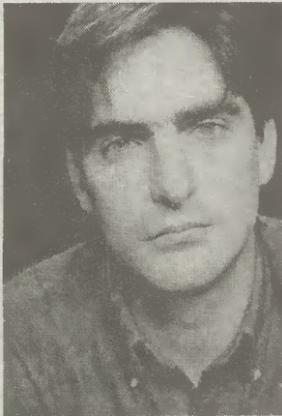
rado como o grupo revelação de 1998, de cerveja na mão do princípio ao fim, pautou pela descontração com que se apresentou.

As canções - interpretadas em várias línguas, como o português, o francês e o inglês - foram explicadas pelo vocalista e abordaram temas como a guerra e a tecnologia.

É a vez do **Fado Ribatejano** subir ao palco. Se alguém perguntar quais os símbolos da região, a resposta é pronta: o fandango, os campinos, a tourada e, claro, o fado. Tudo isso esteve presente no auditório, de uma forma ou de outra.

Cristina Branco, Carlos Lisboa, Teresa Tapadas, Carlos Pereira, Helena Leonor, António Figueiredo e João Chora cantaram, acompanhados por Custódio Castelo, Carlos Velez e também pelo mesmo João Chora. Os fadaguistas António Veríssimo e José Triguinho dançaram. E Raul Caldeira, o apresentador, vestido de campino, sempre de chapéu na mão e capa ao ombro, destacou-se pela força e naturalidade com que declamou vários poemas sobre o povo do Ribatejo.

Os aplausos não cessaram durante toda a actuação. Sente-se a força de homens que encaram os touros pela frente e os fitam olhos nos olhos, pessoas que amam a sua terra, das lezírias ao Jardim das Portas



Camané



Alcoolémia



Quinteto Carlos Martins



Orquestra de Jazz de Matosinhos

do Sol, gente que vibra com a guitarra, que não foge à tradição e se exprime através do fado e do fandango.

É tarde. Lá fora, a lua brilha no céu. O barulho vai cessando, o cansaço pesa, mas o corpo ainda resiste levado pela vontade de ouvir mais. Ir para casa? Não, o ambiente é ideal para ver **Camané**.

O fadista surge finalmente. O Ribatejo cede lugar a Lisboa e somos levados das lezírias para as ruas estreitas de Alfama e do Bairro Alto, para os ambientes e histórias da capital, para a vida multifacetada da grande cidade. Camané envolve-nos com as palavras, com a sua voz única, com os seus fados.

Domingo - É o último dia da Festa. Quem andou mais descontraído nos outros dias apressa o passo. Olha para a revista e faz uma lista mental do que ainda tem para ver. «Ainda não comemos ovos moles em Aveiro, temos de ver a Bienal e há um debate que não quero perder.» Os grandes grupos têm tendência para se dispersar pelo terreno, espalhando-se de acordo com as preferências. As famílias dividem-se entre os mais novos e os mais velhos. «Onde é que nos encontramos? Pode ser no auditório.»

Os **Alcoolémia** fazem as honras da casa e abrem o palco, trazendo o rock electrificado e acústico. **Francisco Ceia** segue-os, sofrendo a princípio com a concorrência dos paraquedistas que à mesma hora saltam para o lago. As suas baladas comovem uns e embalam outros. O auditório é agora espaço de sentimento.

Depois do comício, é hora do Jazz. Os fans concentram-se. Há que jantar depressa para marcar lugar. Há coisas que não se podem arriscar, e a **Orquestra de Jazz de Matosinhos** e o **Quinteto Carlos Martins** fazem parte delas.

Há quem faça questão de dizer aos amigos quantas vezes já os viu e em que ocasiões. «Músicos destes não andam por aí aos pontapés!» Os grandes apreciadores de jazz rejubilam, e os outros, os que começam a gostar, ficam cada vez mais entusiasmados ao longo dos dois espectáculos.

De Matosinhos, chega uma orquestra de 21 elementos liderada por Pedro Guedes e Carlos Azevedo. Divertidos, arrastam o público para o ambiente dos clubes nocturnos. As suas notas incendeiam o auditório. Não há quem consiga ficar indiferente. Durante uma hora, o corpo mexe-se involuntariamente, a música alcança todas as células.

O palco é rapidamente mudado! Os instrumentos são substituídos, aparecem novas caras. O **Quinteto Carlos Martins** surge. Os primeiros acordes têm de lutar com os aplausos para se fazerem ouvir. A banda toca originais e versões de canções muito conhecidas, como «E Depois do Adeus», «Estrela do Mar» ou «Mariazinha».

Com um cravo no bolso oferecido pelo público, Carlos Martins dá lugar a Bernardo Sasseti (piano), Alexandre Frazão (bateria), Carlos Barreto (contrabaixo) e Mário Delgado (guitarra eléctrica). Todos brilham, todos mostram por que são dos músicos de jazz mais aclamados em Portugal.

A Festa termina e já deixa saudades. A única solução é esperar pela edição do próximo ano.

Outros palcos

Todas as músicas do mundo

A Festa do «Avante!» é feita de muitas músicas e de muitos palcos, abrangendo variadas expressões musicais, das mais populares às mais vanguardistas. Centenas de artistas, profissionais e amadores, estão envolvidos nos espectáculos que os visitantes da Atalaia têm à sua disposição.

O Palco Arraial, o Palco de Setúbal, o Palco Novos Valores, o Café Concerto e o Palco da JCP são locais de encontro de músicos e espectadores. As surpresas são comuns, tanto para o público que descobre nomes desconhecidos e se surpreende com o seu talento, como para os artistas que vêem o

seu trabalho ser reconhecido por centenas ou milhares de pessoas.

Uma das maiores surpresas foi o grupo de influência **reggae One Love Family**, apurado por Coimbra para actuar nos Novos Valores. Os músicos, alguns com cerca de 10 anos de idade, mostraram que a idade não interessa quando se tem arte dentro de si.

Mas tudo se podia encontrar na festa, desde grupos folclóricos de vários pontos do país (como Viana do Castelo, Covilhã, Aveiro ou Barreiro), a música de baile com os conjuntos **Agri-douce** ou **Água Viva**, que iam desde as canções brasileiras às composições dos Beatles.

Entre os muitos exemplos de músicos amadores, de referir ainda **Sandra Costa**, da Associação Manuel da Fonseca, que actuou sozinha em palco, acompanhada apenas pela sua viola, nos Novos Valores e em Setúbal.



FESTA

Desporto, alegria e festa

Dezenas de modalidades, centenas de atletas e um público numeroso fizeram uma autêntica festa do desporto durante três dias na Atalaia para o qual contribuíram dezenas de clubes, colectividades, e diferentes instituições de vários concelhos.

Na Quinta da Atalaia realizaram-se torneios e exibições de andebol, futebol, basquetebol, ginástica, aeróbica, artes marciais, tiro com chumbo, xadrez, damas, triatlo, chinquillo e outros jogos tradicionais, para além do sarau de ginástica e danças desportivas de salão, com a participação da Sociedade dos Alunos de Apolo.

Nos desportos radicais, destacaram-se a prova de Slide e a Parede de Escalar, não esquecendo a espectacular demonstração de pára-queda que teve lugar antes do Comício.

Na noite de andebol, na sexta-feira, participaram 90 atletas, tendo-se realizado jogos entre as equipas do IFC Torrense/CCR Alto do Moinho e CCR-Rio Seco (iniciados masculinos); GDCR Quinta da Princesa e CAR Caramão- Juve Caramão – (juvenis femininos); em Veteranos encontraram-se uma equipa mista de Almada/Seixal e de Lisboa.

No hóquei de Sala, realizaram-se jogos de exibição com equipas femininas do Clube Recreativo da Cruz de Pau e, em de infantis masculinos, do mesmo clube com o

GD da Carris. Ao todo participaram 40 atletas.

O futebol esteve igualmente presente através das equipas de iniciados masculinos do Clube de Pessoal da Siderurgia Nacional e a Seleção da Junta de Freguesia da Ameixoeira. Em seniores femininos – estiveram as equipas do CCS de Pinhal de Frades com Palmeiras LC. Em seniores masculinos, encontraram-se as turmas do CDR Águias Unidas, JCP de Pias, LC Rio de Janeiro e Chinquillo do Lavradio. No total, estiveram 80 participantes.

O sarau de ginástica, sábado à noite, foi outro momento alto do Polidesportivo, onde mostraram as suas capacidades 70 ginastas do CR da Cruz de Pau, (mini-trampolim e solo); da Sociedade Musical 5 de Outubro (aeróbica e funk); dos Trampolins do Seixal (trampolim e duplo mini-trampolim); do CRCD de Brejos de Faria (step e aeróbica).

Seguiu-se a dança desportiva com quatro pares da Sociedade Filarmónica dos Alunos de Apolo, designadamente o campeão nacional de juniores, o campeão ibérico de juniores, o vice campeão nacio-



Muito público nas demonstrações de dança desportiva e no sarau de ginástica



nal de seniores amadores e o campeão nacional de seniores.

No torneio de basquetebol 3x3 participaram 16 equipas sagrando-se vencedora a «Sensação Arrentela». O mesmo número de equipas disputou o torneio de voleibol 2x2, vencendo a formação de «Canhas».

As demonstrações de karaté estiveram a cargo dos atletas do CR da Cruz de Pau e o Clube Cultural das Paivas e de jogo do pau do CRCD de Brejos de Faria, num total de 35 participantes.

Tiro com Chumbo

Na sexta-feira, o pavilhão do tiro abriu com uma demonstração da modalidade em que foi dada oportunidade aos visitantes de experimentar em que foram devidamente acompanhados por atiradores e treinadores da Federação de Tiro. O convite foi aceite por mais de 160 pessoas.

Nos dias seguintes decorreram os torneios de carabina, em que participaram 48 atiradores, e de pistola, com 25 concorrentes. Na

carabina masculino classificaram-se em 1.º Filipe Galvão; 2.º Daniel Freitas; 3.º José Galvão, todos da Unidos da Recosta; 4.º Lino Managheiro e em 5.º Carlos Santos, ambos do Clube Praças da Armada.

Em carabina feminino a classificação foi a seguinte: 1.º Filipa Galvão (Unidos da Recosta); 2.ª Carla Santos (Praças da Armada); 3.ª Inês Cabrito (Unidos da Recosta).

Na classificação por equipas a ordem foi a seguinte: 1.ª Unidos da Recosta; 2.ª Clube Praças da Armada; 3.ª CP Tiro Prático Desportiva.

Na pistola de ar comprimido em 1.º ficou José Pego, em 2.º António Durães, ambos do Grupo Desportivo da PSP; em 3.º Ludgero Rodrigues, do Club Praças da Armada; em 4.º José Mota, do CP Tiro Prático e Desportivo; e em 5.º Carlos Santos, Praças da Armada.

Em femininos, Joaquina Rodrigues foi 1.ª; Lígia Trepado, 2.ª; e Alda Nora, 3.ª, todas do Grupo Desportivo da PSP.

Na classificação por equipas, venceu o Grupo Desportivo da PSP, seguido pelo Clube



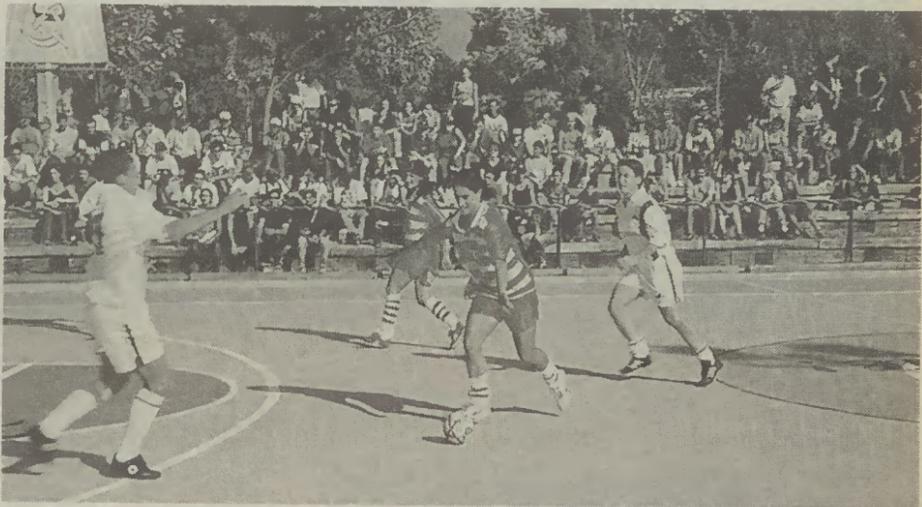
Cerca de 800 pessoas experimentaram o slide



Voleibol na relva



O jogo do pau



O futebol feminino foi seguido com interesse



A noite de sexta-feira foi dedicada ao andebol



Uma das muitas entregas de prémios que se realizaram durante a Festa

Desporto, alegria e festa

Praças da Armada e Clube Português de Tiro Prático e Desportivo.

Damas e Xadrez

O torneio de damas, realizou-se no sábado, com a participação de 40 jogadores. No domingo, teve ainda lugar uma simultânea da modalidade. A classificação do torneio ficou ordenada do seguinte modo: 1.º Artur Gomes; 2.º José Pereira; 3.º Tavares Correia; 4.º Vítor Nédio; 5.º Bento Soares; 6.º Viegas Nunes; 7.º Vítor Cunha; 8.º Daniel Machado; 9.º Arlindo Roda; e 10.º José Pedro.

No torneio de Xadrez de Semirrápidas de 15 minutos, participaram 40 praticantes, dos quais foram vencedores em seniores, Mário Correia (Lisboa); em veteranos (Sílvia Soares (Almada); em benjamins, Pedro Veríssimo (Seixal); em juniores, Helder Pinho (Porto); e em iniciais, Márcio Sousa (Seixal).

Na simultânea com o Mestre Álvaro Pereira participara 24



O mestre Álvaro Pereira conduz uma simultânea de Xadrez



Cerca de 500 visitantes escalaram a parede



Basquetebol 3x3



Damas



Chinquilho



Mah-jong

xadrezistas, 22 dos quais com vitórias e apenas duas derrotas.

Este espaço esteve ainda aberto à experimentação dos visitantes, que atraiu cerca de meia centenas de pessoas.

O mah-jong foi outra modalidade, ainda pouco conhecida entre nós, que os visitantes puderam conhecer através de uma sessão de aprendizagem realizada no domingo com cerca de 40 pessoas.

Chinquilho

Na malha corrida/equipas, classificaram-se nos três primeiros lugares as formações de Santo Cruz, Aldeia dos Chões e Alvalade, todas de Santiago do Cacém. Na competição de individuais os melhores foram Hugo Jerónimo (1.º); António Candeias (2.º); Augusto Sobral (3.º) e Manuel Guerreiro (4.º). Estes

torneios tiveram a participação de 40 praticantes.

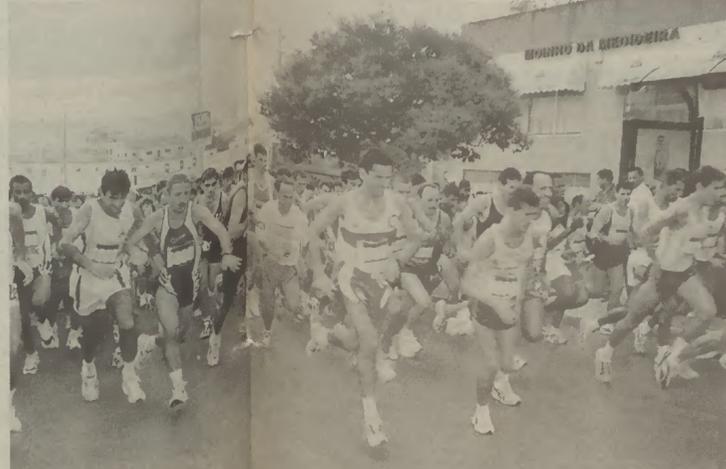
Na variante malha grande participaram 60 jogadores e a classificação foi a seguinte: 1.º Caixas (Sesimbra); 2.º Amigos (Setúbal); 3.º Melo (Sesimbra); 4.º Pontes (Setúbal); 5.º Fominho (Palmela); 6.º Algeruz (Palmela).

Por último, a malha pequena juntou 70 participantes, classificando-se nos primeiros sete lugares as seguintes equipas: 1.º Sempre Fixe (Barreiro); 2.º GR Familiar (Alhos Vedros); 3.º A Vontade do Povo (Moita); 4.º Pluricoop (Alhos Vedros); 5.º Arroense (Alhos Vedros); 6.º União Pires (Alhos Vedros); e 7.º União Banheirense (Baixa da Banheira).

Na festa estiveram ainda presentes a escalada da parede, que registou meio milhar de participantes e o slide, por onde passaram 800 praticantes e curiosos.



Tiro com carabina



Corrida



Momento da partida, à esquerda, e a entrega dos prémios. Da esquerda para a direita, Adalberto, da Resistência Timorense; Odete Gonçalves, presidente da JF de Amora; Rita Magrinho, vereadora da CM de Lisboa; Alberto Chaíça, vencedor da corrida; Alfredo Monteiro, presidente da CM do Seixal; Anabela Pereira, vencedora em femininos; Octávio Teixeira e Armando Aldegallega, vencedor em veteranos V

Corrida solidária com Timor

A Festa ganhou este ano mais um emocionante espetáculo com a entrada de quase mil atletas em pleno esforço na zona junto ao Lago. Foi também aqui que pela primeira vez se realizou a cerimónia de entrega dos prémios, durante a qual foi lembrada a luta do povo de Timor pela independência e manifestada solidariedade através de Adalberto, membro da Fretilin.

Dos 1818 atletas inscritos, 987 cortaram a meta depois de cumprirem um percurso de 14 quilómetros, boa parte dos quais enquadrados na magnífica baía do Seixal. O primeiro a chegar foi Alberto Chaíça, atleta da Conforlimpa, que completou a prova em 43 minutos e quatro segundos, menos dois minutos que o segundo classificado. Em femininos, a vitória absoluta coube à atleta veterana Anabela Pereira, da Barcelona 92, com 56 minutos e 29 segundos. (Ver outras classificações no quadro ao lado.)

Na cerimónia de entrega dos prémios, estiveram com convidados Octávio Teixeira, presidente do Grupo Parlamentar do PCP e cabeça de lista por Setúbal às próximas eleições legislativas, Carlos Rabaçal, membro do Grupo de Estudos do Desporto do PCP, Alfredo Monteiro, presidente da CM do Seixal, Rita Magrinho, vereadora do desporto da CM de Lisboa, Odete Gonçalves, presidente da Junta de Freguesia da Amora, Alfredo Flores, presidente da Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio, José Esteves, do Departamento de Desporto da CML, António Vilela, assessor da CML e técnico da Federação Portuguesa de Atletismo.

Estavam ainda, entre outras figuras ligadas aos meios desportivos, Melo de Carvalho, inspector-geral de Educação, Bernardo Manuel, treinador do Sporting e coordenador do Meio-Fundo da Federação Portuguesa de Atletismo, Armando Aldegallega, atleta do Sporting que mais uma vez venceu no escalão de veteranos V, Fernando Fernandes, director do Anuário da Corrida, Rafael e José Carlos, da Casa dos Atletas, e Joaquim Maia, presidente do Grupo Desportivo do Cavadas. A organização agradeceu ainda a presença e colaboração de António Borges, do apoio informático, de Carlos Marques da Rádio Baía, da Rádio CN Europa 92, e de Angelo Santos da FPCCR.

Outros agradecimentos foram dirigidos às câmaras do Seixal, Almada e Lisboa, Bombeiros Voluntários do Seixal, Amora Futebol Clube, PSP, e GNR, bem como a centenas de outras entidades públicas e privadas que ofereceram os troféus da Corrida.

Como salientou Eugénio Costa, em nome da Organização da prova, este grande acontecimento desportivo deve-se essencialmente «ao trabalho voluntário de dezenas de atletas e de dirigentes de clubes».

Os dez primeiros de cada escalão

Juniões Masculinos

Nome	Equipa	Geral	Esc.
João Pires	G. Desp. O Independente	46	1
Pedro Moraes	Linda-A-Pastora S. Club	60	2
Tiago Matias	GDRC Pontorrolense	80	3
Leonardo Calijo	G. Desp. Rec. Reboleira	129	4
Luís Pinto	IFCT	153	5
Hilário Valente	Amigos ATL Moita	181	6
Virgolino	Amigos ATL Moita	223	7
Daniel Guerreiro	SRCI B.º Alentejano	224	8
Márcio Caravela	Individual	244	9
Paulo Miguel	Manuel Simão e Filhos	276	10

Juniões Femininas

Nome	Equipa	Geral	Esc.
Cristina Pereira	GDRC Pontorrolense	242	1
Ana Cláudia	Alvitejo	855	2
Sónia Duarte	Alvitejo	912	3
Mariana Mendes	Linda-a-Pastora S. Club	980	4
Ana Cristina	Linda-a-Pastora S. Club	981	5

Seniores Masculinos

Nome	Equipa	Geral	Esc.
Alberto Chaíça	Conforlimpa	1	1
Pedro Pessoa	G. Desp. Cult. Galamares	2	2
Delfim Pimentel	G. Desp. Rec. Reboleira	3	3
Cardoso Santos	U. Rec. Dafundo	4	4
Eusebio Rosa	Individual	5	5
Paulo Sousa	CCD Cãm. Mun. Loures	6	6
Luís Martins	G. Desp. Rec. Reboleira	8	7
Paulo Ramos	Câmara Lisboa Clube	10	8
Domingos Marques	Café Reis - Setúbal	11	9
Luís Santos	U. Rec. Dafundo	12	10

Seniores Femininas

Nome	Equipa	Geral	Esc.
Josefa Bongue	U. Rec. Dafundo	285	1
Paula Silva	Individual	461	2
Ana Andrade	ACD Cotovia	556	3
Carolina Canhão	AR Bairro Fátimidade	637	4
Sílvia Antunes	Portugal Telecom	641	5
Susana Domingos	Individual	688	6
Maria João	GA Super Estrelas	693	7
Ana Fernandes	NRD Ídolos da Praça	762	8
Alice Basílio	Individual	800	9
Patrícia Passinha	Papa Lérias	856	10

Veteranos I

Nome	Equipa	Geral	Esc.
Amílcar Duarte	Sporting C. Portugal	7	1
Silvestre Gomes	U. Rec. Dafundo	9	2
Paulo Félix	Manuel Simão e Filhos	13	3
Joaquim Delgado	Boavista - Ilha do Pico	15	4
Jorge Ruís	U. Rec. Dafundo	16	5
José Piçarra	U. Rec. Dafundo	22	6
Jorval Fidelis	NRD Ídolos da Praça	23	7
Aires Pratas	FFPM	24	8
Mário Rui	Café Reis - Setúbal	27	9
Oscar Santos	G. Desp. Rec. Reboleira	29	10

Veteranos II

Nome	Equipa	Geral	Esc.
Joaquim Pereira	G. Desp. Rec. Reboleira	21	1
Mário Rodrigues	Mirantense F. Clube	28	2
José Monteiro	G. Desp. Cult. Galamares	35	3
José Fernandes	SRCO B.º Alentejano	68	4
José Pereira	CCD Cãm. Mun. Loures	69	5
Mário Lopes	Mem Martins S. Clube	73	6
Vítor Moreira	CCD Cãm. Mun. Loures	77	7
Júlio Alves	C. Rec. Cruz de Pau	82	8
António Salsinha	Boavista - Ilha do Pico	86	9
Gumersindo Fernandes	Lebres do Sado	97	10

Veteranos III

Nome	Equipa	Geral	Esc.
Manuel Belo	Os Zatopeques	63	1
Joaquim Santos	Os Plumas	66	2
Manuel Carrudo	Mem Martins S. Clube	75	3
Eduardo Tanganhito	Sporting C. Reboleira	79	4
Júlio Dias	GD Ferrov. Barreiro	85	5
João Elias	SRCO B.º Alentejano	91	6
Orlando Lopes	SRCO B.º Alentejano	106	7
António Bentes	G. Desp. Estrela Negra	112	8
José Neves	SRCO B.º Alentejano	118	9
João Martins	C. Rec. Cruz de Pau	125	10

Veteranos IV

Nome	Equipa	Geral	Esc.
Carlos Silva	U. Rec. Dafundo	62	1
José Martins	Os Patuscões - Vialonga	89	2
Adriano Cotrim	Liberdade Fut. Clube	95	3
António Pereira	Individual	130	4
João Guta	Sporting C. Reboleira	151	5
José Santos	Alvitejo	175	6
Jaqueline Bernardo	G. Desp. O Independente	192	7
António Matos	NRD Ídolos da Praça	203	8
Bento Gaspar	APM Serra Silveira	205	9
José Silvério	Mem Martins S. Clube	215	10

Veteranos V

Nome	Equipa	Geral	Esc.
Armando Aldegallega	Sporting C. Portugal	64	1
Fernando Ferreira	Mem Martins S. Clube	256	2
José Maneira	Preditome	295	3
Aracélio Jesus Mendes	Individual	343	4
Manuel Oliveira	Grupo Desp. BNU	347	5
Manuel Pincante	Individual	355	6
Asdrúbal Patinha	U. Rec. Dafundo	383	7
Mário Fresco	AMAL	405	8
José Jerónimo	Simec-Cruz Quebradense	413	9
Nenê Bicho	G. Desp. Estrela Negra	452	10

Veteranas

Nome	Equipa	Geral	Esc.
Anabela Pereira	Barcelona 92	171	1
Aida Martins	Ass. Força Aérea Port.	220	2
Manuela Dias	Barcelona 92	325	3
Anabela Carvalho	Odivelas Futebol Clube	345	4
Deolinda António	Os Patuscões - Vialonga	414	5
Umbelina Nunes	Barcelona 92	441	6
Lisália Nunes	Veteranos de Teixoso	578	7
Clara Faro	Individual	696	8
Maria Alice Cruz	C. Atlético Riachense	715	9
Maria Salete	C. Rec. Cruz de Pau	727	10

As 15 melhores equipas

Lug.	Equipa	Pts.
1	U. Rec. Dafundo	58
2	G. Desp. Rec. Reboleira	92
3	Alvitejo	225
4	SRCO B.º Alentejano	271
5	Café Reis - Setúbal	287
6	Mem Martins S. Clube	421
7	NRD Ídolos da Praça	458
8	APM Serra Silveira	558
9	AMAL	644
10	Manuel Simão e Filhos	647
11	CCD Cãm. Mun. Loures	650
12	G. Desp. Macedo Oculista	662
13	C. Rec. Cruz de Pau	685
14	G. Desp. O Independente	849
15	Os Tangas	942

TELEVISÃO

Quinta, 9

RTP 1
08.00 Infantil
09.15 Malha de Intrigas
10.00 Praça da Alegria
11.40 Culinária
13.00 Jornal da Tarde
13.45 Nico d' Obra
14.15 Consultório
15.15 Nas Asas do Destino
16.15 Lições do Tonecas
16.50 Reis do Estúdio
18.15 País, País
18.55 País Regiões
19.15 Os Lobos
20.00 Telejornal
20.45 Especial Eleições
21.25 As Lições do Tonecas
22.00 Docas 2
23.15 Pés de Bem Querer
00.15 24 Horas
01.30 Pequenos Raptores
(de Donald Shebib, EUA/1990, com Charlton Heston, Bruce Greenwood, Leo Wheatley. Telefilme Dramático)

RTP 2
14.30 Informação Gestual
15.00 Volta a Espanha em Bicicleta
16.00 Desastre no Espaço
17.05 Euronews
17.30 Documentário
18.00 A Fé dos Homens

Sexta, 10

RTP 1
08.00 Infantil
09.15 Malha de Intrigas
10.00 Praça da Alegria
11.40 Culinária
13.00 Jornal da Tarde
13.45 Nico d' Obra
14.15 Desporto
15.15 Nas Asas do Destino
16.15 Lições do Tonecas
16.50 Reis do Estúdio
18.15 País, País
18.55 País Regiões
19.15 Os Lobos
20.00 Telejornal
21.00 Noites de Verão
22.45 Operação Flecha Quebrada
(de John Woo, EUA/1996, com John Travolta, Christian Slater, Samantha Mathis. «Thriller» / Acção)
01.00 24 Horas
02.00 Páginas Negras de Patricia Highsmith
03.00 Ondas de Crime
(de Doug Barr, EUA/1996, com Dale Midkiff, Erika Eleniak, Paul Johansson. «Thriller»)

RTP 2
14.30 Informação Gestual
15.00 Volta a Espanha em Bicicleta
16.00 O Caminho das Estrelas

Sábado, 11

RTP 1
08.00 Infantil/Juvenil
12.00 Fórmula 1 - GP de Itália (Treinos)
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Top +
15.00 O Homem Lá de Casa
(de James Orr, EUA/1994, com Chevy Chase, Farrah Fawcett, Jonathan Taylor Thomas. Comédia)
17.15 Que Vida Esta
18.05 Sexto Sentido
18.55 Futebol: 3ª Jornada do Campeonato Nacional
21.00 Telejornal
22.00 Santa Casa
23.50 Hotel Bon Séjour
00.50 Nash Bridges
01.45 Desporto
02.55 Os Implacáveis da Justiça
(de Charles Braverman, EUA/1986, com Keanu Reeves, Lori Loughlin, Kiefer Sutherland. «Thriller»)

RTP 2
09.00 Universidade Aberta
12.00 Juvenil
13.15 Dinheiro Vivo
14.00 O Prazer de Criar
14.30 Desporto 2
18.35 2001
19.10 Onda Curta
(Matti Ke Lal, Filho da Terra, Matti Ke Lal, Fils de la Terre, de Elisabeth Lewrey, Fr./Índia/1998; Fuga, Fugue, de Georges Schwizgebel, Suíça/1998. Curtas Metragens)
19.40 Os Transatlânticos
20.40 Departamento de Homicídios
22.00 Jornal 2
22.40 Passeio da Fama
23.40 O Lugar da História
00.40 Allô, Allô!
01.10 Jogo da Vida
01.40 Smith and Jones
02.10 Farinelli
(de Gérard Corbiau, Fr./Bélg./It./1994, com Stefano Dionisi, Enrico LoVerso, Elsa Zylberstein, Caroline Cellier. Ver Destaque)

SIC
08.00 Super Buêrére
11.55 O Nosso Mundo
13.00 Primeiro Jornal

Domingo, 12

RTP 1
08.00 Infantil / Juvenil
12.30 Jornal da Tarde
13.00 Fórmula 1 - GP de Itália
15.00 Made in Portugal
16.00 Heróis em Acção
16.55 Detective de Saltos Altos
(de Jeff Kanew, EUA/1991, com Kathleen Turner, Jay O. Sanders, Charles Durning. Policial)
18.45 Destinos de Sofía
19.30 Domingo Desportivo
20.00 Telejornal
20.50 Os Principais
22.30 Jet Set
23.00 Domingo Desportivo
00.50 O Conde de Monte Cristo
02.55 24 Horas
03.45 Perigo Iminente

RTP 2
09.00 Programa Religioso
10.30 Missa
11.20 Infantil / Juvenil
13.00 Quem Sai aos Seus
13.30 Saber & Fazer
14.00 Jornal d' África
14.30 Rotações
15.00 Desporto 2
19.10 Bom Bordo
19.45 Artes e Letras: Peter Grimes
20.50 Jonathan Creek
22.00 Jornal 2
22.35 Horizontes da Memória
23.15 Faenas
23.45 Os Boínas Verdes
(de John Wayne e Ray Kellog, EUA/1968, com John Wayne, David Janssen, Jim Hutton, Aldo Ray. Ver Destaque)

SIC
08.00 Super Buêrére
12.00 BBC - Vida Selvagem
13.00 Primeiro Jornal
14.00 Pequenos e Rebeldes
(de Harry Winer, EUA/1997, com Jamie Lee Curtis, Kevin Pollak, Jennifer Tilly. Comédia)
16.20 Vip
17.10 Rex, O Cão Policia
18.10 Um Policia de Trazer por Casa
(de Bernie Somers, EUA/1994, com Chevy Chase, Jack Palance, Dianne Wiest. Comédia Policial)

Segunda, 13

RTP 1
08.00 Infantil
09.15 Malha de Intrigas
10.00 Praça da Alegria
11.40 Culinária
13.00 Jornal da Tarde
13.45 Nico d' Obra
14.15 Consultório
15.15 Nas Asas do Destino
16.30 Lições do Tonecas
16.50 Amigo Público
18.15 País, País
18.55 País Regiões
19.15 A Lenda da Garça
20.00 Telejornal
21.00 Nós, os Ricos
21.35 Jogo Falado
23.00 As Chaves do Poder
(de Sidney Lumet, EUA/1986, com Richard Gere, Julie Christie, Gene Hackman, Kate Capshaw, Denzel Washington. Ver Destaque)
01.30 24 Horas
02.20 Desporto
02.50 Gente da Cidade
03.45 Máquinas

RTP 2
14.30 Informação Gestual
15.00 Volta a Espanha
16.00 Novas Aventuras de Robin Hood
17.00 Euronews
17.30 Açores
18.00 Informação Religiosa
18.30 Infantil / Juvenil
20.00 Meia de Música
20.30 Riscos
21.00 3ª Calhau a Contar do Sol
22.00 Jornal 2
22.40 Acontece
22.55 A Coroa e o País
23.30 Perigo Eminente
24.00 Retratos: «Hermínia Silva»
01.00 Meia de Música

SIC
08.00 Buêrére
10.00 Sic 10 Horas
12.00 Zázá
12.30 Malucos do Riso
13.30 Primeiro Jornal
14.00 O Juiz Decide
15.00 Você Decide
15.40 Fátima Lopes

Terça, 14

RTP 1
08.00 Infantil
09.15 Malha de Intrigas
10.00 Praça da Alegria
11.40 Culinária
13.00 Jornal da Tarde
13.45 Nico d' Obra
14.15 Consultório
15.15 Nas Asas do Destino
16.30 Lições do Tonecas
16.50 Amigo Público
18.15 País, País
18.55 País Regiões
19.15 A Lenda da Garça
20.00 Telejornal
21.00 Mr. Bean
22.00 Herman Enciclopédia
23.30 Jess
24.00 Liga dos Campeões
01.05 24 Horas
02.05 Sequest, Brigada Submarina
03.00 Obsessão
(de Brian De Palma, EUA/1976, com Cliff Robertson, Geneviève Bujold, John Lightgow, Sylvia Kuumba Williams. Ver Destaque)

RTP 2
15.00 Informação Gestual
15.45 Derrick
16.45 Documentário
17.30 Euronews
18.00 Informação Religiosa
18.30 Infantil
19.55 Hóquei em Patins: F.C. Porto-Barcelos
21.30 Remate
22.00 Jornal 2
22.40 Acontece
23.00 Febre de Sábado à Noite
(de John Badham, EUA/1977, com John Travolta, Karen Lynn Gorney, Barry Miller, Joseph Cali. Ver Destaque)
01.05 Documentário (Vida Animal)
02.00 Meia de Música

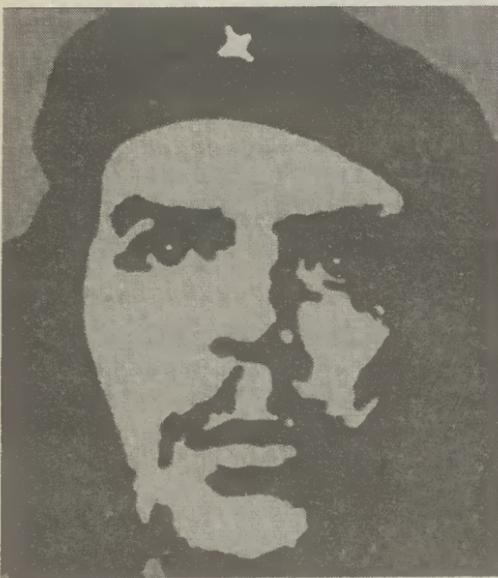
SIC
08.00 Buêrére
10.00 Sic 10 Horas
12.00 Zázá
12.30 Malucos do Riso
13.30 Primeiro Jornal
14.00 O Juiz Decide
15.00 Você Decide

Quarta, 15

RTP 1
08.00 Infantil
09.15 Malha de Intrigas
10.00 Praça da Alegria
11.40 Culinária
13.00 Jornal da Tarde
13.45 Nico d' Obra
14.15 Consultório
15.15 Nas Asas do Destino
16.30 Lições do Tonecas
16.50 Amigo Público
18.15 País, País
18.55 A Lenda da Garça
19.35 Futebol (Jogo da Liga dos Campeões)
21.40 Telejornal
22.40 Diário de Maria
23.45 Liga dos Campeões (Resumo)
01.00 Polícias
02.00 24 Horas
02.50 Desporto

RTP 2
14.30 Informação Gestual
15.00 Volta a Espanha em Bicicleta
16.00 O Caminho das Estrelas
17.05 Documentário
17.30 Euronews
18.00 Informação Religiosa
18.35 Meia de Música
19.00 Caderno Diário / Infantil
20.40 Riscos
21.05 3ª Calhau a Contar do Sol
21.30 Remate
22.00 Jornal 2
22.40 Acontece
23.00 Sinais do Tempo ou Zoom
24.00 Ópera: «A Filha do Regimento»
02.20 Em Jupiter
03.10 Meia de Música

SIC
08.00 Buêrére
10.00 Sic 10 Horas
12.00 Zázá
12.30 Malucos do Riso
13.30 Primeiro Jornal
14.00 O Juiz Decide
15.00 Você Decide
15.40 Fátima Lopes
18.00 A Força de um Desejo
19.00 Andando nas Nuvens
20.00 Jornal da Noite
21.00 A Vida das Aves



«Che Guevara e a America Latina», num documentário a transmitir esta noite pela RTP2

18.40 Meia de Música
19.00 Juvenil
20.30 Riscos
21.30 Remate
22.00 Jornal 2
22.40 Acontece
23.00 A Sangue Frio
00.35 Che Guevara
02.10 Meia de Música

SIC
08.00 Buêrére
11.30 Trapalhães
12.00 Zázá
12.30 Malucos do Riso
13.00 Primeiro Jornal
14.00 O Juiz Decide
15.00 Você Decide
15.40 Rex, o Cão Policia
17.00 Médico de Família
18.00 A Força de um Desejo
19.00 Andando nas Nuvens
20.00 Jornal da Noite
21.00 Malucos do Riso
21.30 Alice & Maravilhas
22.20 Suave Veneno
24.00 Duelo Imortal
(de Russell Mulcahy, EUA/1986, com Christopher Lambert, Sean Connery, Roxanne Hart, Clancy Brown. Fantasia / Acção)
02.30 Último Jornal
03.05 Dra. Quinn
04.05 Portugal Radical

TVI
09.00 Animação
14.40 Pérola Negra
12.20 Estrela de Fogo
13.30 TVI Jornal
14.00 Sangue do Meu Sangue
14.30 Samantha
15.30 Colégio Brasil
16.00 Animação
19.00 Asas nos Pés
20.00 Marés Vivas
21.00 Directo XXI
21.40 Especial TVI
23.15 A Bola É Nossa
01.00 Husões
(de Victor Kulle, EUA/1991, com Robert Carradine, Heather Locklear, Emma Sams, Ned Beatty. Drama)
02.30 Tal Pai, Tal Filho
02.55 O Rosto da Lei

17.00 Euronews
17.30 Documentário
18.00 Programa Religioso
19.00 Caderno Diário / Juvenil
20.30 Riscos
21.30 Remate
22.00 Jornal 2
22.40 O Relógio do Apocalipse
00.20 O Corpo Humano
00.50 Meia de Música
01.20 Amigos

SIC
08.00 Rallye da Finlândia
08.30 Buêrére
11.30 Trapalhães
12.00 Zázá
12.30 Malucos do Riso
13.00 Primeiro Jornal
14.00 O Juiz Decide
15.00 Você Decide
15.40 Buêrére
17.00 Médico de Família
18.00 A Força de um Desejo
19.00 Andando nas Nuvens
20.00 Jornal da Noite
21.00 Ponto de Encontro
22.40 Suave Veneno
23.40 Jogo Limpo
02.00 Último Jornal
02.35 Os Humanos
(de Bill Forsyth, EUA/1994, com Robin Williams, John Turturro, Vincent D'Onofrio, Lorraine Bracco. Comédia Dramática)
04.55 Portugal Radical
05.25 Vibrações

TVI
09.00 Animação
14.40 Pérola Negra
12.20 Estrela de Fogo
13.30 TVI Jornal
14.00 Sangue do Meu Sangue
14.30 Samantha
15.30 Colégio Brasil
16.00 Animação
19.00 Asas nos Pés
20.00 Marés Vivas
21.00 Directo XXI
21.40 Os Reis da Música Nacional
00.20 Quem É Júlia?
(de Walter Grauman, EUA/1996, com Jameson Parker, Jeffrey DeMunn, Mason Adams, Mare Winningham. Drama)
02.15 Tal Pai, Tal Filho
02.40 O Rosto da Lei

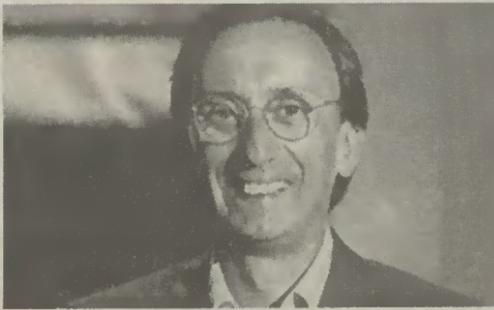


A Sic repõe - das séries aos "talk-shows"...



14.00 O Aventureiro Galante (Longa Metragem)
16.00 Big Show Sic
20.00 Jornal da Noite
21.00 Mundo VIP
22.20 Pequenos e Terríveis
23.20 Afrodisia
00.20 Desperado
(de Robert Rodriguez, EUA/1995, com Antonio Banderas, Salma Hayek, Joaquim de Almeida, Steve Buscemi. Policial / Acção)
02.30 Último Jornal
03.15 Portugal Radical

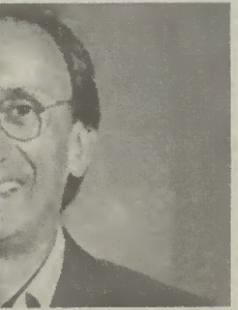
TVI
09.00 Animação
11.50 Top Rock
13.00 Contra-Ataque
14.30 Caras Lindas
16.00 Uma Família Diferente
(de Neil Cox, EUA/1999, com Andre Gregory, Jane Krakowski, Lois Smith, Mason Adams. Drama)
17.30 Uma Mulher para Dois Amantes
(de Rex Brownfield, Can./1993, com Catherine Mary Stuart, Joe Campanella, Jonathan Crowbie. Comédia)
19.10 Encontro Inesquecível
(de Blake Edwards, EUA/1987, com Kim Basinger, Bruce Willis, William Daniels, John LaRoquette. Comédia)
21.00 Directo XXI
21.40 Atrás das Grades
(de Karen Arthur, EUA/1994, com Judith Light, Stacey Keach, Kay Lenz. Drama)
23.30 Conflito Mortal
(de Michel Qissi, EUA, com Karen Sheperd, Jerry Trimble. Acção)
01.20 Sem Correntes
(de Daniel Mann, EUA/1990, com Val Kilmer, Charles Durning, Kyra Sedgwick. Telefilme Dramático)
03.25 Histórias Fantásticas



... e a RTP também

20.00 Jornal da Noite
21.00 Imagens Reais
22.00 Um Sarilho Chamado Marina
22.40 O Fura-Vidas
23.10 Lua Cheia
(de John Bailey, EUA/1994, com Ed Harris, Madeleine Stowe, Charles Dance, Benicio Del Toro, Pruitt Taylor Vince. Ver Destaque)
01.10 Último Jornal
01.45 Médicos sem Fronteiras
02.45 Portugal Radical

TVI
09.00 Animação
11.00 Programa Religioso
11.10 Missa
14.30 Caras Lindas
15.30 Estação Términus
(de George Kaczender, EUA/1998, com Anne Archer, Michael Murphy, Andrea Occhipinti. Drama)
17.30 O Segredo das Estrelas
19.00 Um Sedutor em Apuros
(de Roger Donaldson, EUA/1990, com Robin Williams, Tim Robbins, Pamela Reed. Ver Destaque)
21.00 Directo XXI
21.40 Causa Justa
22.30 Cúmes Criminosos
(de Mike Scott, EUA, com Adam Storke, Bradford Dourif, Cindy Williams. Drama)
00.30 Fargo
(de Joel e Ethan Coen, EUA/1996, com Frances McDormand, William Macy, Steve Buscemi, Peter Stromare, Harve Presnell. Ver Destaque)
02.20 Crepúsculo dos Deuses (1ª epis.)



18.00 A Força de um Desejo
19.00 Andando nas Nuvens
20.00 Jornal da Noite
21.00 Clube dos Campeões
21.30 Suave Veneno
22.30 Roda de Milhões
00.40 Alvo em Movimento
(de Damien Lee, EUA/1996, com Michael Dudikoff, Patrick Gallagher, Michelle Johnson. Acção)
02.40 Último Jornal
03.15 Ivan, o Terrível
(de Sergei Eisenstein, URSS/1944, com Mikolai Cherkassov, Serafima Birman, Mikhail Nazvanov, Pavel Kadochnikov. Ver Destaque)
05.15 Portugal Radical

TVI
09.00 Animação
14.40 Pérola Negra
12.20 Estrela de Fogo
13.30 TVI Jornal
14.00 Sangue do Meu Sangue
14.30 Samantha
15.30 Colégio Brasil
16.00 Animação
19.00 Asas nos Pés
20.00 Marés Vivas
21.00 Directo XXI
21.40 A Criatura
00.15 A Cama do Diabo
(de Sam Pillsbury, EUA/1999, com Nicolette Sheridan, Joe Lando, Adrian Pasdar. Drama)
02.00 Tal Pai, Tal Filho
02.30 O Rosto da Lei (Últ. Epis.)
03.20 Desporto



«Alice e Maravilhas»: humor, inventiva e talento - com destaque para o de Rita Blanco - surpreendentes



15.40 Fátima Lopes
18.00 A Força de um Desejo
19.00 Andando nas Nuvens
20.00 Jornal da Noite
21.00 Médico de Família
22.00 Suave Veneno
23.00 Casos de Policia
24.00 Inferno Vermelho
(de Walter Hill, EUA/1988, com Arnold Schwarzenegger, James Belushi, Larry Fishburn. Acção)
02.00 Último Jornal
02.35 Cidade Escaldante
03.35 Portugal Radical

TVI
09.00 Animação
14.40 Pérola Negra
12.20 Estrela de Fogo
13.30 TVI Jornal
14.00 Sangue do Meu Sangue
14.30 Samantha
15.30 Colégio Brasil
16.00 Animação
19.00 The Goodbye Bird
(de William Clarke, EUA/1995, com Christopher Pettie, Cindy Pickett, Concetta Tomei, Wayne Rodgers. Drama)
21.00 Directo XXI
21.40 Quero Justiça!
22.40 Fome de Sedução
(de Lizzi Borden, EUA/1992, com Sean Young, Patrick Bergin, Arnetia Walker. «Thriller»)
00.30 O Corvo
01.20 Tal Pai, Tal Filho
01.50 Aventuras no Pacífico



Os últimos episódios de «O Rosto da Lei» na TVI

22.20 Suave Veneno
24.00 A Mão que Embala o Berço
(de Curtis Hanson, EUA/1992, com Annabella Sciorra, Rebecca de Mornay, Julianne Moore. «Thriller»)
02.00 Último Jornal
02.35 Toda a Verdade
03.35 O Sexo e a Cidade
04.05 Portugal Radical

TVI
09.00 Animação
14.40 Pérola Negra
12.20 Estrela de Fogo
13.30 TVI Jornal
14.00 Sangue do Meu Sangue
14.30 Samantha
15.30 Colégio Brasil
16.00 Animação
19.00 The Goodbye Bird
(de William Clarke, EUA/1995, com Christopher Pettie, Cindy Pickett, Concetta Tomei, Wayne Rodgers. Drama)
21.00 Directo XXI
21.40 Quero Justiça!
22.40 Fome de Sedução
(de Lizzi Borden, EUA/1992, com Sean Young, Patrick Bergin, Arnetia Walker. «Thriller»)
00.30 O Corvo
01.20 Tal Pai, Tal Filho
01.50 Aventuras no Pacífico

Nota: A Redacção não se responsabiliza por alterações de horários ou conteúdos da programação realizadas pelos operadores de televisão após o fecho desta edição.

TELEVISÃO

Por isto e por aquilo...

Farinelli

(Sábado, 02.10, RTP2)

Realizado com verdadeira sumptuosidade por Gérard Corbiau, este filme conta-nos a saga, situada no século XVIII, dos dois irmãos Riccardo e Carlo Broschi, conhecidos por Farinelli: um compositor e outro cantor, talvez o mais famoso castrato da sua época. Entretanto, o abuso dos flashbacks, como processo narrativo, prejudica o fluir da linguagem cinematográfica e, na banda sonora, a digitalização das vozes de um cantor do sexo masculino e de uma cantora do sexo feminino (para melhor reproduzir a tessitura própria do castrato) é um verdadeiro absurdo, sabido como é existirem hoje vários e espantosos contra-tenores que poderiam cantar as árias escolhidas. De qualquer modo, trata-se de um filme bastante belo e minimamente recomendável.

Um Sedutor em Apuros

(Domingo, 19.00, TVI)

Alternando entre o desastrado e o muito bem conseguido, este filme de Roger Donaldson, é mais um dos habituais espetáculos de representação de Robin Williams, ao qual quase sempre acabamos por desculpar os incontroláveis tiques e o registado-a-cem-por-cento que sempre imprime às suas personagens. Mas o caso da figura a que Williams, neste caso, mete ombros não é para menos: o de um vendedor de automóveis imaginativo, que se mete em indescritíveis sarilhos por causa da sua paixão repartida por três mulheres e da necessidade de, para garantir o emprego, ter de vender, num fim-de-semana, doze automóveis!

Os Bóinas Verdes

(Domingo, 23.45, RTP2)

Produzido e realizado por John Wayne (naturalmente, sempre um motivo de atracção enquanto actor), o destaque a Os Bóinas Verdes é para aqui chamado apenas

(mas de há três semanas) na mesma TVI e é um dos melhores filmes dos irmãos Cohen (Joel e Ethan). Fargo foi rodado nas paisagens geladas do North Dakota e conta-nos uma intrigante história de raptado engendrada para resolver outra situação intrincada e cujo desfecho seria... criminoso estar aqui a revelar aos potenciais espectadores. Repleto de pequenas cenas de pormenor inesquecíveis, escrito brilhantemente (sobretudo na elaboração dos irresistíveis diálogos), eis um grande filme, uma grande comédia negra, baseada numa história real e a não perder em caso algum! Interpretações fabulosas de Francis McDormand (a mulher-policia grávida) e do «desajeitado» William H. Macy.

Ivan, O Terrível

(Segunda, 03.15, SIC)

Acabado de coroar, Ivan IV, que pretende limitar os privilégios dos boiardos, prepara-se para fazer



Um fotograma de «Ivan, O Terrível», a obra-prima de Sergei Eisenstein

face às intrigas internas da corte e do palácio. Depois de casar, leva a cabo as suas intenções e conquista Kazan. Mas, de regresso a Moscovo, cai doente e a czarina é envenenada, vítima do levantamento da oposição. Mas a vingança de Ivan, apoiado por todo o povo, será terrível! Apresentando, pelos vistos, numa única emissão da sua rubrica Os Filmes do Século as duas partes em que o filme está dividido, a SIC esconde-nos a partir das 3.15 e até de manhã Ivan, O Terrível, um dos maiores

filmes da História do Cinema! Uma obra-prima através da qual Sergei Eisenstein como que atinge o cume das suas inovadoras experiências técnicas. No dizer de Eric Rohmer, «Ivan, O Terrível» «é uma drama, é um fresco, é uma arquitectura, é uma ópera, enquanto obra capaz de, por si só, aguentar a comparação com o mais belo dos dramas, dos frescos, dos monumentos, das óperas do mundo; e, no entanto, é um verdadeiro filme que exerce um poder de fascínio sui generis». De visão (ou gravação!) mais uma vez indispensável.

Obsessão

(Terça, 02.25, RTP1)

Michael Courtland casa-se com Florence depois da guerra. Em 1959, sua mulher e filha são raptadas em Nova Orleães e é exigido um resgate. Courtland previne a polícia, os raptadores fogem com as reféns e são todos mortos num incêndio. 20 anos mais tarde, de passagem por Florença em viagem de negócios, Courtland conhece uma jovem, Sandra, que é idêntica à sua mulher, apaixonando-se por ela. Embora esta tente resistir às propostas de casamento, Courtland convence-a, no entanto, a partir com ele para Nova Orleães. E é então que, na manhã do casamento, Sandra é raptada e tudo volta a repetir-se... Um argumento soberbo, um filme impressionante, uma notável direcção de actores - Cliff Robertson, Genevieve Bujold, John Lightgow, entre outros - que catapultam Brian De Palma, de simples «aluno» de Hitchcock, para um lugar entre os grandes.

AGENDA

Eleições legislativas 1999

Iniciativas da CDU
com a participação de Carlos Carvalhas

ENCONTRO DISTRITAL DE LISBOA DA CDU

Sexta-feira, 10, às 18h30, no Hotel Alfa
(Av. Columbano Bordalo Pinheiro, junto a Sete Rios)

Apresentação pública do
COMPROMISSO ELEITORAL DA CDU
PARA O DISTRITO DE SETÚBAL

Auditório da Biblioteca Municipal da Moita, Sábado, 11, às 15h
Às 21h30 Carlos Carvalhas visita as Festas da Moita

• Almoço-convívio em Arruda dos Vinhos

Domingo, 12, às 13h
(Restaurante "O Chafariz", junto a CM)

• Visita às Festas Anuais de Sobral de Monte Agraço

(Partida do CT do PCP, às 15 horas)

• Visita à feira de Alenquer

(Início no Edifício Romeira, às 17h30)

Apresentação pública do
MANIFESTO 99 - Pacto de Insubmissão

subscrito por centenas de intelectuais
Lisboa - Palácio Galveias, dia 13 às 18h30

Encontro com a Direcção da Associação Industrial
da Região de Viseu

(no Parque Industrial de Coimbrões, Viseu) e jantar-debate com os respectivos associados no Restaurante do Edifício da Expo-Beiras (dia 14 às 20h)



Iniciativas preparatórias da Campanha Eleitoral da CDU

ENCONTRO DA CDU PORTO

"O progresso e o desenvolvimento do distrito do Porto"

Com a presença de candidatos, dirigentes da CDU, apoiantes e convidados de diferentes áreas
Rivoli / Café-Concerto - Sábado, 11 - Das 9h30 às 13h

REUNIÃO DISTRITAL DE QUADROS PARA A FRENTE DOS REFORMADOS

Terça-feira, 14, às 14h30, no CT Vitória, com Domingos Abrantes

BEJA

Comício-festa de apresentação dos candidatos CDU: dia 11 às 21h no Forum Municipal de Ourique

AMADORA

Almoço CDU no CT da Brandoa: dia 11 às 13h • Plenário de militantes da Buraca: dia 11 às 15h, no CT local • «Conversas e Copos» promovido pela Juventude CDU no CT da Amadora: dia 11 às 15h30 • Plenário de militantes da Damaia: dia 12 às 10h30 no CT da Damaia • Plenário de militantes do Sector de Empresas da Amadora: dia 14 às 18h30, no CT da Amadora • Distribuição de documentos em empresas do Concelho: dia 14 • Plenários de militantes das freguesias da Mina, S. Brás e Venteira: todos no dia 16 às 21h e no CT da Amadora

CASCAIS

Almoço e plenário da CDU da freguesia de Estoril: dia 11
• Distribuição de documentos em empresas do Concelho: dia 14

LISBOA

Plenário de militantes da freguesia de Carnide: hoje, quinta-feira, às 21h na Escola Velha do Bairro Padre Cruz • Plenário de militantes das freguesias de Encarnação, Mártires, Mercês, Sacramento, S. Paulo, Sta. Catarina: no CT Vitória, hoje às 19h30, com a participação de António Abreu • Plenário de militantes das freguesias de Ajuda, Belém, S. Francisco Xavier: dia 11, às 15h, no CT da Ajuda • Plenário de militantes das freguesias de Sto. Condestável, Sta. Isabel e S. Mamede: dia 11 às 15h no Auditório da Junta de Freguesia de Santo Condestável • Plenário de militantes da JCP da Zona Norte de Lisboa: dia 14 • Plenário de militantes de Alfama (S. Miguel e Sto. Estevão), sobre a situação política e eleições e Reabilitação Urbana em Alfama, com a participação do camarada António Abreu • Plenários de militantes Ferroviários, do Metro, da Carris: todos no dia 15 às 18h30, no CT Vitória • Plenário de militantes da célula da CML, com a participação do camarada Francisco Lopes: dia 16 às 19h no CT Vitória • Plenário de militantes Bancários: dia 16 às 18h30, com Vítor Dias

LOURES

Plenário de militantes do Sector de Empresas de Loures - hoje, quinta-feira, no CT de Sacavém, com a participação de Alexandre Teixeira • Sacavém - Acções nos mercados e visita de candidatos, eleitos e activistas da CDU à

Fonte Perra (dia 11) e à Quinta de Património (dia 12) • Reunião de mulheres CDU de Sacavém: dia 16 no CT de Sacavém

MAFRA

Distribuição de documentos no Mercado da Malveira: dia 16 às 9h

ODIVELAS

Plenários de militantes das freguesias, para debate dos aspectos políticos e das acções de intervenção eleitoral no concelho: Pontinha, dia 9 (hoje) às 21h30, no Centro de Dia da 3ª Idade, com a participação do camarada Francisco Pereira; • Olival Basto, dia 10, às 21h30, Centro de Dia da 3ª Idade, igualmente com Francisco Pereira; • Ramada, dia 10, antigas instalações da Assembleia de Freguesia; • Famões, dia 10, às 21h30, na Sala da Assembleia de Freguesia; • Odivelas, dia 14 às 21h30 no CT; • Póvoa de Sto. Adrião, dia 17 às 21h30, na Junta de Freguesia; • Caneças, dia 22, às 21h30, no CT local.

OEIRAS

Plenários de militantes das freguesias de Oeiras (CT de Algés, 21h) e de Barcarena/Tercena (CT de Tercena, 21h), ambos hoje. • Plenário de militantes da freguesia de Carnaxide: no CT do PCP, hoje às 21h • Jornada de distribuição de documentos em empresas do Concelho de Oeiras, ao longo do dia: dias 13, 14, 15 e 16 • Plenário de militantes da freguesia de Porto Salvo: dia 11 às 15h no CT local • Plenário de militantes da freguesia de Queijas: dia 11 às 15h no CT de Queijas • Plenário de militantes da freguesia de Tercena: dia 17 às 21h no CT de Tercena

SINTRA

Distribuição de documentos em empresas do Concelho: dias 14, 15 e 16

VILA FRANCA DE XIRA

Plenário de trabalhadores promovido pelo Sector de Empresas de V.F. Xira, seguido de um convívio com Jerónimo de Sousa: dia 11, no Refeitório da Câmara • Plenário de militantes de Vialonga: dia 11 às 16h, no CT de Vialonga, com a participação do camarada José Vitoriano



Francis McDormand é a brilhante mulher-policia em «Fargo», filme dos irmãos Joel e Ethan Coen

como prevenção - já que se trata de um filme primário, fascista e agressivamente militarista, uma peça de ludíbrio e propaganda perpetrada com as exclusivas intenções de cobrir os (des)ânimos da rectaguarda, num período em que a Guerra do Vietname e a contestação de múltiplos sectores da opinião pública norte-americana atingiam o seu ponto mais alto. Para perceber, também, ao serviço de quê e de quem pode estar o cinema.

As Chaves do Poder

(Segunda, 24.00, RTP1)

Grito de revolta contra os meandros de corrupção dos poderosos. As Chaves do Poder não pode figurar, entretanto, no número dos grandes filmes de denúncia a que nos habituou um cineasta liberal, exemplar pela verticalidade das suas obras, como é Sidney Lumet. De facto, é de todo incrível a personagem principal de um promotor de políticos (independentemente dos seus credos ideológicos) que passa todo o filme a ser caracterizado como um crápula sem princípios e, subitamente, se transforma na mais honesta e cândida das criaturas pela simples ocorrência de práticas duvidosas por parte de um seu cliente... Louvem-se de qualquer maneira as boas intenções deste filme com Richard Gere e Julie Christie nos principais papéis.

Fargo

(Domingo, 00.30, TVI)

Já esteve programado, também para um domingo

ATAQUE DE FOICE

Timor

A tragédia que se está a viver em Timor é de uma indignidade sem nome. A comunidade internacional inteira, sem excepção nem evasiva possível, assiste em directo ao genocídio de um povo pelas mãos da bestialidade organizada de um regime, ele próprio nascido da infâmia e estruturado em décadas de crime. Desta vez, o mundo dos homens não pode invocar ignorância dos factos ou escassez de informação sobre o que se está a passar em Timor. Em tempo real, as imagens da barbárie e do terror entraram nas casas de toda a gente mostrando assassinios em directo, sangue vivo a morrer no asfalto, torcionários indonésios a rir-se para as câmaras, multidões indefesas a serem massacradas à mesa onde nos reunimos com a família. Mas se o mundo não pode ignorar a catástrofe, muito menos pode esquecer os seus responsáveis, que são vários e estão identificados.

É o caso, obviamente, do regime indonésio, uma agremiação criminosa organizada à volta de um psicopata que tomou o poder chacinando milhões de compatriotas. Estamos a falar do ditador Suharto, o homem-de-mão dos EUA que se instalou no poder na Indonésia há mais de 30 anos para garantir o saque do seu país a favor do imperialismo, dele próprio e da mafia que organizou para dirigir o vasto arquipélago. Apesar de afastado recentemente do poder, é o seu regime de crime organizado que pôs em execução o genocídio dos timorenses actualmente em curso, numa premeditação tão arrepiante como a que o levou a invadir Timor Leste há 24 anos e a chacinhar um terço da sua população.

Mas há também o caso da ONU que, após duas décadas de indiferença pela tragédia timorense, pôs finalmente em andamento um processo de consulta popular tutelado por si própria para, realizado o escrutínio com uma inquestionável vitória da independência do território, abandonar Timor Leste e o seu povo à selvajaria dos opressores, escudada em dilações diplomáticas que, na prática, estão a deixar as mãos livres à bestialidade indonésia.

Mas é, sobretudo, o caso do Conselho de Segurança das Nações Unidas, o núcleo duro que detém o efectivo poder de decisão da ONU. As últimas informações são as mais sinistras: a representação da UNAMET que ainda se mantém em Díli vai ser evacuada e a delegação do Conselho de Segurança que se deslocou a Jacarta na presunção de impor às autoridades indonésias um fim da barbárie que as suas forças armadas estão a perpetrar no território, parece continuar enredada na chocante falta de vontade em pôr tropas em Timor que sustentam o holocausto. O panorama é, literalmente, um só: caso não haja uma intervenção militar internacional em Timor Leste nas próximas horas, o regime indonésio completará o seu plano de destruição do povo timorense e de arrasamento do país, numa inacreditável bestialidade que escarnece, a um passo, de toda a comunidade internacional e dos mais elementares princípios de humanidade.

Quando se sabe como este mesmo Conselho de Segurança foi célere e determinado a desalojar as tropas de Saddam Hussein do Kuwait, não olhando a meios para preservar os seus interesses no petróleo da região, ou como se deixou ir à ilharga dos EUA na recente destruição da Jugoslávia para dominar os Balcãs sob o pretexto da defesa dos direitos humanos alegadamente violados no Kosovo, é de uma infâmia sem medida esta passividade do Conselho de Segurança perante a tragédia de Timor, cerzida de conluíus e interesses sórdidos.

Resta-nos confiar na indignação dos povos que se está a erguer por todo o lado. Tem de ser ela, mais uma vez, a impor aos que governam o mundo limites à sua baixez, obrigando-os a agir.

■ Henrique Custódio

Timor-Leste

A morte saiu à rua

«Nenhuma violência, nenhum acto de terror pode destruir o que o nosso povo construiu democraticamente», afirmou Xanana Gusmão, em conferência de imprensa, horas depois de ter sido libertado. Palavras que testemunham da esperança e da realidade profundamente dramática que marcam nestes dias a vida em Timor-Leste. Em Díli, a morte saiu à rua. A lei marcial foi imposta por tempo indeterminado. A capital timorense está isolada do mundo exterior.

De Timor, as notícias que nos vêm falam de morte, de perseguições, de «um verdadeiro inferno», nas palavras de Leandro Isaac, coordenador do Conselho Nacional da Resistência Timorense (CNRT) em Díli. Um inferno em que são os próprios militares indonésios que incendiam as casas e matam as pessoas.

Testemunhos que se repetem, apesar do silêncio que as autoridades indonésias tentam fazer cair sobre a ilha. Em comunicado divulgado pela resistência na Austrália, alerta-se para a possibilidade de «mais de 200.000 timorenses» poderem vir a ser chacinados no «novo genocídio» iniciado sábado.

«A Indonésia está a destruir a estrutura social de Timor-Leste - denuncia o CNRT - destruindo famílias, forçando dezenas de milhares de pessoas a ir para campos de concentração e obrigando outras a deixar as suas localidades e a partir para as montanhas».

O dirigente da Fretilin, Mari Alkatiri, alertou para a possibilidade de os timorenses transportados em camiões para Timor Ocidental estarem a ser executados e defendeu que o Conselho de Segurança das Nações Unidas deve aprovar uma «resolução executiva» que vincule a Indonésia a aceitar uma força de intervenção em Timor-Leste.

Estas denúncias das forças da resistência coincidem com as das organizações internacionais. O Alto Comissariado para os Refugiados (ACNUR) calcula que o

número de deslocados da zona oriental para a zona ocidental de Timor seja da ordem das 43 mil pessoas. Ian Martin, chefe da UNAMET, referiu, por seu lado, que os refugiados não estão genuinamente em fuga de Timor-Leste, mas estão a ser forçados a deixar o território pelos militares indonésios e pelas milícias para criarem a impressão de cidadãos em fuga de uma guerra civil.

«Trata-se de uma limpeza política», considera David Wilmhurst, porta-voz da Missão das Nações Unidas em Timor-Leste. «Os soldados das Forças Armadas Indonésias (TNI) e as milícias estão a ir de casa em casa a buscar as pessoas e a transportá-las para Timor Ocidental», afirmou.

Em comunicado difundido na Austrália, o CNRT revelou ter informações de que entre 30 mil a 40 mil soldados estão concentradas na fronteira de Timor-Leste a preparar uma invasão do território.

Escassas horas «depois dos timorenses terem comemorado a vitória da independência, a Indonésia está a preparar um plano de genocídio e de desintegração social para literalmente matar o movimento independente», denuncia a resistência.

Governos tentam ignorar «Operação limpeza total»

Todos estes dados parecem confirmar o plano secreto da Indonésia, referido nas páginas do jornal australiano «Sydney Morning Herald».

Entretanto, os governos dos países dominantes no Conselho de Segurança da ONU continuam reticentes numa tomada de posição firme, numa altura em que começa a surgir a confirmação de que a onda de terror instalada no território faz parte de um plano arquitetado pela Indonésia.

«Operação limpeza total» é a designação do plano que as autoridades indonésias terão delineado, há vários meses, no caso de se concretizar a previsível vitória do sim à independência.

O plano previa, como está a ocorrer, a deslocação maciça das populações para Timor Ocidental, o assassinato dos que se recusam a abandonar as suas casas, a liquidação dos quadros e das forças da resistência, ataques aos representantes da Igreja católica e locais de culto. Este plano terá começado a ser aplicado com a criação, em Março passado, da milícia Aitarak, em Díli.

Acerca da divisão de Timor-Leste, o plano prevê que a parte ocidental do território, a mais fértil e rica em café, seja pura e simplesmente integrada na província indonésia de Timor Ocidental, restando

a parte leste, mais pobre e árida, para o povo de Timor-Leste.

Perante este cenário, tudo o que o Conselho de Segurança da ONU decidiu fazer até ao momento foi enviar uma delegação de cinco elementos para Jacarta.

Entretanto, em diversos países - como aqui, em Portugal - a solidariedade com o povo maubere começa a concretizar-se em manifestações e iniciativas várias.

Os sindicatos de transporte de todo o mundo admitem avançar para uma imposição de sanções comerciais alargadas, num boicote mundial contra a Indonésia, em protesto contra a situação que se vive em Timor-Leste.

Uma resolução nesse sentido foi já aprovada pela Federação Internacional de Transportes e sindicatos membros desta federação têm vindo a apelar aos trabalhadores e seus sindicatos para que desenvolvessem «acções concretas para impedir o banho de sangue em Timor-Leste».

Numa primeira acção, o sindicato marítimo australiano anunciou que vai impor sanções e proibições à transferência de carga para qualquer navio indonésio na Austrália. Os boicotes coincidem com uma série de manifestações em várias cidades australianas.

Também na Indonésia se levantam vozes contra a violência em Timor-Leste e em defesa de uma presença da ONU na ilha.



Manifestação por Timor em Lisboa

Centenas de pessoas juntaram-se, anteontem, junto da representação da ONU em Lisboa, numa concentração de solidariedade com Timor, empunhando cartazes, gritando palavras de ordem contra a Indonésia e exigindo a presença de uma força internacional em Timor que impeça as acções das milícias.

A jornada foi convocada pela CGTP-IN, o Conselho Português para a Paz e Cooperação e a Fenprof, entre outras organizações, e apoiada nomeadamente pelo PCP, JCP, «Os Verdes» e por todos os partidos com assento parlamentar.

Os organizadores exigem que a ONU «assuma todas as suas responsabilidades e faça chegar a Timor uma força de estabelecimento e manutenção da paz, com o objectivo de parar



PCP exige força militar internacional

À saída da audiência com o Presidente da República, na terça-feira, Carlos Carvalhas exigiu o envio de uma força militar internacional para Timor-Leste e afirmou que a libertação de Xanana Gusmão «é uma boa notícia dentro da maré de más notícias a que se tem assistido».

No entanto, «vem tarde» e «revela alguma hipocrisia da Indonésia e da própria comunidade internacional», já que a demora desta em responder à tragédia representa o «descrédito» das Nações Unidas, do Conselho de Segurança, dos EUA e de organizações como o Banco Mundial e o FMI.

«O que estamos a assistir de terror e morte não pode deixar de chocar mesmo o espírito mais insensível e mais frio», afirmou o líder comunista na ocasião.

os massacres e assegurar a transição de Timor para a independência». No Porto, realizou-se no mesmo dia uma vigília na Praça da Batalha, apoiada pela DORP do PCP. Estava prevista para ontem uma paralisação simbólica de três minutos, proposta pela CGTP a todos os trabalhadores.

Entretanto, o PCP propôs, na segunda-feira, durante a conferência de líderes parlamentares na Assembleia da República, a aprovação de um «apelo de Portugal aos parlamentos do mundo em defesa da liberdade de Timor», com o objectivo de «incentivar os parlamentos a terem uma intervenção activa e urgente junto dos respectivos governos».

Também Carlos Carvalhas manifestou o seu repúdio pelos acontecimentos em Timor e reclamou o fim das acções violentas cometidas pelas milícias e o seu rápido desarmamento e dissolução.

